

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Elaine Aparecida Machado Marum de Oliveira

**A NOÇÃO DE COMUNIDADE NA ESCOLA RURAL: UM ESTUDO A
PARTIR DE GIANNI VATTIMO E ANTONIO CANDIDO.**

SOROCABA/SP

2009

Elaine Aparecida Machado Marum de Oliveira

**A NOÇÃO DE COMUNIDADE NA ESCOLA RURAL: UM ESTUDO A
PARTIR DE GIANNI VATTIMO E ANTONIO CANDIDO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota.

SOROCABA/SP

2009

O46 n Oliveira, Elaine Aparecida Machado Marum de
A noção de comunidade na escola rural : um estudo a partir de Gianni Vattimo e Antonio Candido / Elaine Aparecida Machado Marum de Oliveira. – Sorocaba, SP, 2009.
136f. ; il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba,
Sorocaba, SP, 2009.

Contém bibliografias.

1. Comunidade rural. 2. Educação e comunidade. 3. Escola rural. 4. Religiosidade. I. Reigota, Marcos Antonio dos Santos, orient. II. Título. III. Um estudo a partir de Gianni Vattimo e Antonio Candido. IV. Universidade de Sorocaba.

Elaine Aparecida Machado Marum de Oliveira

**A NOÇÃO DE COMUNIDADE NA ESCOLA RURAL: UM ESTUDO A
PARTIR DE GIANNI VATTIMO E ANTONIO CANDIDO.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA:

Ass. _____
Pres.: Prof^o Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota. UNISO.

Ass. _____
1^o Exam.: Prof^o. Dr. Paulo Celso da Silva-UNISO.

Ass. _____
2^o Exam.: Prof^a.Dr^a. Eliete Jussara Nogueira-UNISO.
Ass. _____

Dedico esse trabalho ao meu esposo Reinaldo Marum de Oliveira, que me incentivou ao mestrado e me fez acreditar que podemos concretizar com perseverança os nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que está todos os dias ao meu lado me conduzindo e iluminando com sua sabedoria.

Ao meu esposo Reinaldo pela compreensão e pelo incentivo em todos os momentos.

Ao meu pai José Paulino Machado que me ensinou a ter paciência.

A minha mãe que me ensinou a mais bela lição, que é a capacidade de amar incondicionalmente.

Ao amigo Francisco que me abriu as portas do conhecimento.

Aos meus amigos e amigas da E.E. Prof^a. Theodora de Camargo Ayres pelas palavras de incentivo.

Aos meus amigos do mestrado, em especial Elisangela, Eder e Antonio pelo carinho que me transmitiram todos os dias.

Ao professor Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota por acreditar em minha capacidade e me transmitir além de seus saberes, segurança e força.

Ao professor Dr. Wilson Sandano pela dedicação a todos os mestrandos.

Aos professores (as) do Mestrado em Educação por compartilharem conosco saberes e vivências, em especial ao professor Dr. Luis Carlos Barreira que me fez ver a realidade com outras perspectivas.

A Prof^a. Dr^a. Eliete Jussara Nogueira e ao Prof^o. Dr. Paulo Celso da Silva pelas correções pertinentes.

A todos os funcionários e funcionárias da UNISO, em particular a equipe da biblioteca que com serenidade atenderem sempre as solicitações.

A E.E.Miguel Pires Godinho, direção, coordenação, professores (as), alunos (as), que me acolheram e contribuíram com a pesquisa de forma significativa.

Aos moradores e as moradoras da comunidade dos Garcias pelo agradável acolhimento em suas casas.

Ao amigo Paulo pela disponibilidade e ajuda.

As amigas Alzira e Esther pelas sugestões na dissertação.

A Vilma pela atenção dispensada no esclarecimento de dúvidas.

A Diretoria de Ensino de Votorantim, em especial as supervisoras Sandra e Cleide, pela agilidade no processo da bolsa mestrado e pela tolerância.

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo pelo financiamento do mestrado.

A todos (as) eterna gratidão.

UBUNTU, palavra em língua zulu, expressa o pensamento presente em diferentes culturas africanas de que a constituição das pessoas enquanto seres humanos está estreitamente ligada às suas comunidades. Neste caso, comunidade é muito mais do que o lugar onde moramos e sua vizinhança. É, sobretudo o jeito de ser, de viver, de pensar, de interpretar a vida, o trabalho, a convivência entre pessoas, construídos em conjunto, ao longo da história. Esta maneira própria de ver o mundo reúne homens e mulheres a partir da tradição comum, que os orienta na edificação de um futuro sempre mais humano. Futuro em que cada um e todos vão construindo e fortalecendo a sua vida, enquanto constroem e fortalecem a sua comunidade.

(SILVA, 1998, p. 3)

Os saberes e as práticas só fazem sentido quando compartilhados e usados em prol da solidariedade, da justiça e da cultura de paz.
Carta das Responsabilidades Humanas

RESUMO

Este trabalho apresenta a Noção de Comunidade na Escola rural, porém a investigação contemplou a cultura em torno do espaço escolar, pois as manifestações culturais e sociais desse contexto, possibilitaram a descrição de assuntos pertinentes, como a religiosidade e as transformações sociais que ocorreram na zona rural. Nortearam a investigação noções de comunidade nas obras de autores, como Gianni Vattimo, Roberto Esposito e Martin Buber, partindo dos princípios defendidos pelos mesmos, trilhou-se o processo de coleta de informações.

A condução dos métodos de pesquisa partiu da leitura do livro de Antonio Candido, “Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida”, onde o autor participou da vida cotidiana dos homens e das mulheres da zona rural. Foram realizadas visitas aos moradores do bairro dos Garcias, no município de Piedade – SP. Os mais velhos narraram como era a vida antigamente e os mais jovens relataram como é a vida atualmente, a vida religiosa, o lazer, o trabalho e a cultura. Nesse contexto, foi identificado que a religiosidade é um fator determinante na vida comunitária, as atividades realizadas na igreja reúnem os habitantes, independente da fé que professam. Para tratar esse tema, recorreu-se aos textos sobre religião de Gianni Vattimo, que possibilitaram uma melhor interpretação da permanência e do reavivamento das igrejas na zona rural.

Ao detectar que a escola exerce uma influência significativa nessa realidade, foram realizadas visitas na E.E. Miguel Pires Godinho, onde estudam adolescentes, jovens e adultos. Nos encontros com a equipe escolar foi possível detectar as estratégias utilizadas pelos mesmos para privilegiar no espaço escolar, a cultura rural, e ao mesmo tempo levar para a comunidade os saberes escolares. Para coletar informações sobre o cotidiano escolar, foram ouvidos os relatos dos professores e dos alunos, que descreveram os projetos que são voltados para a zona rural e narraram o dia-a-dia na escola. Esse processo dialógico tornou possível a conclusão de que a escola em interação com a comunidade promove o significado de compartilhamento e pertencimento.

Palavras-chave: Comunidade, cultura, diálogo, religiosidade, cotidiano escolar.

ABSTRACT

This work represents the Notion of Community at Rural Schools but the investigation contemplated the culture surrounding the school environment, that is, the cultural and social manifestations within this context enabled the description of pertinent subjects, such as religiousness and the social transformation that took place in the rural area. Authors like Gianni Vattimo, Roberto Esposito and Martin Buber were the guiders on the search on community notions, since the investigation followed the principles supported by them on the process of gathering information.

The conduction of the research methods was led after reading the book by Antonio Candido, "Os Parceiros do Rio Bonito" (Rio Bonito Partners). A study about the paulista redneck and the transformation on their way of living, where the author participated in the men and women daily lives in the rural areas. People who live in Garcias, a neighborhood in the rural area of Piedade - São Paulo, were visited for the gathering of information about the elderly and youngsters lives in the past and in the present times and also information on religiousness, leisure, work and culture. In this context, religiousness plays a major role in the community life, since these activities get people together, no matter what religion they profess. Texts on religion, by Gianni Vattimo, were used to deal with this subject which enabled a better interpretation on the permanence and the revival of the churches in the rural areas.

The school E.E. Miguel Pires Godinho, where teenagers, young adults and adults attend classes, was visited and it was detected that it plays an important role on this issue. In the meetings with the school staff it was possible to realize the strategies used by them to privilege in the school environment, the rural culture, and at the same time, aware the community the scholastic knowledge. In order to gather information on the scholar daily life, we took notes the teachers' reports that described the projects that are aimed to the rural areas and describe the day-by-day life at school. This dialogic process enabled the conclusion that the school interaction with the community promotes the meaning of sharing and belonging.

Key words: Community, Culture, Dialog, Religiousness, Everyday school life.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 MINHA TRAJETÓRIA..... | 19 |
| 3 NOÇÕES DE COMUNIDADE..... | 34 |
| 3.1 A noção de comunidade em Gianni Vattimo..... | 34 |
| 3.2 A noção de comunidade nas obras de Martin Buber..... | 36 |
| 3.3 A relação comunidade e escola nas obras de Martin Buber..... | 43 |
| 3.4 Análise de Newton A. von Zuben sobre livro Eu e Tu..... | 45 |
| 3.5 A comunidade nas obras de Roberto Esposito..... | 49 |
| 4 A RELIGIOSIDADE NA ZONA RURAL..... | 53 |
| 4.1 A religião nas obras de Gianni Vattimo..... | 53 |
| 4.2 A relação dialógica do pensamento religioso de Vattimo e von Zuben | 57 |
| 4.3 Comunidade e religiosidade..... | 63 |
| 5 A CULTURA RURAL..... | 70 |
| 5.1 Definição de cultura..... | 70 |
| 5.2 A cultura caipira em “Parceiros do rio bonito” de Antonio Candido..... | 71 |
| 5.3 As narrativas dos moradores da comunidade dos Garcias..... | 78 |
| 5.3.1 Narrativa de vida de Francisco Castanho..... | 78 |
| 5.3.2 As histórias de David Godinho de Oliveira..... | 84 |
| 5.3.3 A trajetória de Antonia Torres..... | 87 |
| 5.3.3 A vida de Josefina Castanho..... | 88 |
| 5.4 O cotidiano na comunidade rural..... | 90 |
| 6 A PRESENÇA DA ESCOLA NA COMUNIDADE RURAL..... | 94 |
| 6.1 A educação contemporânea entre a epistemologia e a hermenêutica.... | 94 |
| 6.2 Sala de aula: da angústia do labirinto à fundação da liberdade..... | 97 |
| 6.3 Todo processo de avaliação da educação deve contar com a participação dos professores..... | 98 |
| 6.4 Reflexões de Ana Maria Araújo Freire sobre a educação pós- Moderna..... | 100 |
| 6.5 A escola em interação com a comunidade..... | 103 |
| 6.6 Experiências do cotidiano escolar..... | 110 |
| 6.7 Roda de conversa com os alunos e as alunas..... | 116 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 126 |
| REFERÊNCIAS..... | 135 |

1 INTRODUÇÃO

A partir do momento que escolhi o tema da pesquisa: A noção de comunidade na escola rural; busquei princípios para refletir sobre a importância da mesma diante do cotidiano escolar.

Em se tratando de enfatizar a escola rural, pretendo narrar a minha formação educacional, cultural e social, onde mesmo estudando no campo, os conteúdos vinham prontos e não retratavam a nossa realidade. Tenho como exemplo a cartilha, que continha um texto e uma ilustração do sítio da vovó, o qual não tinha nada de semelhante com o sítio da minha avó. Penso que na atualidade o ensino não se faz diferente, pois, como educadora, observo que os conteúdos propostos são iguais para toda a rede de ensino, tanto nas escolas urbanas quanto rurais, visto que pouco tempo resta para trabalhar a cultura que circula pelo espaço escolar.

No processo de pesquisa encontrei caminhos que proporcionaram o encontro com autores de grande valor, não somente para a minha dissertação, mas para todos aqueles que buscam contemplar no ambiente escolar a realidade que cerca a escola, independente do local. O objetivo foi buscar o sentido de comunidade em meio à cultura rural, refletindo assim seu papel dentro da escola.

Martin Buber em suas obras introduziu a noção de que a vida em comunidade deve acontecer num processo dialógico, no encontro com o outro, na reciprocidade e na relação:

A verdadeira comunidade não nasce do fato de que as pessoas têm sentimentos umas para com as outras (embora ela possa, na verdade, nascer sem isso); ela nasce de duas coisas: do fato de estarem todos em relação viva e mútua com um centro vivo e de estarem unidos uns aos outros em uma relação viva e recíproca... A comunidade edifica-se sobre a relação viva e recíproca, todavia o verdadeiro construtor é o centro vivo e ativo. (BUBER, 1974, p. 53)

Onde há o encontro com o outro se inicia o processo Eu - Tu, ou seja, nasce o diálogo, nasce a comunidade, porém Buber vai além quando afirma que existem três esferas e isto acontece na relação com os seres da natureza, com os homens e com as essências espirituais. Nesse sentido, a vida comunitária engloba todas as esferas propostas pelo autor. É nessa perspectiva que acredito que o tema contribuirá para o conhecimento sobre o cotidiano escolar rural, pois dentro da

realidade que apresento, a interação deve se realizar através do encontro, e o diálogo se estabelecerá no dia-a-dia. Esta experiência tem a finalidade de transpor as barreiras do preconceito em relação às culturas diferentes.

Para a coleta de informações desta dissertação revi a minha própria trajetória, a realidade rural que cercou o meu cotidiano, observei e participei de momentos do dia-a-dia na comunidade e na escola rural.

Foi o que narrei no segundo capítulo, enfatizando as raízes da minha origem rural, sendo bisneta de tropeiros, lavradores e comerciantes que estabeleceram suas terras no bairro dos Garcias e dos Ortizes, no município de Piedade, no Estado de São Paulo, assim vivenciei a cultura rural, a religiosidade, as histórias e as dificuldades financeiras.

Ao estudar na escola da comunidade, dividi os estudos com o trabalho e a lavoura. Da minha turma escolar, estou entre os 3 alunos que continuaram os estudos; os demais não prosseguiram e hoje são lavradores (as), comerciantes, alguns e algumas, depois de adultos (as), concluíram o Ensino Médio na cidade. Outros (as) estão concluindo o estudo atualmente no EJA (Ensino de Jovens e Adultos) que está sendo oferecido pela escola Estadual Miguel Pires Godinho, no bairro dos Ortizes.

Essa trajetória se concretiza hoje no mestrado, onde a cultura rural que se fez presente em toda a minha narrativa será contemplada privilegiando a presença da escola e a religiosidade que norteiam o sentido de comunidade.

No terceiro capítulo foram analisadas as noções de comunidade nas obras de Gianni Vattimo, Martin Buber, e Roberto Esposito, com o objetivo de especificar as definições e os significados desse conceito para autores que priorizam o sentido comunitário em suas obras, pois ao retratar a vida comunitária na zona rural não se pretendeu destacar a vida em grupo, o coletivismo ou a partilha dos bens materiais, mas o que se buscou enfatizar no contexto estudado foi a forma pela qual os homens e as mulheres se relacionam, a maneira pela qual ocorre o encontro dialógico, o respeito pelo outro enquanto Tu, como afirma Martin Buber.

Nessa perspectiva, Esposito defende a comunidade como um encontro onde ocorre o desprendimento e o esvaziamento do seres. Para Vattimo, quando compartilhamos emoções, sentimentos, opiniões ou quando declaramos a beleza de

determinada obra ou objeto, estamos vivenciando o belo como experiência comunitária.

Assim as noções de comunidade dos moradores do bairro dos Garcias passaram a ter um significado diante dos teóricos que direcionaram a pesquisa.

O quarto capítulo especificou a religiosidade na zona rural, que é um fator determinante da vida comunitária. Em torno da igreja ocorrem encontros, partilhas e atos de solidariedade que vão além da capela.

Contribuíram para fundamentar esse tema sobre religião, as obras de Gianni Vattimo, pois o autor coloca em debate a religiosidade nos dias atuais, fazendo contraponto à sociedade e suas transformações com o retorno da religião, ou seja, o surgimento de igrejas, seitas, doutrinas, movimentos e afirmação de identidades, grupais, tribais, étnicas e comunitárias como recusa da modernidade.

Nesse aspecto Vattimo e von Zuben colocam em discussão a tecnociência e a bioética, como fatores que devem ser dialogados em vários segmentos da sociedade, nas igrejas, nas comunidades científicas, na medicina e entre os próprios cidadãos e cidadãs, visto que assuntos globais também fazem parte da realidade de grupos locais e minoritários.

A dissertação Mestrado: “Comunidade, Etnia e Religião: Um estudo de caso na Barragem de Itá (RS/SC)”, de Sandra Faillace foi norteadora da minha investigação, pois a autora pesquisou a noção de comunidade numa região que estava prestes a ser alagada pela Usina Hidrelétrica, era habitada por colonos de origem italiana, alemã e polonesa, os quais também professavam religiões diferentes: eram protestantes, evangélicos e católicos, - estes, portanto, demonstravam a religiosidade como vínculos comunitários e temiam pelo seu fim.

A análise da dissertação permitiu estabelecer as semelhanças entre a região investigada pela autora no povoado de Sarandi, Aratiba- RS com a comunidade dos Garcias no município de Piedade-SP, pois ambas determinam a noção de comunidade vinculada a religiosidade.

No quinto capítulo foi priorizada a cultura rural, apresentando assim suas mudanças e permanências ao estabelecer um paralelo com o livro “Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida”, de Antonio Candido, que fez seus estudos nas décadas de 1940 e 1950,

ênfatizando os costumes, a religiosidade, as moradias, a alimentaçaõ, as formas de trabalho e as histórias.

Partindo da leitura do livro, organizei minha investigaçaõ sobre as características da comunidade rural do bairro dos Garcias. Através do diálogo com os (as) moradores (as) foi possível ver as semelhanças em relaçaõ à obra, as transformaçoẽs e as especificidades do local investigado.

Os relatos do seu Francisco, seu Davi, dona Antonia e dona Josefina, apresentaram a cultura e os costumes da comunidade em seu início, ênfaticaram a religiosidade, os mutirões e a solidariedade em meio as dificuldades econômicas, destacaram as histórias que para nós hoje sãõ as lendas do boitatá, da mula sem cabeça e do saci, mas para eles foram fatos verdadeiros.

Contemplei a comunidade atual, que possui características diferentes das histórias narradas. Devido ao crescimento populacional e a modernidade, muitos costumes sãõ preservados somente pelas pessoas mais velhas. A maioria dos habitantes trabalha na lavoura, mas, devido à falta de perspectiva de melhores condiçoẽs de vida, algumas pessoas buscam o trabalho em outros setores na cidade.

Introduzindo o sexto capítulo, apresentei textos de autores que retratam a educaçaõ contemporânea, buscando assim estabelecer uma relaçaõ entre a escola investigada e seus métodos de ensino, aprendizagem e avaliaçaõ com as afirmaçoẽs defendidas principalmente por Gianni Vattimo, Newton Aquiles von Zuben, Jean-Marie De Ketele e Ana Maria Araújo Freire.

Para Gianni Vattimo a educaçaõ exerce um papel fundamental para a formaçaõ profissional e principalmente para a formaçaõ de cidadãos e cidadãs. Nesse processo, além de preparar os (as) estudantes para serem trabalhadores (as) com visãõ global, deve priorizar a formaçaõ de homens e mulheres do mundo, com capacidade de respeitar as diferenças.

Newton Aquiles von Zuben afirma que a sala de aula deve ser o espaço de diálogo, de libertaçãõ da aculturaçaõ. Nela, alunos (as) devem expor suas ideias, expressar seus sentimentos e suas opiniões. Deve-se, portanto repensar a escola enquanto local de manifestaçaõ cultural e social. O processo avaliatório foi discutido no texto de Jean-Marie De Ketele, que sugere que a avaliaçaõ deve ser organizada

pelos (as) próprios (as) professores (as), partindo da realidade de cada local, sendo também os (as) mesmos (as) que corrigem, pois conhecem cada aluno (a) e suas particularidades.

Para Ana Maria Araújo Freire, os (as) educadores (as) devem respeitar os conhecimentos dos (as) alunos (as) adquiridos na realidade à qual pertencem, uma vez que a aprendizagem deve ser significativa para os (as) mesmos (as), reconhecendo, portanto, a identidade cultural do local onde a escola está inserida.

O capítulo também foi dedicado à presença da escola na comunidade rural. Percebeu-se que a escola Estadual Miguel Pires Godinho é de grande importância para a comunidade, pois sendo localizada na estrada que liga os bairros dos Ortizes, Garcias, Castanho, Limal, Juruparazinho e Sítio São Benedito, atende estudantes da faixa etária dos 10 aos 67 anos de idade. A comunidade rural tem muito a contribuir com a educação local, principalmente no que se refere à cultura, à religiosidade, ao sentimento de solidariedade e pertencimento.

A escola inserida nesse contexto nada perde ao incorporar a historicidade e as manifestações culturais e sociais dentro do currículo, na verdade torna-se viva e em movimento. Sabendo que no cotidiano escolar existe uma pluralidade de opiniões, as quais devem ser contempladas nas práticas, minha pesquisa vem ao encontro da necessidade de trazer essa diversidade para a aprendizagem.

Nesse sentido a pesquisadora Bárbara Heliodora S. P. Prado destacou a importância da valorização da cultura e dos saberes rurais para o desenvolvimento da educação, e afirmou que é necessária uma formação de professores (as), currículos e metodologias que atendam as necessidades da escola rural, sendo que esse foi um dos fatores encontrados na pesquisa que impedem uma maior interação comunidade-escola. A partir desta pesquisa foi possível observar que os mesmos princípios que norteiam a vida comunitária são introduzidos na escola pelos pais, mães e demais moradores (as), que realizam mutirões para a manutenção da escola, contribuem nas festas realizadas pela equipe escolar, doam o trabalho, alimentos e animais para as roletas e rifas, sendo estes, portanto fatores de união.

Foi constatado que as atividades da escola Miguel Pires seguem as propostas da Secretaria da Educação. Todos os projetos são realizados com muita participação dos (as) alunos (as), porém, são alguns trabalhos desenvolvidos pelos (as) professores (as) que destacam assuntos particulares da comunidade, como o

trabalho da professora de ciências, que conscientizou a comunidade juntamente com seus (as) alunos (as) sobre a importância do reaproveitamento dos restos (restos de hortaliças e legumes) e orientou para que estes fossem doados para as famílias necessitadas dos bairros vizinhos, como forma de complemento à alimentação.

O trabalho organizado pela equipe escolar sobre a produção de mudas de árvores da Mata Atlântica e o reflorestamento da mata ciliar do pequeno rio que passa pela escola teve como objetivo conscientizar primeiramente os (as) alunos (as) e posteriormente a comunidade sobre a importância da preservação da mata ciliar.

Contemplei, enfim, as narrativas do cotidiano às quais pude exemplificar as características da escola Miguel Pires e sua importância para os (as) alunos (as) e a comunidade dentro do contexto rural.

Através da roda da conversa e de momentos descontraídos nos intervalos das aulas, os (as) alunos (as) revelaram suas opiniões sobre a escola e suas aspirações sobre o futuro.

2 A MINHA TRAJETÓRIA

Mas nessa viagem por paisagens e culturas desconhecidas, o olhar do narrador é também voltado para si próprio, num processo constante de auto-reflexão em diálogo com o Outro. (Milton Hatoum)

Ao retratarmos as narrativas e trajetórias de vida, tornamo-nos sujeitos da nossa história como relata o livro “Trajetórias e Narrativas através da Educação Ambiental” de Marcos Reigota, que destaca a importância da história de vida de seus alunos.

Os textos reunidos neste livro enfatizam o pensamento de Paulo Freire, sobre a importância do indivíduo como sujeito da história e a importância das experiências cotidianas.

Não podemos dizer que a intensidade do vivido de um é maior ou menor que a do outro. Não podemos quantificar os significados do que é vivido por cada pessoa; no entanto, conhecê-lo torna-se fundamental na perspectiva da descoberta de uma história construída/vivida cotidianamente pelos sujeitos anônimos. (REIGOTA, 2003, p. 09)

O pensamento de Paulo Freire aplicado nessa experiência do professor Reigota, no Amapá, é um exemplo de como é importante na prática cotidiana escolar e social, nós, profissionais da educação, utilizarmos a rica história de vida de nossos (as) alunos (as) e o quanto podemos reconhecê-los (as) como sujeitos de suas histórias, as quais são ricas exatamente porque são diferentes umas das outras. A dialogicidade com o outro tem a finalidade de quebrar as barreiras que nos impedem de respeitar as diferenças.

Através das trajetórias de vida de mestrandos do Estado do Amapá, pude entrar em contato com realidades de uma região diferente, que oferece a seus habitantes uma bela narrativa de vida; além de perceber a religiosidade e a forte ligação com a natureza, principalmente com a floresta e o rio.

Diante de cada relato destaca-se a dificuldade financeira que praticamente todos tiveram para concluir os estudos e a força de vontade que fez com que conseguissem atingir os objetivos. Fiquei emocionada com os relatos que

envolveram experiências de medo, dor e luta num contexto diferente do qual eu vivo, tais como:

- O contato com a natureza e seus recursos, a sabedoria dos povos da floresta utilizada através das ervas medicinais presentes em situações cotidianas, as experiências com o rio, as cheias, as correntezas e as cachoeiras.

- Os conhecimentos de pessoas que vivem na floresta, enfim, uma Amazônia que não está contada nos livros, nem em destaque nos meios de comunicação de massa, relatada de outra maneira, por pessoas que conhecem a floresta, seus sinais e suas necessidades. As representações sociais de cada sujeito e a relação delas com o meio ambiente em questão, despertou a compreensão, que, independente das vivências de cada um, todos estavam reunidos num objetivo comum, o compromisso ético com as gerações futuras, mas com estratégias diferentes.

As histórias narradas em um contexto histórico diferente do meu, com pessoas reais, foi como um incentivo para a minha própria trajetória de vida, pois, vejo que, como professora e cidadã, devo agir no local em que vivo sabendo ouvir o outro, reconhecendo a sabedoria que meus alunos e minhas alunas trazem consigo, aproveitando cada momento para construir conhecimentos e narrativas.

Ao assistir em umas de nossas aulas o filme “O céu de Suely”, refleti sobre o meu cotidiano, a minha trajetória, e questionei-me sobre as minhas representações sobre o céu, ora terrestre ou espiritual, o qual só se assemelha com o céu de Hermila (personagem central do filme), devido aos sonhos e a esperança de uma vida melhor.

A trajetória de vida da personagem transmitiu a realidade de muitas jovens que independente do local de origem e da cultura, passam pelas mesmas condições sociais e pela difícil realidade da gravidez na adolescência, e se deparam com o abandono e com a pobreza. Hermila saiu da cidade de Iguatu, no sertão cearense, iludida por amor e pela busca de uma vida melhor na cidade de São Paulo. O filme nos mostra seu retorno para casa, feliz, com um filho nos braços chamado Mateus, o nome também do pai. De volta à terra natal, foi recebida pela avó que não hesitou em cuidar de ambos, embora a pobreza fosse evidente.

O comportamento da personagem era de plena liberdade, sem preconceito e sem medo de ser discriminada, principalmente por se tratar de uma cidade pequena.

Não aceitava viver com a avó na pobreza, desejava ir além daquele lugar, em busca da felicidade. Utilizando-se do nome Suely, começou a colocar em prática seu sonho, buscou informações do lugar mais distante de Iguatu, talvez lá estivesse o seu paraíso.

Para arrecadar dinheiro rifou a si mesma, vendo que a prostituição era uma forma de ganhar dinheiro com mais facilidade naquele local, pois tinha como referência a amiga que se prostituía entre os caminhoneiros que paravam no posto. Decidiu fazer uma rifa de si mesma, oferecendo uma noite no paraíso (Talvez esse fosse o Céu daqueles homens, que compravam a rifa, encantados com a beleza da jovem).

Sua decisão e atitude incomodou a comunidade, as mulheres e as famílias mais conservadoras e religiosas, pois nas cidades do interior e nas zonas rurais a vida menos agitada faz com que se preserve a cultura e os valores com mais fidelidade, concepção essa adquirida devido a minha vivência na cidade do interior e na zona rural, onde essa atitude da personagem seria um escândalo.

A busca pelo seu céu foi maior que a segurança que tinha no lugar onde nasceu e talvez não encontrasse lá tudo aquilo que sonhava, mas partiu carregando a esperança de chegar e experimentar, quem sabe a sensação de ser uma cidadã do mundo.

Não devemos pré-julgar as pessoas pelos seus atos e comportamentos. Cada ser humano tem suas perspectivas, suas histórias e narrativas e o respeito pelo diferente é a chave para uma convivência de dignidade e paz. Todos temos essa busca dentro de nós, uns procuram nos laços comunitários a edificação desse paraíso, outros encontram a felicidade nos bens materiais, nos estudos e alguns na espiritualidade. Cada um, com o seu livre arbítrio, faz da vida uma constante caminhada rumo ao seu Céu (a conquista de seus sonhos).

Diferentemente das representações da personagem e de suas narrativas e vivências, num contexto social e cultural distante do de Suely, construí uma trajetória repleta de sonhos e particularidades, envolta pela religiosidade e pelos valores morais de uma comunidade do interior do Estado de São Paulo, no município de Piedade. Como enfatiza Peter Spink (2008), nosso cotidiano é composto por micro-lugares, acontecimentos que fazem parte da relação diária, construída por nós, através de encontros e desencontros:

Os micro-lugares e seus diferentes horizontes são produtos e produtores de vários processos sociais e identitários: nós, eles, os temas a serem debatidos, com quem conversamos, como e onde vivemos. Denso, o cotidiano se compõe de milhares de micro-lugares; não é um contexto eventual ou um ambiente visto como pano de fundo. Os micro-lugares, tal como os lugares, somos nós; somos nós que os construímos e continuamos fazendo numa tarefa coletiva permanente e sem fim. Virar as costas para o cotidiano é abrir mão da possibilidade de uma inserção mais caótica no mundo das ações sociais; uma inserção ordinária e corriqueira – diferente da daquela do especialista e do observador imparcial. O apelo figurativo para os micro-lugares é um apelo para a importância dos pesquisadores se conectarem com os fluxos constantes de pessoas, falas, espaços, conversas e objetos. (SPINK, P., 2008, p. 71)

Enfatizei essa narrativa para ilustrar a importância das nossas vivências, e das representações para a construção de saberes e trajetórias repletas de particularidades, as quais tornam cada um de nós sujeitos de nossas histórias, reconhecendo-nos como responsáveis pelas nossas atitudes, tornamo-nos capazes de enxergar e respeitar o outro.

Como afirma Reigota: “Quanto mais me reconheço como sujeito, mais probabilidade tenho de reconhecer o outro como tal, não só como igual, mas também, sob outro viés, como um diferente e oposto”. (REIGOTA, 2003, p. 10)

Para narrar minha história, não posso deixar de contar a história de meus antepassados e de onde tudo começou. Sou bisneta de Lourenço Pinto de Camargo. Lourencinho, como era conhecido, nasceu em 16 de novembro de 1897, nos terrenos dos Garcias de Baixo, terrenos estes de posse de seu pai Eliotério Pinto de Camargo e de sua mãe Maria Jertrudes da Silveira, local onde a família viveu durante toda sua vida.

Casou-se em 1920, com Maximina Maria Justimiano, uma senhora muito bonita que ele conheceu no bairro da Liberdade e o enlace do casal se deu quando ele completava 23 anos e ela seus 18 anos de idade.

Tiveram 15 filhos, destes faleceram 4 e cresceram 11 dos quais deram descendência para os Pinto de Camargo: Aduino Pinto de Camargo, José Pinto de Camargo, Juvêncio Pinto de Camargo, Maria Pinto de Camargo, Roque Pinto de Camargo, Madalena Pinto de Camargo, Manoel Pinto de Camargo, Anézia Pinto de Camargo, Geraldo Pinto de Camargo, Hortência Pinto de Camargo Schneider, Neide Pinto de Camargo.

Lourencinho e seus irmãos nasceram e cresceram nos terrenos que cercam a estrada, a qual levaria o seu nome. Os terrenos hoje se encontram divididos, mas trazem a identidade, as marcas de chão batido e as picadas da tropa de Lourencinho.

Na juventude, trabalhavam no tropeirismo numa das linhas Piedade - Sorocaba - Porto Feliz, linha esta que passava pelos Garcias de Baixo, mais precisamente cortava o sítio dos irmãos Camargo, sítio onde ele permaneceu até a sua morte, em 2 de dezembro de 1977. A missão da tropa de Lourencinho era levar para Sorocaba e Porto Feliz carne e banha de porco, milho, feijão e trazer de lá para o consumo e encomendas dos armazéns da Vila de Piedade, açúcar, sal, cachaça, querosene e outros.

Com o passar dos anos passou a investir na agricultura e na criação de galinhas e porcos e foi nessa lida que ele cuidou e educou seus 11 filhos. Atualmente, os Garcias de Baixo é conhecido como bairro dos Pintinhos, lá se encontra um núcleo de casas, no qual os moradores na sua maioria têm parentesco com Lourencinho.

Lembro-me muito pouco da fisionomia do “vô Lourenço”, apenas recordo-me da festa que ele fazia quando chegávamos à sua residência. Contam os parentes que ele era de personalidade forte, porém dócil, sempre surpreendia a todos pela sua inteligência e habilidade com a conversa.

Caboclo analfabeto, mas muito instruído na sabedoria popular, era baixinho na estatura, muito agradável na convivência e deveras carismático com as crianças, disso recordo-me bem.

A poesia foi feita pela neta Ivone (filha da Madalena Pinto de Camargo) ao avô Lourenço:

Vô!
Cadê teu chapéu?
Sob os olhos cor do céu.
Cadê teu perfume!
De estrume.
Tua mão molhada

De suor da enxada.

Vô!

Um bichinho me mordeu,

Aqui no meu peito.

E você não apareceu.

Não é direito.

Vô!

Você tem que me ajudar

Chega de brincar.

Eu já vi o seu chapéu.

Os teus olhos cor de céu.

Roçando sobre o azul

Do cruzeiro do sul.

Vô!

Peça pra Deus,

dar-te licença um pouquinho,

preciso de teu carinho

pra enxugar os olhos meus.

Vô!

Eu sei que ele vai querer.

Ele é bom e generoso.

Entende que o meu sofrer,

Só um velhinho teimoso,

Cheio de amor pra dar

É capaz de amenizar.

Sou neta de sua filha Maria Pinto de Camargo, que porventura herdou muitos traços do pai na personalidade e da mãe, vovó Maximina, nas características físicas, a qual cheguei a conhecer e conviver.

Maria Pinto de Camargo casou-se com Salvador Castanho e teve oito filhos, destes seis viveram e cresceram cinco homens (José, Simão, Messias, Adão e Geraldo) e uma mulher, a minha mãe, Eva Maria Machado, que se casou com meu pai José Paulino Machado.

Minha avó passou a morar nas terras da família do meu avô Salvador que também era lavrador e nessa propriedade para sobrevivência, criavam animais como porcos, galinha, faziam farinha no monjolo, tinham vários pés de frutas, entre elas, parreiras e todos os filhos trabalhavam na roça, inclusive minha mãe.

A princípio moravam numa casa de barro. Depois meu avô, em mutirão com vizinhos, filhos e parentes construiu uma casa de tijolos, que existe até hoje, com cômodos grandes e um fogão à lenha.



Casa construída por Salvador Castanho (meu avô).
Fonte: foto da autora.

Ele mal pode aproveitar a bela casa, pois faleceu alguns anos depois, aos 46 anos de idade, em 1968, de complicações pulmonares devido ao trabalho na roça, pois, muitas vezes tomava chuvas fortíssimas.

Minha avó Maria, com a ajuda dos filhos mais velhos, terminou de criar os mais novos, e faleceu em 1995, aos 68 anos de idade, vítima de um câncer.

Meu pai José Paulino, também é filho de lavradores, porém, ambos morreram antes dele completar 5 anos de idade, foi adotado e criado pelo vô Zartino, que muito debilitado não conseguiu contar sua história.

Somos herdeiros de lavradores e como descreve Antonio Candido em seu livro; a vida dos meus avôs assemelham-se com a vida dos parceiros do Rio Bonito. Economia de subsistência, casas de pau a pique, vizinhança solidária e religiosidade.

Minha infância foi ótima, meus pais trabalhavam na lavoura, plantavam cebola como meeiros ou parceiros. Eu e meu irmão Eleandro crescemos brincando na roça com madeira e mato, eu fazia bonecas de matinho, meu irmão fazia carrinhos de galhos de árvores. Algumas vezes minha mãe ou meu pai fazia casinhas cobertas com plástico para ficarmos protegidos do sol, o dia era curto para nós, pois, aproveitávamos cada segundo.

Pode parecer nostálgico, mas tenho muita saudade daquele tempo, da comida, do virado de feijão feito logo cedo, das tempestades (ficávamos todos embaixo de um grande plástico), da água fresquinha que íamos buscar na mina.

Eu brincava também com boneca de milho. Lembro-me que uma vez ao retornarmos da roça, pedi à minha mãe para me deixar colher umas bonecas na lavoura de milho do vizinho. Eu tinha 6 anos, meu irmão Eleandro que tinha 3 anos foi junto, pedi para que ele ficasse na estrada para que eu entrasse colher as bonecas de milho e quando voltei, ele não estava mais lá.

Fui para casa, não o encontrei e levei uma bronca de meus pais, quando voltamos ao milharal ele estava perdido lá no meio, branco de susto, chorando e dizendo que havia visto o saci. Não me lembro, mas acho que apanhei, pois após esse fato ele teve convulsão.

Em um determinado ano a lavoura foi vendida por um bom preço, meu pai instalou energia elétrica em nosso sítio e comprou a primeira televisão (em branco e

preto) do bairro. As roupas novas eram compradas somente no final do ano, (geralmente no natal) e usávamos para passear na cidade em dias de festas religiosas, como a do divino e da Padroeira Nossa Senhora da Piedade. Morávamos numa casa de madeira, a água que bebíamos era de mina, minha mãe cultivava um lindo jardim, sempre limpo e florido que eu sempre destruía brincando no meio. Meu passeio preferido era ir até a casa da minha bisavó Maximina aos domingos, caminhando entre as plantações e as árvores com a vó Maria.

Quando comecei a frequentar a escola rural com 6 anos de idade (pois não via a hora de estudar, às vezes, quando passávamos pela escolinha, eu dava uma desculpa que estava com sede, só para ver a professora), ia para escola num período, depois ficava na roça, fazia minhas tarefas em meio às plantações debaixo de algumas árvores.

Da pequena escola rural, recordo-me que éramos duas turmas em uma sala só, 1ª e 2ª série à tarde e 3ª e 4ª série de manhã, as turmas eram divididas em fila A, B e C, eu sempre frequentei a C (a fila dos fracos). A professora fazia a merenda com os produtos agrícolas que os pais doavam para a escola, era uma delícia. Fazíamos piquenique nas lavouras, coletávamos folhas e flores para a aula de Artes, tínhamos também alguns livros os quais levávamos para casa para realizarmos a leitura.

Nas primeiras séries, minha mãe levava-me à escola, às vezes deixava-me próxima, e ficava olhando eu chegar lá. Era uma tristeza ver minha mãe com o chapéu de palha olhando-me ao longe, parecia que estávamos nos despedindo para sempre. Outras vezes era meu pai, que nos dias de chuva carregava-me no colo para não sujar os pés na lama, pois, como não tinha sapatos eu usava chinelo e meia.

Um pouco maior, já fazia o trajeto escolar com as amiguinhas do bairro e era muito divertido. Quando chovia era uma festa, pois, brincávamos na enxurrada. Todos os dias chegávamos atrasadas, porque íamos contando histórias no caminho, tais como do boitatá, mula sem cabeça, lobisomem entre outras, às vezes brigávamos com outras turmas como na pré-história, com paus e pedras.

Eu sempre aprontava alguma coisa. Certa vez fui para a escola com um vestido novo, não tinha água, pulamos o portão do vizinho para bebermos água, fiquei pendurada pela saia que rasgou toda, foram muitos risos e piadas, fui embora

com medo de apanhar, menti que as meninas haviam me batido. Claro que minha mãe não acreditou, ficou brava, mas, naquela mesma hora consertou o vestido.

Fiz a catequese nas capelinhas, pois ainda não tínhamos no bairro dos Garcias uma igreja central, que foi construída alguns anos depois num terreno doado por um lavrador. Nessa fase despertei para a vida em comunidade e a religiosidade representada através dos terços nas casas, procissões e das festas na igreja.

Tínhamos o hábito de fazer passeios noturnos com as amigas e seus familiares e nesses passeios contavam-se muitas histórias de assombrações e de fantasmas, quando observávamos no céu alguma luz se movendo achávamos que era o boitatá, e isso já era motivo para escondermos as unhas e os dentes, nessa hora não se ouvia o barulho da criançada.

Um velhinho do bairro virou motivo de suspeita das crianças. Contava-se a história que havia aparecido um Lobisomem no bairro, e uma mulher ao ver o bicho ofereceu-lhe sal. No dia seguinte logo cedo, o velhinho de nome Mário apareceu em sua casa para pegar o sal e passamos a ter medo dele apesar de sua aparência muito humilde e dócil.

Na passagem da 4ª série para 5ª série, a professora fez algo que hoje posso afirmar que foi antiético: ela selecionou um aluno e uma aluna que julgava ser os melhores da classe, e matriculou-os na cidade. Para o meu pai ela disse que ele não deveria perder tempo, pois eu era burra e não acompanharia a 5ª série.

Meu pai fez o que a professora sugeriu, eu iria trabalhar na roça, quando um jovem chamado Francisco apareceu em minha casa para comprar cebola, ficou bravo com a atitude de meu pai e aconselhou-o a procurar uma escola e realizar a minha matrícula, dizendo que não era justo uma menina como eu não ter a oportunidade de estudar.

Meu pai seguiu o conselho e matriculou-me na escola Carlos Augusto de Camargo, em Piedade, onde fui recebida pela professora Maria Lúcia de Amorim Soares, com muito carinho e respeito.

Na escola da cidade foram novas vivências, algumas não tão boas como na escola da zona rural, pois tive que amadurecer e conviver com situações para as quais eu não estava preparada. Caminhava quatro quilômetros numa estrada

perigosa, outras vezes ia de bicicleta, mas quando meu pai tinha dinheiro comprava passe de ônibus, o que era bem melhor.

Convivi com muitas pessoas, e precisei da solidariedade de algumas. As aulas de Educação Física eram em período diferente do período de aula, portanto, precisava almoçar na casa de uma amiga. Cada dia eu ia a uma casa (criança não tem vergonha e essas pessoas foram muito boas).

Após a formatura da 8ª série, tive que fazer uma opção entre o Ensino Médio Normal e o Magistério e meus pais sugeriram o magistério, pois assim eu teria uma profissão. No ano de 1989, fomos morar na cidade. Os tempos estavam difíceis, minha mãe arrumou um emprego numa fábrica de papel higiênico e meu pai já estava trabalhando como comprador de cebola e alho. Morávamos numa casa alugada, num bairro agradável. Tive que estudar de manhã, fazer estágio à tarde e olhar meu irmão menor José Antônio Machado, que não parava em casa, pois ficava só na rua brincando com os moleques. Posso dizer que nessa fase amadureci muito.

No magistério tornei-me uma ótima aluna, o que não fui até a 8ª série e apesar dos esforços, vivia em recuperação e sempre passava pelo conselho. Numa sala onde a maioria eram mulheres, apenas dois homens estudavam para serem professores, descobri que eu tinha capacidade, tirava notas ótimas, era uma boa desenhista, fazia até trabalhos de pintura e desenho para as colegas da classe e em troca recebia materiais escolares para realizar as minhas atividades. Nos estágios ficava assustada com a responsabilidade de educar, alfabetizar e controlar a sala lotada de alunos (as). Estava decidida a não ser professora, era sofrer demais.

Certa vez tive uma bela experiência. As escolas da zona rural eram integradas com as escolas urbanas e eu vivia substituindo as professoras da cidade e auxiliando-as nas salas. Um dia, a diretora da escola Estadual Prof.^aTheodora de Camargo Ayres, na qual hoje sou professora efetiva, solicitou que eu fosse substituir uma professora numa escola distante, no bairro Sarapuí, na estrada que liga Piedade a Pilar do Sul. Era na beira da estrada, mas tinha que pegar o ônibus bem cedo e fui nessa aventura.

Ao chegar carregada de materiais para realizar as atividades, percebi que a classe era multisseriada, manhã 3ª e 4ª série, tarde 1ª e 2ª série, então dividi a lousa e passei lição, realizei algumas atividades de desenho e colagem e até esse momento tudo estava bem, mas fui informada pelos (as) alunos (as) que a merenda

era eu quem deveria fazer. Fiquei assustada, por ter que cozinhar para todas aquelas crianças - que responsabilidade. Algumas alunas me ajudaram e a merenda saiu na hora de ir embora, mas saiu, e uma frase de um menininho eu não esqueço. Ao comer a sopa, disse: Professora, que “cardinho gostoso”.

Fiquei emocionada, acho que a comida estava horrível, mas aquela criança que caminhou muito para chegar à escola adorou o caldo, porque com certeza estava com muita fome.

A turminha da tarde foi mais fácil, já estava com um pouco de experiência, não atrasei a merenda e os soltei mais cedo. Esse foi o detalhe: o ônibus que me levaria de volta para casa demorou muito, quase fiquei até a noite na estrada, nessa época eu tinha 16 anos e não ganhei nada por isso, somente horas de estágio e uma vivência inesquecível.

Ao concluir o curso do magistério, estava decidida, a não ser professora. Antes da formatura, consegui um emprego de balconista numa loja, onde trabalhei por quatro anos, porém, não deixei de estudar, ganhei 70% de bolsa e fiz cursinho pré-vestibular. Queria fazer o curso de Direito no ano seguinte e, apesar de não passar no vestibular, fiz aulas particulares de inglês e francês. Meus pais não precisavam da minha ajuda com dinheiro em casa, isso foi muito importante, pois estudava sem preocupações.

Em 1994 passei em uma faculdade de Estudos Sociais na cidade de Tatuí, mais pelo preço do que pela qualidade e pagava a mensalidade e o ônibus, com o dinheiro do salário mínimo mais as comissões. Eu fazia de tudo para vender, mas no final do mês nada sobrava, nem para comprar roupas, muito menos para comer na faculdade e novamente as amigas me salvavam, emprestando dinheiro, repartindo os lanches. Também ganhava roupas da dona da loja, que ficavam enormes, mas eu não me importava.

No segundo semestre do primeiro ano da faculdade, aconteceram algumas coisas em casa: meu pai estava se recuperando de um problema de saúde; minha mãe estava grávida da Luana, minha irmã caçula; a fábrica onde ela trabalhava passava por dificuldades e não pagava direito aos funcionários. Portanto, decidi abandonar o curso para ajudar em casa. Mas duas amigas Maria Dolores (Lola) e Ivana intercederam por mim perante o dono da faculdade, e para concluir aquele semestre, ganhei 100% de bolsa, foi muito bom, pois continuei meus estudos.

Não dava mais para continuar na cidade e retornamos à zona rural. Esse momento foi marcado por uma nova fase, pois comecei a trabalhar como professora de uma escola particular em Ibiúna (30 km de Piedade), mas não aguentei viajar. No mesmo ano voltei a ser balconista por alguns meses em outra loja, mas surgiu uma nova oportunidade. Uma escola estava sendo inaugurada e após a entrevista e uma grande ajuda da Maria Dolores, comecei de fato a ser professora, trabalhava com crianças do maternal, e gradativamente fui tendo experiências com outras séries.

No ano em que conclui a faculdade (1996), participei da minha primeira atribuição e iniciei como professora do Ensino Fundamental da Escola Maria Paula Ramalho Paes. Nesse período as dificuldades financeiras foram sendo superadas, melhoramos a moradia, de tábuas para blocos. Como professora na escola particular e na escola pública consegui ajudar mais a minha família.

Comecei a frequentar mais a igreja da comunidade dos Garcias e em uma das celebrações fui convidada para ser catequista. Aceitei, comecei com um grupo de doze crianças, aos sábados nos reuníamos antes das missas e assim iniciei uma vida religiosa mais participativa. Sempre frequentei as missas aos domingos, mas nunca havia participado de uma comunidade religiosa.

De catequista tornei-me ministra da palavra, quando o padre não celebra a missa, acontece na igreja à celebração da palavra, ou seja, todas as orações litúrgicas são feitas, menos a consagração eucarística (a hóstia), pois esse momento e outras orações cabem somente ao sacerdote. Eu conduzia as orações e fazia a homilia, o comentário das leituras, e toda a organização da celebração era realizada por uma equipe: leitores, ministro da eucaristia e músicos.

Em 1998, passei no concurso público do Estado de São Paulo como professora de história, porém, minha classificação não foi boa e, como tinha poucos pontos como docente, fui dar aula no ano 2000 na escola Estadual Benedito de Lima Tucunduva, em Carapicuíba. A princípio, fiquei assustada, pois na grande São Paulo a realidade era muito diferente da minha, mas decidi assumir o cargo. Pelas manhãs ministrava aulas na escola particular, à tarde, viajava para Carapicuíba. Meu pai deixava a roça e levava-me de carro, eram duas horas de viagem e, durante o trajeto, eu almoçava com o carro em movimento e fazia minhas orações. Fui muito bem recebida na escola pelos (as) professores (as), diretoras e alunos (as). Posso afirmar que nós seres humanos temos receios e preconceitos de tudo aquilo que

não conhecemos. Cresci muito como profissional e como pessoa, sai da roça, e de repente, me vi dando aula na grande São Paulo, para filhos (as) de operários (as), presidiários (as) entre outros.

Meus alunos e minhas alunas relatavam coisas que eu só tinha ouvido falar na televisão. Certa vez um aluno, que não havia frequentado a aula naquele dia, entrou na minha sala e, quando questionei o que estava fazendo na escola naquele horário, ele me disse que só retornou à escola porque a polícia havia chegado à casa dele. Alguns relatavam que seus pais saíam para trabalhar às 3 ou 4 horas da manhã e só retornavam após as 21 horas. Eles não viam seus pais durante a semana. Outros me contavam que eram discriminados quando frequentavam o Shopping que ficava próximo a um condomínio de luxo.

Uma vez, uma aluna nova na escola sentou-se ao meu lado e disse que estava adorando estudar ali, porque na escola antiga, quando chovia tudo inundava e também, com frequência, ocorriam assassinatos na saída da aula, era comum ver os corpos no chão.

Estas e outras histórias do cotidiano daquelas crianças fizeram-me respeitá-las. Viajar cansava, mas valia a pena estar com eles (as). As representações que eu fazia daquele lugar se desconstruíram com as experiências do dia-a-dia.

Após seis meses de trabalho em Carapicuíba, participei do processo de remoção, não consegui chegar a Piedade, mas fui dar aula na escola Estadual Padre Anchieta, em Pilar do Sul. Continuei viajando, dava aula à tarde e à noite, lá me sentia mais em casa, cidade pequena, a escola era deliciosa e no ano seguinte mudei-me para lá, perto da escola. Muitas pessoas me ajudaram, dava aula para crianças da cidade e da zona rural. Em 2002 consegui ser removida para a cidade de Piedade, para a escola Estadual Prof^a. Theodora de Camargo Ayres, onde leciono até hoje. Ministro aulas de história para alunos (as) de bairros carentes da cidade e alguns da zona rural.

Ao retornar ao meu bairro, dei continuidade à atuação na igreja, comecei a participar de um grupo de oração da Renovação Carismática Católica como intercessora, ou seja, fazia as orações pelo grupo. Os demais participantes eram os meus antigos alunos, que já eram jovens e foi muito agradável, pois além das orações, promovíamos teatros e festas para a comunidade. Nos últimos anos atuei em diversas áreas da vida religiosa do bairro, sendo até ministra da eucaristia, ou

seja, distribuía as hóstias na hora da comunhão. Também as levava aos doentes e idosos, e essa era a parte que eu mais gostava.

Fiquei muitos anos sem estudar e, em 2006, impulsionada pelo meu namorado (hoje marido), tentei passar no processo seletivo da Uniso, com o tema Ensino Religioso na escola pública, mas não estava preparada e não fui aprovada. No ano seguinte, matriculei-me como aluna especial nas aulas do professor Marcos Reigota, que me conduziu para o tema da dissertação, sobre o qual escrevo hoje. A concretização se deu em 2007, quando consegui entrar no mestrado e ser orientanda do professor Marcos Reigota.

Olhando para o passado percebo que se eu não tivesse alternativa, trabalharia na roça, mas aproveitei a oportunidade de estudar, pois desde pequena vi o sofrimento dos meus pais que, sendo agricultores pobres, estavam sempre precisando da ajuda de alguém para cuidar da plantação e, quando não perdiam a colheita devido às chuvas de pedra, tinham que repartir o lucro com o agricultor que fazia a parceria.

Escrever sobre a noção de comunidade na zona rural me faz apresentar experiências e vivências que não fazem parte somente das pessoas envolvidas na investigação, mas me levam a refletir sobre a minha própria história, e a acreditar na afirmação feita por Paulo Freire, de que realmente somos sujeitos da nossa história.

“Nesse existenciar-se radicalmente ético Paulo Freire nos oferece uma teoria que nos possibilita tornarmo-nos conscientes de nosso papel como sujeitos éticos da história.” (FREIRE, A. 2001, p. 15)

3 NOÇÕES DE COMUNIDADE

Como o princípio norteador do trabalho é a noção de comunidade na zona rural, é importante destacar as definições dessa palavra escrita por autores relevantes, os quais de acordo com suas experiências e estudos definiram a vida comunitária, não simplesmente como viver uma partilha em grupo, num bairro, numa aldeia ou numa vila, mas estar em comunidade é estar em relação com o outro, no face a face, no respeito e no diálogo.

Sendo assim, a partir da leitura e da análise das obras de Gianni Vattimo, Martin Buber e Roberto Esposito desenvolvi minhas pesquisas, buscando encontrar no bairro investigado e na escola, o sentido de comunidade e ao mesmo tempo procurei relacionar com as obras dos autores.

3.1 A noção de comunidade em Gianni Vattimo

Gianni Vattimo é um filósofo e político italiano. Graduiu-se em Filosofia, na cidade de Turim, em 1959. Em 1964, tornou-se professor de estética na Universidade de Turim e, a partir de 1982, de Filosofia Teorética. Ensinou na condição de professor visitante, em várias universidades dos Estados Unidos.

Para Gianni Vattimo viver em comunidade é viver a experiência do belo no sentido de viver em harmonia com o outro, num processo de contemplação, comparando assim essa vivência, com o belo da obra de arte, da música. “Assim, ao contemplarmos uma ópera, estamos fazendo parte de uma comunidade que através da música vivencia uma experiência estética comum”. (VATTIMO, 2007, p. 65)

O belo como experiência comunitária, pode ser entendido como o sentimento de compartilhamento, pois quando declaramos a beleza de determinada obra ou objeto, é um sentimento de partilha com o outro, o qual pode ou não apreciar da mesma forma. O autor faz uma análise das obras de Kant e Gadamer e afirma:

Poderia levar-nos a identificar a experiência do belo com uma experiência vivida em comunidade, que não é nem idêntica ao prazer de uma descoberta científica ou de uma afinidade moral, mas é um sentir-se “bem”

com o nosso próximo na contemplação, ou ainda na apreciação de certos objetos, não enquanto úteis, ou enquanto bons, ou enquanto verdadeiros, e sim justamente apenas enquanto belos. (VATTIMO, 2007, p. 64)

Quando apreciamos as obras da Grécia Clássica, por exemplo, podemos identificar o ideal que elas exprimem, e experimentar através da arte deixada o espírito daquela sociedade, o sentimento de pertencimento, a vida cidadã, comunitária e a espiritualidade que unia aquele povo:

A estética que se lê, depois de Kant, na Fenomenologia do Espírito ou nas Lições de Estética, de Hegel, nos deixa muito mais explicitamente e tematicamente atentos a este aspecto “comunitário” do belo e da arte. Não apenas na Fenomenologia a arte está ligada à religião; nas lições e também no sistema inteiro, ela se torna um momento em que à sociedade, uma época, um mundo, se exprimem e se reconhecem imagens sensíveis. (p. 65)

Seguindo o pensamento de Hegel num olhar histórico, Vattimo analisa que a antiguidade viveu uma experiência da arte, acima de tudo, social: o templo como manifestação da vida religiosa, o teatro como expressão da comunidade. A Idade Média priorizou a arte nas catedrais e na modernidade a burguesia fez da arte uma fonte de lucro e comercialização, não impedindo, porém, a percepção do belo.

Para Vattimo, atualmente a experiência com o belo se faz nas grandes atividades da vida cotidiana, confirmando assim as afirmações de Gadamer, tais como: os concertos de Rock, as danceterias e as missas, que hoje são acompanhadas por gestos e instrumentos musicais, são expressões de uma vivência moderna de comunidade.

No livro: “O Futuro da Religião: solidariedade, caridade e ironia”, Vattimo afirma que: “Nossa única possibilidade de sobrevivência humana está depositada no preceito cristão da caridade”. (VATTIMO, 2006, p. 75-6)

A caridade descrita pelo autor é definida como a capacidade de dialogar com as diferenças raciais, sociais, culturais e religiosas; a vida em comunidade significa saber conviver com a diversidade existente entre os indivíduos. Vattimo cita a definição de comunidade de filósofos contemporâneos:

Na filosofia pós-metafísica de hoje, assim como no neopragmatismo de Rorty ou na filosofia do agir comunicativo de Habermas, a vizinhança entre a verdade e caridade não é de modo algum uma ideia extravagante. Para

esses dois pensadores e para muitos de nossos contemporâneos, não existe experiência da verdade senão como experiência de participação em uma comunidade: não necessariamente a comunidade fechada, de paróquia, de província, de família, dos comunitaristas. Como no caso da hermenêutica de Gadamer, a verdade acontece como construção sempre em curso de comunidade que coincidem em fusão de horizontes. (VATTIMO, 2006, p. 71-72)

Os indivíduos se relacionam dentro da dinâmica vinculativa, a qual se concretiza na capacidade de executar a caridade, isto é, na participação na comunidade, sabendo conviver com o outro, numa experiência de respeito. Não é estar junto, mas compartilhar, em atitudes de solidariedade.

O que podemos dizer é que “aí nos encontramos” junto ao “ser”, tanto nós como as coisas que são dadas em nossa experiência. Certamente, podemos, também, sempre tentar dizer quem somos nós e quais coisas são as coisas. Mas sempre dentro de um horizonte de possibilidade que não é, mas acontece, conosco e através de nós, e que é próprio porque é um horizonte, isto é, nunca um objeto de nossa consciência. (VATTIMO, 2008, p. 13)

Vattimo ao definir a importância do outro enquanto ser diante de nós, o qual não deve ser tratado como um “objeto, um isto ou aquilo”, aproximou-se do pensamento dialógico de Martin Buber, quando o mesmo afirma que o Eu deve tratar o outro enquanto Tu, e não como Isso.

3.2 A noção de comunidade nas obras de Martin Buber

Segundo Newton Aquiles von Zuben no livro: “Eu e Tu”, Martin Buber nasceu em Viena, em 1878. Após a separação de seus pais, foi morar com seus avôs paternos numa comunidade religiosa. Passou sua primeira infância com seu avô Salomão Buber, nesse ambiente experimentou a religiosidade na união entre a tradição judaica autêntica e o espírito liberal da Haskalah. Nesse período estudou a tradição judaica, aprendeu o hebreu e interpretou os textos bíblicos.

Na Universidade de Viena, em 1886, estudou Filosofia e História da Arte. Em 1901 ingressou na Universidade de Berlim, onde estudou psiquiatria e sociologia. Em 1904 recebeu, também em Berlim, o título de Doutor em Filosofia.

A primeira experiência comunitária de Buber se passou em Berlim, na comunidade fundada pelos irmãos H. e J. Hart, a "Neue Gemeinschaft" (nova comunidade), onde jovens podiam se expressar livremente. "A comunidade apresentava um desejo ardente de novos tempos". (ZUBEN, 1974, p. XI) Foi nessa comunidade que Buber ficou amigo de Gustav Landauer, o qual influenciou suas obras posteriores.

Nessa comunidade as reuniões eram realizadas em forma de seminários, onde seus membros apresentavam suas opiniões e pensamentos a partir de trabalhos. Buber fez duas exposições: uma sobre Jakob Boehme e outra intitulada "Antiga e nova comunidade" onde afirmou: "A comunidade é o único meio possível para superar os males da sociedade." (BUBER, 1987, p. 17)

Zuben relata que Buber foi editor do jornal "Der Jude", e também professor de História das Religiões e Ética Judaica, na Universidade de Frankfurt. Em 1933 foi destituído do cargo de professor de História das Religiões pelos nazistas e, até 1938, Buber permaneceu em Heppenheim. Em 1938 aceitou o convite da Universidade de Jerusalém para ensinar Sociologia. Em suas pesquisas se aprofundou em diversas áreas: religiosa, política, sociológica e filosófica. Buber morreu em Jerusalém a 13 de junho de 1965.

No livro: "Sobre Comunidade", Buber apresenta os textos que foram resultados de palestras e seminários e faz distinção entre as antigas comunidades e as novas comunidades para especificar a importância da mesma, historicamente e no contexto pelo qual estava vivenciando.

Segundo Buber, as comunidades antigas eram baseadas em laços sanguíneos, e fielmente seguidoras de suas tradições. Historicamente foram denominadas pré-sociais, tais como: a tribo, a seita e a família. Estas se baseavam de forma econômica e religiosa - a primeira denominada gens, corporações ou associações, a segunda pelo respeito a suas seitas, deuses e crenças. As mesmas se deixaram governar através de dogmas ou por leis obrigatórias.

O autor afirma que no seu contexto histórico as novas comunidades eram unidas pela necessidade de vida e diversidade de opinião, ou seja, pela vivência comum, eram denominadas de pós-social: "uma vez que ela ultrapassa a sociedade e suas normas, e se sustenta sobre as bases complementares diversas". (p. 38)

Nesta nova vida renascerá, não só a pluricomunidade numa forma ainda mais nova, mais nobre e pura, mas também, e, através dela, e nela, a biocomunidade; e a solidão das mais calmas horas de contemplação e de criação recobrará um novo e mais rico colorido. Cada um viverá ao mesmo tempo, em si mesmo e em todos. (BUBER, 1987, p. 39)

Buber acreditava que, não era somente desejável, mas possível de realizar, que a sociedade, regulada por atos individualista e por relacionamentos capitalistas, desse lugar a uma nova comunidade, baseada na lei da vida, na dialogicidade e em relações surgidas da livre escolha das pessoas.

A finalidade da nova comunidade é si mesma e a vida. Isto, porém, é a interação viva de homens íntegros e de boa têmpera na qual dar é tão abençoado como tomar, uma vez que ambos são um mesmo movimento, visto ora da perspectiva daquele que move, ora daquele que é movido. Que homens maduros, já possuídos por uma serena plenitude, sintam que não podem crescer e viver de outro modo, exceto entrando como membros em tal fluxo de doação e entrega criativa, que eles se reúnam, então, e se deixem cingir as mãos por um mesmo laço, por causa da liberdade maior, eis o que é comunidade, eis o que desejamos. (p. 34)

Para Buber, viver em comunidade é estar em relação com o outro em sua totalidade, no face a face, sem preconceito, discriminação, dominação e exploração. Todas as formas de relação comunitária podem ser definidas como a ação “inter-humano”, que vem a ser aquilo que acontece entre homens, em que estes tomam parte como em um processo interpessoal, ou seja, atitudes vivenciadas mutuamente de forma compartilhada, àquilo que é a reciprocidade e a multiplicidade de escolhas e valores.

As ações sociais são, essencialmente, transformações da vida espiritual, política e cultural, constantemente em movimento. Nesta dinâmica, Buber define a comunidade como uma relação de indivíduos que mantém vínculos culturais, políticos, econômicos, sociais e religiosos.

O inter-humano se manifesta em determinadas formas estruturais. As suas formas são dominação e a subserviências, a cooperação e a contra-cooperação, os grupos, os estratos, as classes, as organizações, todas as formas de associações, naturais e normativas, econômicas e culturais. As estruturas do inter-humano são as manifestações objetivas da coletividade humana, os valores, os elementos de mediação espiritual e econômica, os responsáveis reais da produção, as criações comunitárias da cultura, todos os produtos da associação. (p. 42)

A vivência comunitária para o autor se concretizará a partir do momento que os indivíduos se unam com o propósito do diálogo, da participação, sem a intenção de tirar proveito da situação ou elevar-se sobre o outro.

O sistema comunitário é a legítima união de uma pluralidade de comunidades concretas de todo tipo, assim como a comunidade concreta é legítima união de uma pluralidade de homens e se forma pelas mesmas leis de encontro mútuo em nome de Deus, da imediaticidade, da ajuda e da liderança; as comunidades concretas se relacionam do mesmo modo que seus membros o fazem. (BUBER, 1987, p. 48)

A partir da afirmação de que a sociedade é a expressão do desejo diferenciado em tirar vantagens, gerado por pensamento isolado da totalidade, o autor afirma que o compartilhamento e a experiência comunitária entre homens são os caminhos para a solução de muitos problemas sociais.

Ao comparar a comunidade com a sociedade, Buber define que a comunidade é movida pelo desenvolvimento da vontade original, naturalmente, portadora de vínculos. É a ligação que se desenvolve mantida pelo trabalho comum, pelos costumes e pela fé.

A sociedade, ao contrário, é a expressão do desejo de obter lucros e tirar vantagens de todas as situações. É estabelecida pela divisão de classes, mantida por contratos sociais, regida por regras, normas e convenções. O trabalho move a mesma e proporciona as desigualdades e suas consequências. Essa forma atual de se organizar estimula o individualismo.

Nós que passamos pela era do individualismo, pela separação da pessoa de sua interdependência natural, não podemos mais voltar para aquela vida em comunidade. Não podemos reconstruir o crescimento primitivo, mas podemos preparar o caminho de uma nova organização social, em que o princípio a partir do qual tal crescimento surgiu retorna à atividade consciente. (p. 52-3)

Numa palestra proferida em fevereiro de 1924, Buber faz referências à relação entre Estado e comunidade e, nesse contexto histórico, a Alemanha vivia a crise do pós-guerra. Segundo o autor, a Alemanha no período da primeira guerra mundial, viveu o conflito de conceitos entre o Estado e a comunidade, e nesse contexto fez parte da população um sentimento vivo de identidade, principalmente

entre a juventude, a qual antes da guerra cultuava o Estado e no pós-guerra desejava a vida em comunidade num caráter ilusório.

No início da guerra, o Estado alemão era absoluto, independente de outros Estados, capaz de decidir a vida e a morte dos indivíduos, divinizado, com função normalizadora. Analisando as consequências da guerra, movida por interesses capitalistas e imperialistas, o Estado se mostrou inconsequente em suas ações e se tornou uma força coercitiva.

Buber, ao analisar o Estado Alemão, descreve que: “Só existe o ser no Estado, não existe Estado ideal, só há o Estado no qual se vive” (BUBER, 1987, p. 66). O Estado não surge de um querer, faz parte de uma organização da sociedade, onde o cidadão tem que respeitar regras de convivência, sabendo o que pode e o que não pode realizar:

O Estado é um status, a situação, a condição peculiar da não-realização da verdadeira comunidade. É a linha que se desloca incessantemente, para usar uma expressão brusca, indicando o grau de coerção que deve existir e de que maneira existe. Esta situação, esta linha que mostra até que ponto os homens são livres e capazes, não deve ser concebida como linha de progresso. (p. 72)

O Estado que conduziu a população à guerra e suas consequências, principalmente após a derrota e a assinatura do Tratado de Versalhes, foi definido por Buber como a cristalização do negativo, mostrando-se, portanto, centralizador. Neste sentido, o autor indica a partir de que ponto a comunidade pode ser realizada. Dentro dos Estados existem muitas comunidades, sendo que alguns Estados permitem essa interação e outros não, e nesse contexto a organização social, as associações e os partidos não possuem nada de semelhante com o verdadeiro sentido de viver em comunidade.

Após a primeira guerra, falava-se muito de viver em comunidade, porém, nada que existia representava para o autor a essência verdadeira da vida comunitária, que era segundo ele a relação com o outro, num processo de diálogo e respeito:

No início desta década (1920), a comunidade era originalmente o contexto geral no qual o indivíduo se insere. E paralelamente a desintegração do Estado e da Comunidade, o homem se torna mais consciente de que este contexto geral nada tem de comunitário, que não se trata de uma autêntica

vida em comum, com o outro, que ela não se sustenta nas relações pessoais e imediatas entre os homens, que esta vida não se constrói sobre estas relações. Trata-se de um contexto geral, mas sem autêntico culto a comunidade. E isso resultou na tentativa de revolta que caracterizou do pós-guerra. (BUBER, 1987, p. 66)

Na comunidade primitiva (definida pelo autor como aquelas da origem da espécie humana, comunidades tribais), os laços de união eram fortes, com traços marcantes das religiões. A juventude alemã, para Buber, desejava formar esse tipo de comunidade no contexto da sociedade contemporânea num radicalismo.

Buber apresentou um caráter religioso em suas obras, devido à sua formação filosófica e religiosa, mas também impelido pelo sentimento pós-guerra, associando assim a busca pela comunidade, como a busca dos homens por Deus, o qual será tudo em todos. “Isso não significa que a individualização seja aniquilada ou enfraquecida, mas que toda multiplicidade e variedade das criaturas permanecem e se unifiquem”. (p. 71)

A verdadeira responsabilidade é sempre responsabilidade do outro. A autêntica responsabilidade repousa sempre sobre a realidade do Eu e Tu. Isto significa que o ponto até onde chegamos está relacionado com a realidade do centro e da relação ao centro, que devemos encontrar novamente. Responsabilidade no verdadeiro sentido. (p. 79)

Para o autor existiam no contexto descrito vários tipos de comunidade: comunidade da vila, do trabalho, da fé, da escola, mas nem todas possuíam autenticidade, autonomia e substância e apresentavam declínio em suas organizações (BUBER, 1987, p. 76) Nesse momento histórico em que a sociedade alemã estava vivendo uma crise dessas realidades comunitárias, Buber afirmava que o verdadeiro sentido desse estar junto, era a relação Eu e Tu.

Para que uma pessoa entre em relação com a outra é necessário voltar-se para o outro como ele é. Este “voltar-se” para o outro é denominado pelo autor como TU, ou seja, reconhecê-lo, experimentá-lo como pessoa única. “Não significa que a pessoa queira toda a sorte de coisas para si mesma, ou que relacione a si própria tudo o que experimenta ou que experiencie o outro como algo que viva diante dele, mas que ela considere o outro com sua própria vivência”. (p. 94)

Na obra: “O Problema do Homem”, Buber diz respeito à decomposição das primitivas formas de comunidade de convivência direta entre homens, que entravam nessas relações pelo nascimento. Essas comunidades podem até os dias atuais, ser representadas pela família, pelo companheirismo, pelas comunidades rurais ou urbanas. A decomposição destas comunidades foi após a Revolução Francesa, pela libertação política da sociedade e pelo nascimento da sociedade burguesa.

Para Buber, o homem moderno perdeu o sentido de conviver. As novas formas sociais que substituíram as antigas não conseguiram restabelecer o sentido comunitário.

A crítica do autor é à sociedade industrial capitalista, que conduz à alienação em relação aos próprios sentimentos, espontaneidade e personalidade, proporcionando um esgotamento da ação dialogal, tornando o homem individualista e egoísta.

O significado da afirmação “comunidade autêntica” está relacionado à rejeição de Buber ao individualismo e o coletivismo totalitário. Estas comunidades devem ser construídas por pequenas comunidades. A comunidade é uma pluralidade que deve respeitar a singularidade da condição humana.

Buber, ao afirmar enfaticamente que a meta da comunidade é a própria comunidade, está negando qualquer possibilidade de se reduzir o “comum”, a existência plural, a uma unidade. A comunidade é uma pluralidade que deve ser preservada da subordinação a qualquer aparelho unificador. Nesta pluralidade as pessoas vêm assegurada a singularidade de sua condição humana. Na comunidade a pessoa não é reduzida à mera função de uma “massa”, a um papel numa classe. A pluralidade, condição necessária para a comunidade, tem dupla característica: igualdade e distinção. Igualdade não no sentido de nascimento, mas igualdade de condição de existência comum no espaço da comunidade. Tal igualdade vai de par com a distinção, vale dizer, ela não é redução ao idêntico, ao invariável, mas paridade fundamental que autoriza a participação da palavra que nos distingue do outro manifestando-nos nossa identidade própria. (ZUBEN, 1987, p. 132)

Portanto, para o autor quando pessoas se inter-relacionam no diálogo e todos estão integrados num centro ativo, aí surge a comunidade. Numa relação de ação recíproca entre dois, que cada pessoa envolvida na comunidade confirme o outro, respeitando assim a pluralidade.

3.3 A relação comunidade e a escola nas obras de Martin Buber

Em 1929, Buber realizou uma palestra com o tema: “A Educação para a comunidade”. Na Alemanha ocorria a ascensão do nazismo e os efeitos da crise do capitalismo. Nessa realidade, falava-se muito em educação comunitária. Buber não concordava com a definição de educação comunitária encontrada na literatura do período, na qual consistia:

A educação comunitária, tal como encontramos na literatura existente, consiste em qualificar ou equipar o homem em desenvolvimento com a capacidade de se orientar diante de grandes objetivos, tais como, sociedade, Estado, partido, associações nos quais a vida irá situá-lo. A educação comunitária fará com que o homem se torne um membro útil no seio destas diversas modalidades de associações, social, política [...] (BUBER, 1987, p. 82)

O autor cita Tönnies, que definiu a sociedade como uma associação de homens unidos por um propósito, e a comunidade como união de homens ligados pela própria essência, um processo natural de origem comum, de alianças, e afastamento da rotina cotidiana. A sociedade engloba homens que se associam para a existência comum. A comunidade, no entanto, abrange toda a vida.

A teoria da comunidade se deduz, segundo as determinações da unidade completa das vontades humanas, de um estado primitivo e natural que, apesar de uma separação empírica e que se conserva através desta, caracteriza-se diversamente segundo a natureza das relações necessárias e determinadas entre os diferentes indivíduos que dependem uns dos outros (TÖNNIES, 1973, p. 98)

Nesse sentido, Buber faz o seguinte questionamento: O que é que a educação de pessoas tem em comum com o novo sentido de comunidade? (BUBER, 1987, p. 87)

O sentido de comunidade proposto por Buber não se baseia no ter em comum, ou estar com o outro, mas sobre pessoas que se relacionam entre si numa dinâmica. “A comunidade é algo que acontece entre homens, Eu e Tu, numa multiplicidade de pessoas que estabelecem relações autênticas, todas sem finalidades”. (BUBER, 1987, p. 87)

A multiplicidade é componente importante da comunidade. Estar em comunidade é respeitar a vivência do outro, reconhecê-lo e respeitá-lo como diferente:

Isto quer dizer que a relação de um homem com seu semelhante não envolve somente uma parte de seu ser, como é frequente hoje, quando os vários domínios da vida espiritual são separados, cada um com sua própria lei, sua própria estrutura, sua própria contabilidade. (BUBER, 1987, p. 88)

Nesse sentido os homens encontram-se uns com os outros com todas as suas representações, conhecimentos e experiências, ou seja, relacionam-se com a totalidade do ser. “Que uma pessoa não seja um meio para os outros conseguirem um fim, que um não use o outro, mas que o considere um ser vivo, com sentimentos, valores e crenças.” (BUBER, apud KANT, 1987, p. 88)

Buber destaca que somente através da vida cotidiana no contexto de cada um se pode construir a comunidade, e isso só pode ocorrer pela comunidade, através da convivência e da experiência. A própria comunidade educa na medida em que está presente. Nessa realidade, as pessoas são educadas pela maneira de vida que nasceram e cresceram. Para o autor, a família educa se ela é realmente uma família, onde pais e filhos estabelecem diálogos. Já a escola educa se é realmente escola, onde a educação acontece de forma espontânea.

A família educa através de sua existência, uma vez que é necessariamente a menor célula da comunidade, indispensável para a construção da comunidade. Uma autêntica comunidade que engloba a vida jamais será constituída por indivíduos, mas por células comunitárias, apesar de todas as crises que elas passaram [...] (p. 91)

Analisando a educação de seu tempo, associou as escolas particulares (internatos) com lares destruídos, o pouco que as crianças relacionavam-se com as famílias era nas férias escolares, portanto, não recebiam a influência direta da família no processo educacional. Essas escolas particulares eram como ilhas, oásis, separadas do mundo e da realidade. Muitas crianças desconheciam até mesmo as indústrias que estavam próximas à escola, visto que essa observação do autor se insere na atualidade.

Ao visitar as escolas particulares (internatos), Buber observou que não havia comunidade entre o pessoal administrativo e o corpo docente e, nessa perspectiva,

não havia diálogo entre a equipe escolar. O autor questionou, então, como poderia existir uma comunidade entre professores e os alunos, e entre os próprios alunos, se estes não estavam sendo educados para isso.

Já nas escolas municipais, observou que existia conselho de pais que se relacionavam entre si e entre os professores para tratarem de assuntos comuns. Esses conselhos de pais eram mais comuns em meios proletários do que em meios burgueses. Segundo o autor, o proletário tem esta capacidade de contato solidário, justamente pela necessidade da união de interesses comuns.

Analizou também as escolas rurais, as quais apresentavam conteúdo de comunidade natural:

Apesar da degeneração do campesinato, existe ainda nele um conteúdo de comunidade natural, incólume e provisoriamente imperturbável, e isso é, ousado dizer, vestígio de comunidade primitiva. Não me refiro à comunidade primitiva no sentido daquela a qual falei anteriormente, comunidade dinâmica. Mas vestígio de comunidades primitivas de comunhão, de antigas comunidades rurais, existentes ainda hoje no meio rural [...] (BUBER, 1987, p. 92)

Para o autor, a escola pública urbana só poderia promover a educação comunitária pela iniciativa dos professores e esse processo deveria ser espontâneo numa relação dialógica, trocando conhecimento com os alunos sem imposição e autoridade.

Buber, ao relatar suas observações na educação de seu contexto histórico, nos deixou um grande legado: a relação comunitária na escola é um vínculo entre as pessoas, um elo entre os professores e alunos. Para que isso ocorra, é necessária a interação entre as faixas etárias, entre os sexos e entre as pessoas respeitando as diversidades, onde os alunos possam compartilhar os anseios e as aprendizagens.

3.4 Análise de Newton A. von Zuben sobre livro Eu e Tu

Newton Aquiles von Zuben concluiu o Doutorado em Filosofia - Université Catholique de Louvain, em 1970, com tese sobre Martin Buber. Atuou nas universidades: PUC/SP (1971-1974), UNISO e UNICAMP (1974-2001) onde se

aposentou em 2001 como professor titular. Atualmente é titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Atua na área de filosofia, com ênfase em ética, antropologia filosófica e bioética. Interagiu com um colaborador em co-autoria em obra coletiva publicada no exterior. Pertence ao grupo de pesquisa "bioética e cultura", com o projeto "bioética: princípios, avaliação, deliberação e decisão".

Segundo Zuben, os textos apresentados no livro: "Sobre Comunidade" (os textos do livro são coletâneas de conferências e palestras realizadas por Martin Buber, - parte desses deles estão descritos na primeira parte deste capítulo), podem ser lidos à luz das reflexões consagradas ao princípio dialógico apresentado no livro Eu e Tu.

O autor fala com propriedade sobre as obras de Martin Buber, pois traduziu duas de suas obras: "Sobre Comunidade" e "Eu e Tu".

Relata que as obras de Buber são mais conhecidas no campo da psicologia e da psicoterapia, na categoria da relação e do diálogo, porém, sua concepção é atípica, porque recusa a tratar esse momento como simples processo psicológico, ou mero meio de comunicação, visto que muitos estudiosos das ciências humanas ignoram as contribuições de Buber. Vale ressaltar sua grande contribuição na política, na religião, na filosofia e na educação entre outras esferas sociais:

Seu princípio dialógico exerce influência na Educação, na Psicologia, na Psicoterapia, nas ciências Sociais, na Teologia. Sua obra reflete a dialética entre o pensamento e ação. Pode-se distinguir na obra de Buber uma preocupação sempre presente: a renovação do existir. (ZUBEN, 2003, p. 16)

Zuben define Martin Buber como escritor, poeta, mestre, profeta da relação, filósofo do diálogo, representante do personalismo religioso, antropólogo, filósofo e grande pensador do século XX, porém mais pensador do que filósofo.

O paradoxo é a paixão do pensamento; o pensador sem paradoxo é como um amante sem paixão, um sujeito medíocre. Martin Buber, por ter assumido o paradoxo tanto em sua vida como em suas obras, pode ser considerado como um dos grandes pensadores de nossa época. Sua mensagem antropológica representa, sem dúvida, um marco essencial para a filosofia e para as Ciências Humanas. (p. 59)

Enfatiza que as Influências nas obras de Buber foram a mística judaica, o hassidismo, obras de Kiekergaard, Nietzsche e Feuerbach, e as facetas das obras são: judaísmo, ontologia, antropologia filosófica, tendo assim como princípios norteadores a relação, o diálogo, a reciprocidade como ação totalizadora, a subjetividade, a responsabilidade, a decisão-liberdade e o inter-humano.

O livro: “Eu e Tu”, traduzido por Zuben, prioriza a filosofia do diálogo, princípio norteador da relação do encontro inter-humano. O autor afirma que as obras de Buber influenciaram o pensamento religioso do século XX. Devido à sua experiência religiosa com o Hassidismo e o judaísmo, desenvolveu um pensamento fundamentado na relação dialógica com Deus, que se estabelece na relação Deus, homem e mundo, que não é simplesmente uma união mística, mas uma comunhão.

Anunciando assim que nós podemos falar com Deus, o Eu e o Tu Eterno, podem estabelecer uma relação face a face, do absoluto com o particular. Sua obra Eu e Tu representa a fenomenologia da religiosidade numa relação com os seres da natureza, com as esferas do homem e as esferas das essências espirituais.

Zuben destaca que Buber edificou sua obra em torno do encontro dialógico, que se estabelece no entrar em relação com o outro, estar disponível ao outro, abrir-se ao diálogo, nesse processo deve ser rompida a fronteira do individualismo e do egoísmo, para entregar-se à relação, tornando-se disponível ao encontro inter-humano numa situação existencial de cumplicidade.

As definições a seguir foram escritas por Zuben no livro: “Cumplicidade e diálogo”, os textos contidos nele foram publicados em épocas diversas, em conferências e seminários, e derivam de parte da sua Tese de Doutorado.

O encontro dialógico descrito no livro se realiza entre o Eu e o Tu, na presença, na reciprocidade que se faz na situação cotidiana, na vivência e, para que isso ocorra, o lugar do outro deve estar bem definido, ou seja, este deve ser o parceiro e não objeto de uso.

Eu - Tu e Eu - Isso não se restringem a objetos, mas aos encontros que se estabelecem entre os seres que se envolvem no mundo cotidiano, nos espaços culturais, educacionais e políticos. O Eu - Isso se torna mal a partir do momento que o Eu se faz egótico, e o Isso se torna somente objeto de experimentação, manipulação e uso.

Nesse sentido, o Isso representa a atitude do ser humano perante o mundo; suas ações diante do progresso, da tecnologia, da ciência, do meio ambiente e da sociedade.

De um lado temos o Eu - Isso como condição de possibilidade da técnica traduzindo a transformação da natureza pelo homem e, de outro, a dimensão inter-humana do encontro fecundando o existir histórico. Na medida em que o "entre - dois" se realiza eticamente, o encontro dialógico implica numa responsabilidade intersubjetiva e, portanto histórica. A ação, como poiese, fruto da intervenção objetivante do homem sobre o mundo, é radicalmente distinta de eventual ação do animal sobre a natureza que o circunda, dada a íntima união entre a palavra princípio Eu - Isso e a palavra princípio Eu - Tu, ausente no animal. (ZUBEN, 2003, p. 136)

Segundo Buber, o pleno significado da experiência é difícil, pois o progresso científico e a modernidade impedem a efetivação desse acontecer espontâneo. Devido a esse fator, buscou em suas reflexões analisar as causas do problema pelo qual estava mergulhada a humanidade, e em sua visão religiosa definiu como uma ruptura entre o homem e Deus.

A obra de Buber ajuda a entender, creio, a questão do abalo da fé do homem em si mesmo. Parece entrarmos numa época que busca antes interpretar-se a partir de figuras míticas de Dioniso e de Orfeu do que a partir da figura de Prometeu. Acreditava-se na ideologia do progresso, do crescimento e da História que se orienta sempre para um futuro melhor. Acreditava-se nas possibilidades ilimitadas da razão, da ciência e da técnica. Hoje, os homens conhecem uma profunda angústia coletiva, pois pela primeira vez, a própria sobrevivência da espécie está em questão. O homem chega a perceber, claramente, a insuficiência da linguagem racional e científica na interpretação de dados fundamentais da existência humana. Diante disso procura-se um novo tipo de homem que reconheça toda a importância devida à imaginação, à gratuidade, ao simbólico, à criatividade. (ZUBEN, 1987, p. 133)

Analisando a interpretação de von Zuben, o Isso no sentido de uso está refletido na intervenção do homem no mundo, através do uso de poder, na exploração de países e pessoas, sem a utilização do processo dialógico anunciado por Buber, afirma que a grande responsabilidade do homem está em construir um mundo mais humano e ético, onde as experiências vividas são mais importantes que os bens construídos e estes não podem tornar-se objeto de investigação, mas seres em uma relação.

Cabe salientar, na perspectivas dos autores, que viver em comunidade é o encontro do homem com seus semelhantes, num processo mútuo de conhecimento e respeito.

Estas são, portanto, as perspectivas em relação à busca da definição de comunidade na zona rural, ou seja, o encontro de homens e mulheres mutuamente, a relação não pelo fato de terem algo em comum somente, mas uma relação sem intermediários, num processo de diálogo, respeito um ao outro não como igual, mas como diferente.

3.5 A comunidade nas obras de Roberto Esposito

Através da leitura do livro: “O retorno da comunidade, os novos caminhos do social”, organizado pela autora Raquel Paiva, doutora pela ECO/UFRJ (teve como co-orientador em seu doutorado Gianni Vattimo), passei a conhecer o texto do filósofo Roberto Esposito: “Niilismo e comunidade”.

Ao perceber que suas definições sobre comunidade eram pertinentes e se relacionavam com as noções de comunidade, apresentadas tanto por Vattimo quanto por Martin Buber, contemplei os seus textos, utilizando-o como interlocutor nesse diálogo.

Roberto Esposito nasceu em 1950, é graduado em Filosofia pela Faculdade de Artes da Universidade Frederico II, em Nápoles. Atualmente, atua como professor de história das doutrinas políticas da Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Nápoles Oriental, bem como diretor do departamento de Filosofia e Política, no mesmo instituto. Segundo Esposito, a comunidade coloca em evidência o risco que o indivíduo corre em perder através de seu individualismo, os limites da sua inviolabilidade por parte do outro, e afirma:

A comunidade não é o entre do ser, mas o ser como entre não uma relação que modela o ser, mas o próprio ser como relação. A distinção é importante porque é aquela que nos restitui de modo mais evidente a superposição do ser e nada: o ser da comunidade é o afastamento, o espacejamento, que nos relaciona com os outros em um comum não-pertencimento. Numa perda de si mesmo que não chega nunca a se transformar em “bem” comum: comum é apenas a falta, não a posse, a propriedade, a apropriação. (ESPOSITO, 2007a, p. 19)

Para o autor, viver em comunidade é deixar de lado atos individualistas, é estar entre as relações sociais num sentido de não-pertencimento. Não é o mero estar junto num lugar, como numa aldeia, num bairro, e sim uma troca relativa a uma tarefa, implícita na obrigação originária que se tem para com o outro. “Porém se a comunidade é sempre do outro e nunca de si mesma, significa que sua presença é constitutivamente habitada por uma ausência – de subjetividade, de identidade, de propriedade”. (p. 18)

A comunidade está distante daquilo que significa pertencimento, compartilhamento no sentido de repartir, pois ela deve ser um desprendimento, nada pertence a ninguém.

A comunidade é a exteriorização do interior. Por isso - porque oposto à ideia de interiorização, ou, principalmente, de internamento - o *entre* da comunidade só pode ligar exterioridades ou ‘exílios’, sujeitos debruçados sobre seu próprio fora. Este movimento de descentramento é reconhecível na mesma ideia de divisão - que se reporta conjuntamente a ‘compartilhamento’ e ‘pertencimento’: a comunidade não é nunca um lugar de chegada, mas sempre de partida. É assim a própria partida em direção àquilo que não nos pertence e não poderá nunca nos pertencer. (ESPOSITO, 2007a, p. 20)

Esposito afirma que a prática da comunidade na atualidade está exposta a uma contradição insustentável, de um lado tudo aparentemente demonstra a vida em comunidade, cada forma de convivência, de relação, de troca. Por outro lado, essa noção de comunidade se vê afastada e abandonada em face ao duplo sentido de esquecimento e deformação

Quando o autor diz que a comunidade nos dias de hoje está esquecida, refere-se à ideia que nasceu com o comunismo, que reduziu apenas a noção de coletivismo, e com o fim do mesmo, essa representação não teve mais sentido.

Mas o que se torna mais preocupante é o risco de deformação em relação à noção de vida comunitária, pois em todas as partes do mundo, em países pobres ou ricos, o que se observa é a redução desse termo à existência de grupos fechados de convivência, como afirma Esposito são: “novos particularismos, pátrias fechadas e muradas em relação ao exterior”. (ESPOSITO, 2007b, p. 5)

De um lado, tudo parece falar-nos de comunidade. Tudo, - cada fragmento da nossa experiência singular e coletiva - parece nomeá-la, evocá-la, recordá-la. Porque dizem, com efeito, de que coisas falam se não é da questão da comunidade, da sua ausência, mas também da sua exigência-

os corpos, os rostos, os olhares de milhões de esfomeados, de deportados, de refugiados cujas imagens nuas e terríveis nos interpelam de todos os cantos do mundo? E não é ainda a comunidade que recorda cada nascimento, cada encontro, mesmo o mais anônimo, o mais cotidiano, o mais aparentemente banal? (ESPOSITO, 2007b, p. 4)

Falar de comunidade nos dias atuais exige a utilização de uma linguagem que não está inserida na filosofia política, ou seja, não se restringe somente ao indivíduo e ao sujeito, pelo contrário, é caracterizada pela relação com o outro, onde ocorre a desapropriação, o sujeito sai de si para a convivência com o diferente.

O autor em seu livro: “Immunitas”, relata que a modernidade imuniza, isola, impede as relações recíprocas, que devem acontecer no diálogo e na convivência com o outro. Esse termo “imunizar”, utilizado a princípio em áreas médicas e jurídicas, passou então a fazer parte de todas as esferas da sociedade, principalmente no que concerne à noção de comunidade:

A exigência de um sistema de proteção e de isenção originariamente ligada aos únicos domínios médicos e jurídicos, vai-se estendendo ao longo dos anos a todos os outros setores e linguagens da nossa vida, ao ponto de se tornar o lugar da coagulação, real e simbólica, da experiência contemporânea no seu conjunto. Qualquer que seja o ponto de onde se observe o que se passa hoje no mundo, do corpo individual ao corpo social, do corpo tecnológico ao corpo político, a questão da imunidade permanece no cruzamento de todos os percursos. O que conta é impedir, prevenir, combater por todos os meios o contágio qualquer que seja o lugar de onde ele parece ameaçar a nossa identidade biológica, social, política. (ESPOSITO, 2007b, p. 8)

Nesse contexto, na era da globalização, quanto mais aumenta a tecnologia, e mais se aprimoram as ideias, mais os seres se imunizam, surgem formas de proteção contra as consequências da modernidade. Diante de conflitos políticos e sociais, as pessoas isolam-se, visto que o medo é um fator determinante. A violência, o consumismo e a falta de segurança fazem com que não ocorra mais diálogo e contato uns com os outros.

O niilismo descrito pelo autor se faz contrário à vida em comunidade, no sentido de que o indivíduo, quando se volta para si mesmo, não se comunica com os outros, transforma sua vida em um nada, isolado. “Se não se comunica mais, um ser isolado se entristece, deprime-se e sente que sozinho não existe”. (ESPOSITO, 2007a, p. 27) E acrescenta:

O niilismo -quero dizer- não é a expressão, mas a supressão do nada – em comum. Certo, ele tem muito a ver com o nada - porém no modo do aniquilamento. Não é o nada da coisa, mas do seu nada. Um nada ao quadrado: o nada multiplicado e contemporaneamente suportado pelo nada. Isto significa que se dão ao menos dois significados- ou dois níveis – do nada que se mantêm distintos, apesar e dentro de sua aparente coincidência. Enquanto o primeiro como já foi dito, é o da relação – a lacuna, o afastamento, que faz do ser comum não um ente, mas uma relação -, o segundo, ao contrário, é o da sua dissolução: a dissolução da relação no absolutismo da sem-relação. (ESPOSITO, 2007a, p. 20)

Estar em comunidade é, portanto, estabelecer uma relação vertical entre os indivíduos, não é um mero coletivismo onde os bens materiais são repartidos, a forma de governo torna todos iguais socialmente, e essas experiências, segundo o autor, acabaram em regimes autoritários, mas é uma inclinação de cada ser ao seu nada em relação ao outro.

Esposito afirma que a comunidade se interpreta como algo que resiste ao niilismo, definida por ele como redução ao nada, descrença completa, doutrina política segundo a qual só é possível após a destruição de tudo aquilo que existe socialmente. É a barreira frente ao avanço do niilismo, pois não se reduz meramente ao nada, mas, ao contrário, é um todo pleno de si.

A comunidade não é uma coisa, nem a Coisa no sentido laciano do termo, mas é propriamente um nada, uma não-entidade. Ela é o nada de substância que reúne as existências, despojando-as do seu estatuto de sujeitos, abrindo-os à sua alteridade comum. (p. 7)

Podemos concluir que, ao tratar a noção de comunidade como uma relação dialógica entre homens e mulheres, num processo de desapropriação, desprendimento e esvaziamento de concepções pré-definidas, Esposito torna-se um interlocutor com o pensamento filosófico de Vattimo, no que se refere ao compartilhamento, e de Martin Buber, no que concerne o princípio do respeito ao outro enquanto ser humano.

4 A RELIGIOSIDADE NA ZONA RURAL

Como mencionado anteriormente, a noção de comunidade se constrói na relação com o outro, nas situações cotidianas, na reciprocidade e no compartilhamento.

Neste capítulo será apresentada a religião na obras de Gianni Vattimo, autor de suma importância para este diálogo, pois dedica estudos e escritos sobre a religiosidade na atualidade e também coloca em debate as questões contemporâneas da técnica, da ciência e da bioética.

Nessa perspectiva, esses temas serão analisados juntamente com as obras de von Zuben, pois para falar de religião na atualidade deve-se também refletir sobre as transformações que estão ocorrendo na sociedade, mudanças estas que atingem a zona rural e suas particularidades. Deste modo, citar Vattimo e Zuben é recorrer a exímios escritores sobre o tema. Para justificar essa afirmação, será apresentada a religiosidade presente na comunidade dos Garcias no município de Piedade - SP.

4.1 A religião nas obras de Gianni Vattimo

Vattimo é católico, mas questiona o posicionamento da igreja em relação à bioética, à homossexualidade, à proibição de preservativos e ao sacerdócio feminino, “Uma igreja eurocêntrica e patriarcal deve dar lugar a uma igreja universal e tolerante, fiel da autonomia das igrejas nacionais, regionais e locais” (VATTIMO, 2006, p. 41) E diante desse posicionamento afirma:

Algumas pessoas têm me censurado por eu ainda falar sobre cristianismo e não sobre qualquer coisa, mas o cristianismo é algo que me veio através da igreja, das tradições, dos textos [...]. Assim eu deveria sempre lembrar que há algo objetivo nesse sistema por causa do modo que falamos de todas as outras coisas, não somente de religião. (p. 93)

Vattimo faz referência às obras de Nietzsche em seus livros, principalmente quando analisa as transformações sociais, tecnológicas e científicas, fundamentando assim seu questionamento a igreja católica e seus dogmas. No livro: “Introdução a Nietzsche”, retrata a afirmação de Nietzsche sobre a existência de um duplo cérebro (uma parte para sentir a ciência e outra parte sentir a não-ciência),

propõe a desconstrução do mundo da moral, que sujeita o indivíduo à vida de valores transcendentos (religião, arte, metafísica).

Para Vattimo, Nietzsche aponta como erro preconceituoso a relação do homem com o mundo metafísico, religioso e da filosofia histórica da conservação como fuga da dor. O primeiro erro da moral é acreditar que possam existir ações morais, tais como a ética religiosa. A ação moral deve ser escolhida livremente. Também associa o fim da moral ao avanço do mundo da técnica e da divisão do trabalho, que proporcionou o fim da insegurança no estado social.

O ponto culminante da superação da moral é quando Nietzsche afirma a morte de Deus, dizendo que Deus foi morto pelos homens religiosos por devoção. Vattimo, nesse sentido, afirma que Nietzsche menciona que Deus morreu, mas não diz que Ele não existe:

Quando Nietzsche diz: “Deus está morto” ele não quer dizer que ele não existe, porque isso implicaria novamente um tipo de tese metafísica sobre a estrutura da realidade. Quando digo que graças a Deus sou ateu, graças a Deus é muito importante, significa graças à história da revelação, da salvação, da dissolução do Ser que sou ateu e essa história realmente é minha fundamentação paradoxal. (VATTIMO, 2006, p. 86-7)

Segundo o autor, as igrejas só estabelecerão uma fraterna relação quando prestarem atenção nas diversidades entre indivíduos, sociedades e culturas e respeitarem as particularidades de cada local: suas necessidades, manifestações culturais e sociais.

Em geral, um regime democrático tem necessidade de uma concepção não metafísica - objetivista da verdade; do contrário, transforma-se imediatamente em regime autoritário. Se reconhecer que o sentido da mensagem cristã desdobra-se precisamente na dissolução das pretensões da objetividade, a igreja poderia finalmente sanar até mesmo o confronto entre verdade e caridade que a tem como assediado no curso de sua história. (p. 70-1)

Para Vattimo, vivemos um retorno religioso, como uma reativação de algo que estava adormecido, a reabertura de uma ferida, fato este que se iniciou após a Segunda Guerra Mundial. A humanidade viu-se diante do medo das armas nucleares, que colocaram em risco o homem, a mulher e o meio ambiente.

A religião é experimentada como um retorno. É o restabelecimento presente de algo que acreditávamos ter esquecido definitivamente, a reativação de um vestígio adormecido, a reabertura de uma ferida, a reparação de algo que fora removido, a revelação de que o que pensávamos ter sido uma Überwindung (superação, aquisição de veracidade e consequente descarte) ainda é somente uma Verwindung, uma longa convalescença que tem de tornar a enfrentar o vestígio indelével de sua doença. (VATTIMO, 2000, p. 91)

Assim, a experiência religiosa fez-se presente no surgimento de novas igrejas, seitas e doutrinas, que passaram a pregar o medo apocalíptico, os receios diante da manipulação genética e a perda do sentido da existência, causados pelo consumismo exagerado e pelo individualismo.

O autor define a modernidade como a época da tecnociência e do caos na humanidade. Para exemplificar, ele comenta as atitudes humanas que se elevam às novas possibilidades de domínio do mundo, tais como: produzir armas, escravizar nações inteiras, explorar e extrair recursos da natureza, sem pensar na sobrevivência planetária.

Nesse contexto, os países que detêm o poder ideológico, político e econômico ampliam domínios desrespeitando as identidades étnicas e culturais e acrescenta:

O Ocidente de hoje, em vez de preparar-se para uma guerra infinita da própria fé, leva a sério as razões históricas do confronto com o chamado Terceiro Mundo. As quais são razões econômicas, de desigualdade, de exploração e mascaram-se como razões de fé e de cultura apenas para a manipulação ideológica interessada em quem detém o poder. (VATTIMO, 2006, p. 39)

Vattimo enfatiza o retorno religioso como uma recusa da modernização, e da “babel” em que se encontra a sociedade contemporânea. Assim, ocorrem afirmações de identidades culturais, tribais e religiosas, porém, observa-se a presença da intolerância causando guerras e conflitos locais e mundiais, visto que a experiência religiosa se faz em meio aos anseios da modernidade.

Reagir ao caráter problemático e caótico do mundo moderno tardio por meio de uma volta a Deus como fundamento metafísico significa, em termos nietzscheano, a recusa ao desafio da super-humanidade; ou, ainda a autocondenação àquela condição de escravidão que Nietzsche considera

inevitável para todos os que, justamente, não aceitaram tal desafio. (VATTIMO, 2000, p. 95)

Para Vattimo, a religiosidade é destacada como a volta ao estudo e à leitura da Sagrada Escritura por qualquer pessoa, e passa de um objeto esquecido para um símbolo das verdades Bíblicas (tradição judaica), sendo seu uso comum nas igrejas e sua interpretação justificada como fonte de sabedoria e diálogo com o Sagrado.

Em meio à renovação dos Carismas e Dons Espirituais, a ênfase às virtudes teológicas (fé, esperança e caridade) são princípios que norteiam a convivência pacífica e solidária para os que buscam a reconciliação com o próximo e com Deus.

Desta maneira, ele apresenta como exemplo da vivência religiosa o sentido da culpa e do pecado, a percepção do mal e suas consequências, o enigma da morte e da dor, a experiência da oração como maneira de expressar positivamente o pertencimento a uma religião ou a uma comunidade, e exemplifica dizendo que:

Se é verdade que a religião hoje se nos apresenta como uma exigência profunda e também filosoficamente plausível, isto se deve, também e primeiramente, a uma dissolução generalizada das certezas racionalistas das quais o sujeito moderno se alimentou; exatamente aquele sujeito para o qual o sentimento de culpa e a inexplicabilidade do mal são elementos centrais e decisivos. (p. 100)

O retorno religioso é também um retorno às origens da tradição religiosa, como afirma Vattimo: “O Deus trinitário não é alguém que nos chama para o retorno ao fundamento no sentido metafísico da palavra, mas, segundo a expressão evangélica, chama-nos antes a ler os sinais dos tempos”. (p. 103)

No livro “O futuro da Religião: Solidariedade, Caridade e Ironia”, Gianni Vattimo e Richard Rorty estabelecem um diálogo sobre o significado da religião, ambos provenientes de perspectivas e formação diferente.

Vattimo educado na religião católica, e Rorty educado sem religião, expressam a importância da reflexão sobre a religião nos dias atuais. Para Vattimo (2006 p. 54-5) “Não há nenhuma dinâmica interna, nenhuma teologia inerente à história humana, não há nenhum grande drama a ser desdobrado, mas somente a esperança de que o amor prevaleça”. E acrescenta que:

A religião sempre implica um sentimento de dependência, e para mim isso é válido porque quando falo de Deus ou da Bíblia, falo do Deus que conheço somente por meio da Bíblia, que não é um objeto externo, porque minha dependência de Deus é minha dependência da tradição bíblica, do fato de que no passado não se poderia pensar sem condições e significados bíblicos. Assim, esse é meu sentimento criatural, não posso me manter sem ele. Isso é também um modo de amar a Deus? Sim, porque o amor é o tipo de sentimento de dependência que não está envolvido em uma patologia; ninguém se revolta contra sentimento de dependência quando se tem uma relação com quem se ama, e isso tem implicações sérias em nossa vida social, e assim por diante. (VATTIMO, 2006, p. 105)

Rorty, em relação à sociedade atual e seus problemas, afirma que: “tem esperança de que algum dia, em algum milênio futuro, seus descendentes remotos viverão em uma civilização global em que o amor será adequadamente a única lei”. (RORTY, 2006, p. 60)

Zabala, ao analisar o pensamento tanto de Vattimo quanto de Rorty, faz uma reflexão sobre a importância que os autores dão ao papel que a religiosidade está exercendo na sociedade atual, e afirma:

Um primeiro ponto que aproxima os dois pensadores é a constatação de que, depois do desconstrucionismo e da hermenêutica, para usar as palavras de Vattimo, “a religião não morreu, Deus ainda está em circulação”. Depois da “Idade da Fé” e da “idade da razão”, a humanidade entrou, de fato, em uma fase na qual o pensamento é dominado por precauções que não são de pertinência apenas da ciência, nem apenas da filosofia, nem apenas da religião. Nessa “Idade da interpretação”, a reflexão sobre os problemas religiosos volta a ocupar, portanto, um papel central. (ZABALA, 2006, p. 8)

Ambos os autores afirmam que Deus deixou de nos tratar como servos para nos tratar como amigos, pois vivemos hoje sem a imagem do Deus da metafísica e a relação com o divino não deve ser através do medo e da superstição, mas sim através do diálogo, pois Ele está entre nós.

Segundo Vattimo, para sairmos dos conflitos religiosos, devemos nos afastar dos fanatismos e dos ceticismos, para vivermos nós mesmos a nossa religiosidade, sem preconceitos em relação às minorias sexuais, de gênero e étnicas.

Afirma que hoje os ídolos descritos bíblicamente são as novas leis do mercado, os especialistas que ditam regras, oprimem e exploram, e enfatiza: “O que podemos fazer com as pessoas que aparentemente não compartilham

responsabilidades cívicas dentro ou fora de nossa sociedade? O Ocidente representa ainda muito comércio internacional e da dominação tecnológica no mundo". (VATTIMO, 2006.p. 97)

O ser humano dentro desse contexto, não vive mais sob a influência do pensamento metafísico tradicional, onde a figura de Deus era absoluta e punitiva, hoje a relação com o divino se faz face a face, e a experiência religiosa propicia a oportunidade de se viver uma fé tolerante, ou seja, aceitar o diferente é praticar na era da tecnociência e da globalização a solidariedade e a caridade.

4.2 A relação dialógica do pensamento religioso de Vattimo e Newton Aquiles von Zuben

Tanto Gianni Vattimo quanto Newton Aquiles von Zuben assumem posições importantes no que se refere à tecnociência e à relação dialógica dos seres. Vattimo posiciona-se refletindo sobre a bioética e enfatiza sua opinião como católico, já von Zuben, mesmo tendo formação cristã, tem sua posição estritamente acadêmica sobre o tema.

Na área de pesquisa bioética, desenvolvida por von Zuben, podemos perceber a grande influência das obras de Martin Buber, pois retrata em seu texto: "As Investigações Científicas e a Experimentação Humana-Questão de Bioética" a importância do reconhecimento do ser humano, enquanto Tu, com sentimentos, aspirações e escolhas, embora os pesquisadores atuais, insistam em tratar o ser humano como Isso, objeto de pesquisa, manipulação e experimentação.

Nesse sentido, anuncia o mal estar diante das descobertas na área das ciências biomédicas e de suas aplicações clínicas e terapêuticas, onde todas as inovações e invenções conduziram à manipulação genética, ou seja, a manipulação da vida e aos avanços tecnológicos que colocaram em risco a sobrevivência da humanidade.

A experimentação humana põe à luz questões cruciais que estiveram na agenda de debates em inúmeras Comissões de bioética, nacionais e internacionais, Comitês de Ética e Congressos Científicos. Dentre as questões pode-se notar em particular a incerteza relativa aos riscos prováveis e, sobretudo a delicada questão do "consentimento livre e informado" cujo conceito ainda permanece ambíguo e de contornos

semânticos flácidos. Para a proteção da pessoa humana contra as formas invasivas da curiosidade científica, confiou-se as investigações científicas e a experimentação humana: aspectos durante longo tempo na consciência moral dos pesquisadores e nas tradições da ética profissional. (ZUBEN, 2007, p. 12)

Seguindo os princípios de comunidade da obra de Martin Buber - Eu e Tu, analisa-se a ética diante da realidade onde o ser humano no mundo faz uso da técnica e da ciência para transformá-lo de acordo com suas necessidades. Nesse sentido, o Eu experimenta, manipula, utiliza o Isso em benefício próprio, apoderando-se assim, das invenções tecnocientíficas para desrespeitar a vida.

A afirmação da primazia do diálogo no qual o sentido mais profundo da existência humana é revelado não nos deve levar a conclusão de que a atitude Eu - Isso seja algo negativo, inferior ou mal. Ao contrário, ela é uma das atitudes do homem face do mundo, graças a qual podemos compreender todas as aquisições das atividades científicas e tecnológicas da história da humanidade. (ZUBEN, 2003, p. 96)

Durante e após a Segunda Guerra Mundial, a humanidade se viu diante de armamentos altamente destrutivos (as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki) e experiências científicas com seres humanos, sem o mínimo respeito ao ser. Zuben, destaca o Código de Nuremberg de 1946-1947, que enfatiza a necessidade na experiência com seres humanos o consentimento voluntário. “O estupor mundial provocado pelas bárbaras experiências realizadas por médicos nazistas induziu a esse Código que em seus dez pontos define clara e objetivamente as condições de experimentação com seres humanos”. ((ZUBEN, 2007, p. 16).

O Código determinou o esclarecimento da pessoa envolvida na pesquisa, sendo que esta deve ser realizada por um especialista qualificado, priorizando o bem estar do paciente e de toda a sociedade envolvida. No decorrer dos anos, as Comissões aprimoraram, acrescentando análise dos critérios de riscos e benefícios ao paciente, diretrizes para a escolha dos sujeitos e limites entre a pesquisa biomédica e a prática médica, entre outros critérios.

Sendo assim, o autor menciona que questões relevantes discutidas nas Associações de Médicos e Cientistas estão relacionadas à fecundação in vitro e transferência de embriões, ao transplante de órgãos humanos e à eutanásia, e estas não envolvem somente bioética, mas princípios morais e religiosos. A técnica e a

ciência anunciada na modernidade como solução para todos os problemas, apresentou-se no século XX como responsável pelos males nas mãos daqueles que dela fizeram mau uso. Zuben propõe que os estudos científicos são necessários, mas o respeito pela liberdade e pela vida deve prevalecer em primeiro lugar.

Nesse cenário particularmente crisogênico, surgiu novo campo problemático, não só no plano científico, mas no campo moral e axiológico. E a Bioética, como um espaço paradigmático multidisciplinar, enfrenta-se com diversas questões relacionadas com as pesquisas tecnocientíficas tais como: procriática e a tanatologia; a nova genética e as conseqüências para o ser humano; a terapia gênica; as manipulações do comportamento; a alocação de recursos diante do crescente fosso entre países desenvolvidos e os excluídos da humanidade. Tudo isso girando em torno das investigações científicas. As reflexões bioéticas têm como intenção a busca de articulações entre o saber científico e os valores humanos. ((ZUBEN, 2007, p. 12)

Nas pesquisas biomédicas, a questão discutida pelo autor refere-se à autorregulamentação, pois o que está em debate é a realidade humana, que engloba as esferas políticas, sociais, culturais e religiosas. Embora essas investigações destinam-se à busca de curas para doenças e à obtenção de novos conhecimentos para fins terapêuticos, a discussão se faz na utilização de seres humanos nesse processo. Assim, cabe ao homem e a mulher o consentimento voluntário para estas pesquisas.

Em seu texto: “Questão de Bioética, Morte e Direito de Morrer”, apresentado na Mesa Redonda "Diálogos" promovido pela UNISO e PUC-SP, em Sorocaba, no mês de junho de 1998, Zuben faz uma análise do direito do homem e da mulher de escolher livremente a antecipação ou o prolongamento do término de sua vida, fator esse que até bem pouco tempo atrás era decidido e discutido entre os médicos, atualmente se faz necessária a conscientização de toda a sociedade. Pautaram a discussão, principalmente, temas como o transplante de órgãos e a eutanásia.

Afirmar que o homem é pessoa significa reconhecer-lhe o caráter único e exclusivo de sua vida. É esse caráter que transforma essa vida em existência; de simples organismo vivo, bios, vida compartilhada com todos os seres vivos, o homem passa a um ser único, existente, pessoa. Esta existência, modo de ser peculiar aos homens, confere à pessoa a dignidade. Em outros termos a vida do homem é digna não por ser vida, mas justamente por ser uma existência, isto é vida humana. (ZUBEN, 1999, p. 1)

Zuben menciona que a tecnociência vem promovendo uma ruptura com a ética e a vida, pois transforma o ser humano de criador de toda essa tecnologia a uma vítima de sua criação, em relação a grande capacidade de atuação nos sistemas físicos e orgânicos do homem e da mulher. Nesse contexto, questiona-se a ciência perante os princípios religiosos.

Gianni Vattimo também faz menção aos receios da humanidade diante da manipulação genética e dos avanços tecnológicos, e anuncia um retorno religioso diante dessa realidade. Na perspectiva da bioética, afirma que não podemos obrigar alguém a fazer aquilo que não deseja, pois sua liberdade deve ser respeitada. Numa entrevista à revista Cult, analisou essa questão fazendo um contraponto entre o pensamento fraco (o pensamento daquele que não está na comodidade e que também respeita a esperança da maioria) e o pensamento forte (metafísica clássica), e afirmou:

Tomemos o clássico exemplo da eutanásia: neste caso, a violência não é ajudar alguém, que deseja, a morrer, mas lhe impor que viva ainda que depois de uma madura discussão, ainda prefira a morte. Em linguagem cristã, eu digo sempre que os códigos possam se tornar unicamente mais “caridosos regulando as relações”. Há um único imperativo absoluto, o respeito ao outro em sua liberdade; o resto são convenções que nos servem para exercitarmos este único dever de base. (VATTIMO, 2008, p. 15)

O autor questiona também diante do debate da bioética, sobre a modificação do DNA, a fecundação in vitro, a posição das igrejas, e afirma que na condição pós-moderna é justamente a função disciplinar e autoritária que o cristianismo não pode mais desempenhar, sugerindo, por conseguinte, um diálogo entre a ciência e a fé.

Para Vattimo, a bioética é o princípio da liberdade dos homens assumirem a responsabilidade de decidirem sobre suas próprias vidas, sem a intervenção nesse processo de concepções autoritárias ou religiosas.

Questões como aborto, eutanásia, entre outras, passam a pertencer ao livre arbítrio, onde cada um decide o que lhe é de plena consciência. Fazendo uma análise da frase de Zuben (2003, p. 164): “Não se pode viver sem o Isso (ciência-tecnologia), mas quem vive só do Isso não é homem”, compreendemos o sentido de suas obras e estudos. Na atualidade, a tecnologia se faz necessária para muitas esferas, mas a partir do momento que não se vive sem ela, a humanidade deixa de

lado a essência do existir, a relação com o outro, com o meio ambiente, com a religiosidade e a própria ética em relação à vida.

Assim, observamos a grande contribuição do filósofo Martin Buber, que ao pensar a sociedade de seu tempo deixou-nos uma lição: de que o diálogo é mais importante que a técnica e a ciência, embora estas se façam necessárias, o face a face, o estar em relação com o outro (Tu) enquanto ser é que determinam a razão de estar no mundo.

Zuben sabiamente no decorrer de sua trajetória desde seu encontro com as obras de Buber, o contemplou em seus textos, artigos e livros, mencionando principalmente na questão da bioética a grande importância da relação Eu e Tu, denunciando, a relevância dada pela sociedade científica ao Eu - Isso.

O autor nos oferece esses princípios, que podem ser acrescentados a todas as áreas: religiosidade, meio ambiente, questões de gêneros, etnias e sexualidade. Essa rede de saberes parte do diálogo e da reciprocidade:

Para o mundo contemporâneo, habitado e regido pelos pregadores da “morte do homem” e pelos arautos do advento da mega-máquina, a mensagem de Buber soa como um indisfarçável e incômodo desafio. Para aqueles preocupados pela sorte do homem, essa mensagem faz brotar um raio de esperança, gerador de um indisfarçável tormento e secreta alegria. A interrogação de Buber sobre o sentido do homem faz crescer, no pensamento atual, uma recordação nostálgica do humano, do “simplesmente humano”. Sua voz ecoa numa época em que paulatinamente e inexoravelmente se deixa tomar por um esquecimento sistemático daquilo que é mais característico no homem: sua humanidade. (ZUBEN, 2003, p. 184)

O retorno religioso nesse contexto se faz como busca pela orientação, assim espera-se que as igrejas acolham a todos, independente das opções sexuais, das etnias e das classes sociais; que não impere no ecumenismo a intolerância e o preconceito; e que diante da sociedade saibam respeitar os princípios de liberdade em favor da vida.

Segundo os dogmas judaico-cristãos, as verdades Bíblicas não podem ser colocadas em debate, pois as escrituras são revelações sagradas, e devem ser respeitadas. Nesta perspectiva, os cidadãos não são livres para fazerem suas escolhas, justificando assim as críticas de Vattimo à igreja católica em relação a bioética.

Precisamente, o liberalismo que herdamos da secularização cristã oferece uma guia neste caso: o valor da pessoa humana (também os cabelos de vossa cabeça estão contados, diz Jesus...) é a liberdade. Não há “verdade” objetiva ou valor supremo que esteja acima disto (Que dará o homem em troca da alma – ou seja, de sua liberdade?). O Estado deve funcionar segundo leis que tenham o consenso exclusivamente em sua base – e, naturalmente, isto é sempre um efeito a ser ainda aperfeiçoado, pois todos nascemos numa ordem social já dada que, no entanto, devemos ter o direito e os modos de modificar, reconstruir, por em discussão. (VATTIMO, p.1, 2009)

Vattimo e Zuben tratam em seus textos de homens e mulheres, enquanto seres livres e dignos de respeito por parte da religião e da política, uma vez que, em se tratando do direito de falar, de viver ou morrer, cada um deve exprimir seus anseios e expor suas decisões com plena autonomia.

A incerteza da vida moderna faz com que os homens busquem novas experiências e explicações para os problemas sociais e econômicos aparentemente sem solução. Na interiorização do ser e na espiritualidade, encontram caminhos e refúgio, e perante uma sociedade movida pelo consumo, é superada pelo diálogo entre o divino e o humano.

A religiosidade descrita pelo autor pode ser observada na atualidade em meio às transformações sociais e aos avanços da tecnociência, onde ocorre a vitalidade das igrejas, das crenças orientais, das seitas - entre outras.

O sagrado ainda resiste, e se manifesta nas religiões que preservam suas doutrinas e seus dogmas, denunciam atitudes que desrespeitam a vida e o divino, e anunciam suas crenças em forma de movimentos de evangelização e de vida comunitária.

4.4 Comunidade e religiosidade

Na dissertação de Mestrado: “Comunidade, Etnia e Religião: Um estudo de caso na Barragem de Itá (RS/SC)”, Sandra Faillace descreveu o sentido de comunidade na região investigada, no povoado de Sarandi, Aratiba (RS).

Devido à construção da barragem de Itá, a autora percebeu que os membros da comunidade temiam não somente perder as terras, “sentiam-se atingidos pela

retirada dos parentes, amigos e vizinhos, pela ausência de escola, água, pela presença de estranhos com as obras de construção, pela mudança do clima” (FAILLACE, 1990, p. 39) e também pelo desmembramento da comunidade.

O objetivo do trabalho foi observar a intervenção do Estado no deslocamento compulsório dos camponeses em função da construção da Usina Hidrelétrica, que iria alagar 10.400 hectares de terras dos trabalhadores rurais aproximadamente e pela análise, seriam deslocadas 16.070 pessoas, sendo que 80% habitavam a zona rural.

Esta população, situada em região de grande densidade populacional – 114 hab./km² (ELETROBRAS: 1990; pp. 44) (7) é formada majoritariamente – 70% -por pequenos agricultores em regime de economia familiar, que vivem em propriedades de 20,7 há em média (ELETROSUL/CNEC: 1987c; pp. 5.21) e produzem através do uso intensivo e diversificado da terra, aproximadamente as mesmas coisas: trigo, batata, abóbora, cana-de-açúcar, arroz, mandioca, feijão, frutas etc., predominando as culturas de milho e soja. (FAILLACE, 1990, p. 4).

Na localidade destacavam-se três grupos religiosos: protestantes, evangélicos e católicos, que demonstravam a religiosidade como vínculos comunitários. A autora percebeu em suas visitas e entrevistas com os moradores que a denominação “comunidade” era no “linguajar” religioso, e afirmavam existir três comunidades.

A comunidade camponesa considerada nesta análise geralmente se constitui, portanto, com a presença de uma capela, escola, um local de comércio, um clube aglutinados em espaço territorial delimitado, onde transcorre a vida social e econômica dos moradores das áreas circunvizinhas; no entanto, dada à relevância da religiosidade entre o campesinato de imigração européia na região sul do Brasil, assinalada pela literatura, o termo comunidade pode estar vinculado á capela ou ao grupo religioso. (p. 130)

Os habitantes da região eram grupos heterogêneos em termos étnicos e religiosos, eram colonos de origem italiana, alemã e polonesa que se uniram em defesa dos interesses coletivos para a preservação das identidades e das minorias. No caso em destaque, a minoria evangélica no alto Uruguai e no Rio Grande do Sul, em relação à maioria católica, na região era a maioria. A noção de comunidade também é descrita pela autora como sentimento de pertencimento a um determinado grupo que partilha as mesmas aspirações sociais e culturais (no local em questão, eram descendentes de imigrantes europeus).

A condição da participação é o fato de ser sócio, ou seja, pertencente a alguma coletividade, seja ela a igreja, a escola, o clube ou ainda o sindicato, o partido-político, quer dizer, enquanto o termo participar indica a ideal atuação voltada para a coletividade da qual o sócio faça parte, o termo que indica a inserção de ego nesta coletividade é pertencer. (FAILLACE, 1990, p. 135)

Dentre os atingidos pela construção da barragem estavam os proprietários de terras e os não-proprietários (posseiros, arrendatários, meeiros, parceiros e índios). Alguns foram diretamente atingidos, pois foram deslocados; outros indiretamente, já que não perderam suas terras, mas sofreram com o desmembramento da comunidade.

Após a decisão da Eletrosul, surgiu uma comissão denominada Comissão Regional de atingidos por Barragens (CRAB) - parceria de bases intersindical e as igrejas católica e luterana - com o objetivo de defender os interesses dos atingidos.

O povoado de Sarandi representava para seus habitantes uma referência política, econômica e religiosa, visto que a predominância era da religião evangélica que mantinha a posição de destaque nos centros comerciais, esportivos, educacionais e recreativos.

Os evangélicos e católicos utilizavam a denominação “sócio” para todos os membros que pagavam taxas, tanto para a manutenção da escola quanto para a manutenção das capelas. Também eram responsáveis pelas festas para a arrecadação de dinheiro e pela limpeza de ambas. Dentro desta organização existia presidente, secretário, tesoureiro e suplente, sendo somente homens no cargo administrativo. No entanto, na diretoria da juventude eram eleitas também mulheres, estas com participação ativa na vida comunitária, se reuniam frequentemente para as orações, jogos e para discussões de caráter político e social.

A igreja evangélica, denominada capela por situar-se na zona rural, estava localizada no lugar mais alto do povoado, representando a influência política e social da religião no local. Foi a única construção a não ser atingida pelas águas da represa. Todos os grupos étnicos e religiosos da região do Sarandi definiam a religião e a vida social como fatores aglutinadores. Porém, a definição de comunidade também se referia ao espaço territorial pelo qual estavam inseridas as igrejas, o campo, o salão e a escola, pois nesses locais ocorriam os encontros.

Neste sentido, no Alto Uruguai, em função da topografia acidentada – região de vale encaixada em rios e pequenos cursos d'água que deságuam no rio Uruguai e caracterizada por fortes ondulações de terrenos o caminho das águas atingirá em cheio a organização social do campesinato que não se percebe localizado apenas em propriedade, por sua vez situadas em “linhas” ou “povoados”, mas em comunidade, estando a compreensão desse termo muito além da equivalência “unidade espacial/comunidade” percebida pela Eletrosul. (FAILLACE, 1990, p. 236)

Porém, os evangélicos definiam a comunidade totalmente relacionada com a vida religiosa e esta era a fragilidade em relação à construção da Usina Hidrelétrica (a separação da comunidade religiosa), e o grupo dividido poderia formar outras capelas em locais diferentes, ocasionando assim o desmembramento.

A dissertação de Faillace nos apresentou uma concepção de comunidade que está relacionada com vínculos religiosos e territoriais, ou seja, que partilhavam religiões diferentes, mas faziam do espaço territorial um local de relações sociais e culturais, num processo dialógico, pois nas festas e nos momentos de lazer todos os grupos étnicos ou religiosos se confraternizavam.

Cabe ressaltar a contribuição da pesquisa da autora para o desenvolvimento do tema: noção de comunidade, pois, mesmo sendo desenvolvida nas regiões do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, distantes e diferentes culturalmente do município de Piedade – SP, percebe-se as semelhanças na organização territorial, social e religiosa da comunidade.

Na perspectiva apresentada pela autora acima, a comunidade investigada no bairro dos Garcias, no município de Piedade, no Estado de São Paulo, apresenta particularidades referentes à religiosidade, sendo esta um fator de encontros em meio à vivência rural e às influências das transformações sociais.

Os (as) moradores (as) se denominam membros da comunidade de São Francisco de Assis, o padroeiro da capela e, enquanto território, se autoafirmam como pertencentes ao bairro dos Garcias.

O objetivo foi identificar até que ponto a noção de comunidade descrita pelos habitantes desse local é influenciada pelas relações políticas e econômicas, tanto por parte da igreja quanto por parte da sociedade. Como afirma Vattimo: “As coisas não tem nenhuma essência em si mesmas, mas elas aparecem, elas chegam a ‘ser’ do modo que chegam a um projeto, um projeto compartilhado”. (VATTIMO, 2006, p. 79)

O homem pós-moderno, assume a fundo a condição fraca do ser e da existência, pode finalmente aprender a conviver consigo mesmo e com a própria finitude, mais além da nostalgia residual pelo fim de todo absoluto da metafísica. Aceitar a condição constitucional dividida, instável e plural que é própria de nosso ser, destinado à diferença, à transitoriedade e à multiplicidade, significa estar em condições de praticar ativamente a solidariedade, a caridade e a ironia. (VATTIMO, 2006, p. 35-6)

Nessa comunidade a igreja é um local de encontros tanto espirituais quanto comunitários, e durante a semana são realizadas diversas reuniões, algumas para tratar assuntos administrativos, tais como prestação de contas dos gastos com energia, água e reparos, outras de cunho solidário como, por exemplo, arrecadação de alimentos e dinheiro para a compra de mantimentos e remédios às famílias mais necessitadas. A maior parte dos encontros são destinados à oração, ensaios de cantos e estudo bíblico.

Algumas pessoas cuidam da administração da igreja e possuem responsabilidades perante a comunidade; são cargos que tem a durabilidade de um a dois anos. Promovem também os encontros fora da capela e as festas para arrecadar o dinheiro para a manutenção da mesma, pois segundo as informações dos membros da capela, todos os reparos, as despesas com água e luz são pagas pela comunidade.

Os encontros religiosos na comunidade são realizados várias vezes ao ano, os mais frequentes são nas casas e nas “capelinhas” (pequenas igrejas construídas por moradores nas encruzilhadas), que são acompanhados por orações e pelos cantos dos violeiros. Nos dias festivos relacionados ao calendário da paróquia ou do padroeiro da comunidade, que é São Francisco de Assis, ocorrem as festas com direito a roleta e venda de doces e salgados. Estes eventos têm a colaboração de muitas pessoas. Algumas fazem doações de mantimentos, outras trabalham desde a montagem das barracas até a confecção dos alimentos e a venda. A organização desses eventos assemelha-se ao “Kerb” que vem a ser: “uma festa tradicional celebrada entre os imigrantes alemães e seus descendentes e está relacionada a ser uma festa da igreja”. (FAILLACE, 1990, p. 201)

Nestas festas, segundo a dissertação da Sandra Faillace, ocorria a distribuição de tarefas, onde haviam grupos responsáveis pela bebida, comida, diversão e dinheiro.

A festa do “Kerb” tal como descrita na literatura memorialista aproxima-se das festas italianas católicas dedicadas ao padroeiro. São festas de dedicação ao templo construído e referem-se ao santo padroeiro da congregação (no caso dos protestantes a apenas a igreja construída), são precedidas por uma missa (ou culto no caso do Kerb protestante) tem um tempo de duração aproximado 2 ou 3 dias para o Kerb e aproximadamente 2 dias para as festas italianas católicas - , contam com a presença de pessoas de fora da circunscrição da congregação e marcam a diferença para o cotidiano caracterizado na liberalidade, na abundância de comida e de bebida, na existência de jogos, rifas ou leilões[...] (FAILLACE, 1990, p. 212)

Na comunidade dos Garcias, são escolhidos pela comunidade os festeiros (a sucessão é feita anualmente) e estes, durante o ano, antes da festa do padroeiro, visitam todas as casas do bairro pedindo prendas, que podem ser em dinheiro, mantimento, frangos, leitões ou bolos, que são levados à igreja na semana da festa e, com essas doações, é realizada a roleta.

Na igreja existe um grupo de voluntários que prepara os bolos, os doces e os salgados (pastéis, coxinhas e outros) para serem vendidos na festa. As festividades começam com a celebração religiosa e nesses dias a igreja fica cheia, pois pessoas de comunidades vizinhas aproveitam para visitar e festejar.

Outra data comemorativa que reúne muitas pessoas é a festa junina. Sua organização é semelhante à festa do padroeiro, onde todo dinheiro arrecadado é reservado à manutenção e à preservação da igreja.

Uma vez por ano tem a festa do Divino Espírito Santo e, meses antes, as bandeiras chegam às comunidades. Elas são levadas por um grupo de pessoas a todas as casas. As famílias que recebem a bandeira acompanham o grupo até a próxima casa, e assim a multidão vai crescendo ao longo do trajeto. No caminho, os violeiros vão cantando e rezando. Geralmente esses encontros são realizados à noite, pois durante o dia muitos trabalham na roça. No último dia da visita da bandeira do Divino Espírito Santo, é realizada uma confraternização na última casa visitada, com cantos e comida, oferecidos pelos donos da casa.

Outro evento que faz parte da tradição é a comemoração do mês de Maio, considerado o mês de Maria. A imagem da santa é conduzida de um determinado local até a igreja, e as pessoas acompanham o percurso segurando velas acesas nas mãos (durante a noite) e, posteriormente, é realizada uma celebração da palavra.

Observa-se que a espiritualidade demonstrada na preservação das tradições promove encontros comunitários, onde a finalidade não é somente a oração, mas o estar juntos. Separadamente da organização administrativa da igreja, existe um grupo denominado vicentinos (pertencentes a uma organização de promoção social) que arrecadam alimentos e dinheiro para auxiliar os necessitados da comunidade. Todos os meses, esse grupo visita as casas das famílias assistidas, levando alimento, e aproveitam para orientar quanto ao trabalho, a saúde e a vida espiritual.

Vattimo afirma que na atualidade, diante dos medos e dos receios frente às transformações sociais, tecnológicas e científicas, não pode haver imposição de concepções por parte das igrejas, e se espera que os cidadãos possuam a autonomia de fazer suas escolhas e viver sua religiosidade.

Uma Igreja é a comunidade dos crentes que se reúnem para rezar e exercitar de todas as formas o amor de Deus e do próximo. Como cidadãos, agirão na política segundo aquilo em que creem. Mas, pelo mesmo respeito à liberdade que devem ter aprendido de seu patrimônio cristão, eles respeitarão esta liberdade de todos. O cristianismo nos deixa como herança precisamente o liberalismo e a laicidade; trair estes valores, como frequentemente fazem as igrejas, significa trair a própria religiosidade. (VATTIMO, 2009, p. 1)

A liberdade anunciada pelo autor se concretiza na comunidade investigada a partir do momento que o compartilhamento se faz nas ações voluntárias e espontâneas e não é influenciado pelas obrigações perante as instituições. Assim analisa-se a frase de Buber: “Como fazer com que o espírito, a espiritualidade não permaneçam somente no céu das ideias, mas que sejam vividos e aplicados no cotidiano do homem?” (BUBER, 2003, p. 55)

Conclui-se que no cotidiano da comunidade investigada as ações que acontecem, demonstram não somente os vínculos a uma tradição religiosa, mas a religiosidade contida nos encontros e nos gestos de partilha, ou seja: nas visitas que são realizadas aos enfermos, nas orações, nos empréstimos de equipamentos para o uso na lavoura, como enxadas, arado com burro, ou a própria mão-de-obra.

5 A CULTURA RURAL

Diante das inovações e transformações da sociedade pós-moderna, a zona rural cultiva tradições e costumes que preservam um modo particular de ser e viver, uma cultura que resiste ao tempo, à técnica e a ciência, saberes populares, mitos, contos, rezas, curas com ervas, músicas e danças que vão passando de geração a geração, e não é o tempo nem a moda e muito menos a tecnologia que chega em meio às lavouras que faz esse modo peculiar de vida desaparecer.

Neste capítulo será destacada a cultura rural no livro “Os Parceiros do Rio Bonito”, de Antonio Candido e a cultura da comunidade dos Garcias, enfatizando assim suas semelhanças, mudanças e permanências.

5.1 Definição de cultura

Ao retratar a cultura presente no meio rural, buscou-se não somente enfatizar a religiosidade, a dança, a música e as características de um modo particular de viver, mas enfatizar o cotidiano e as representações de uma localidade. Pensando nesse princípio, a definição de cultura de Reigota no livro: “Ecologistas”, veio ao encontro dessa reflexão.

O autor enfatiza que devemos pensar a cultura como formadora e divulgadora de ideias, sentimentos e experiências. E ao respeitarmos a diversidade cultural que nos cerca, estamos estabelecendo relações de diálogo e trocas.

A cultura contemporânea mundial, em especial a cultura pós-moderna, tem como base a dialogicidade, conflitual ou pacífica, entre diferentes “tradições”, e se caracteriza pela reelaboração (os antropofágicos diriam: deglutição) de múltiplas influências e heranças, através de constantes interações, trocas, buscas e questionamentos. (REIGOTA, 1999b, p. 32)

Estudiosos da cultura contemporânea defendem a separação entre cultura central e cultura periférica, prevalecendo nessa definição determinismos econômicos, que não privilegiam as especificidades locais. Para Reigota, todo país que se julga em desenvolvimento não deve desconsiderar ou ignorar as influências

de diferentes conhecimentos. A reciprocidade é a palavra-chave para a convivência local e planetária no contexto atual de diferentes influências culturais.

Somente através do diálogo e das manifestações culturais pode-se desconstruir preconceitos e falsas representações já consolidadas pelo processo histórico de dominação europeia.

As relações sociais, em que predominam os sentimentos de amor, amizade e cumplicidade, favorecem o aprofundamento ou a rejeição de ideias, sentimentos e experiências alheios da (s) outra(s) ou do (s) outro (s). Esses se manifestam através de hábitos cotidianos nos quais se incluem não só a cultura de cada um, mas também os produtos culturais que refletem a identidade étnica, religiosa, política, estética, social e sexual das pessoas com as quais se convive. (REIGOTA, 1999b, p. 37)

A cultura é a forma mais eficaz de se referir a todas as formas de expressão, tais como a música popular, que reflete sentimentos pessoais de identidade nacional, étnica e social. Através dela grupos diversos se fazem ouvir, trazendo ao espaço público internacional e nacional a voz das minorias, sem deixar de retratar a poesia, a literatura, os filmes e as novelas que são também expressões culturais e ultrapassam fronteiras.

A possibilidade de troca, de diálogo e de influência mútua, enfim de reciprocidade e o seu oposto caracterizado pela incompreensão e pela disputa pela supremacia de valores culturais de cada um, se torna assim elementos fundamentais para a continuidade ou não das relações de intimidade na sociedade global contemporânea. (p. 37).

Dentre esses grupos a comunidade rural dos Garcias se faz ouvida em suas manifestações religiosas, culturais e sociais através dos relatos e das histórias narradas de geração em geração.

5.2 A cultura caipira em “Parceiros do Rio Bonito” de Antonio Candido

No livro: “Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida”, Antonio Candido realizou uma reconstituição da vida do caipira tradicional. As investigações foram iniciadas em 1947, assim se fez a coleta de dados em algumas áreas do Estado de São Paulo

entre 1947 e 1953 nos municípios de Piracicaba, Tietê, Porto Feliz, Conchas, Anhembi, Botucatu e Bofete. Para o desenvolvimento da pesquisa, Antonio Candido residiu num agrupamento rural cerca de vinte dias de fevereiro a março de 1948, e, novamente, quarenta dias, de janeiro a fevereiro de 1954.

O autor percorreu posteriormente outras regiões do Brasil, visitando os municípios de Minas Gerais, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com o objetivo de estabelecer comparações com a influência paulista.

Segundo o autor: “O objetivo inicial da pesquisa partiu do desejo de analisar as relações entre a literatura e a sociedade, e nasceu de uma pesquisa sobre a poesia popular, como se manifesta no cururu”. (CANDIDO, 2001, p. 11)

Ao término da pesquisa, o trabalho foi apresentado como tese de doutorado em Ciências Sociais à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. As fontes utilizadas foram documentos de viajantes do século XVIII e XIX, referências e indícios sobre a vida da roça. Os demais dados coletados foram por meio de entrevistas e diálogos com campesinos.

A intenção de Antonio Candido não foi pesquisar somente a organização social do caipira no quadro de uma comunidade, mas destacar suas atividades religiosas, recreativas, políticas, administrativas e econômicas.

No presente trabalho é utilizado apenas no primeiro sentido, designando o mestiço o próximo ou remoto de branco e índio, que em São Paulo forma talvez a maioria da população tradicional. Para designar os aspectos culturais, usa-se aqui caipira, que tem a vantagem de não ser ambíguo (exprimindo desde sempre um modo de ser, um tipo de vida, nunca tipo de racial), e a desvantagem de restringir-se quase apenas pelo uso inveterado, à área de influência histórica paulista. Como neste estudo não saímos dela, o inconveniente se atenua. (p. 28)

O objetivo foi retratar a maneira pela qual os caipiras produziam os seus meios de subsistência, que podiam ser evidenciados como retirados da natureza, com técnicas rudimentares ou, como afirma o autor, usufruíam o mínimo como moradia e alimentação.

Há para cada cultura, em cada momento, certos mínimos abaixo dos quais não se pode falar em equilíbrio. Mínimos vitais de alimentação e abrigo, mínimos sociais de organização para obtê-los e garantir a regularidade das relações humanas. Formulando nestes termos, o equilíbrio social depende duma equação entre o mínimo social e o mínimo vital. (CANDIDO, 2001, p. 32)

Esse modo de subsistência compunha uma das características culturais e sociais nas quais esses grupos estavam inseridos, e a análise do modo de sobrevivência não podia ser realizada separadamente a estes aspectos.

Nos períodos em que estive no agrupamento rural, Antonio Candido ouviu relatos históricos dos moradores e comparou com os documentos dos viajantes, concluindo assim que a vida era muito rústica, ou seja, um modo de ser simples onde tudo era produzido em casa: roupas, armas e sapatos.

As técnicas do trabalho originavam-se dos costumes indígenas, tais como desmatamento, queimadas, coleta (frutos do mato e do campo, palmito etc.), caça (paca, tatu, cotias, quatis, porcos do mato etc.) e pesca, como meio de sobrevivência através da exploração dos recursos naturais.

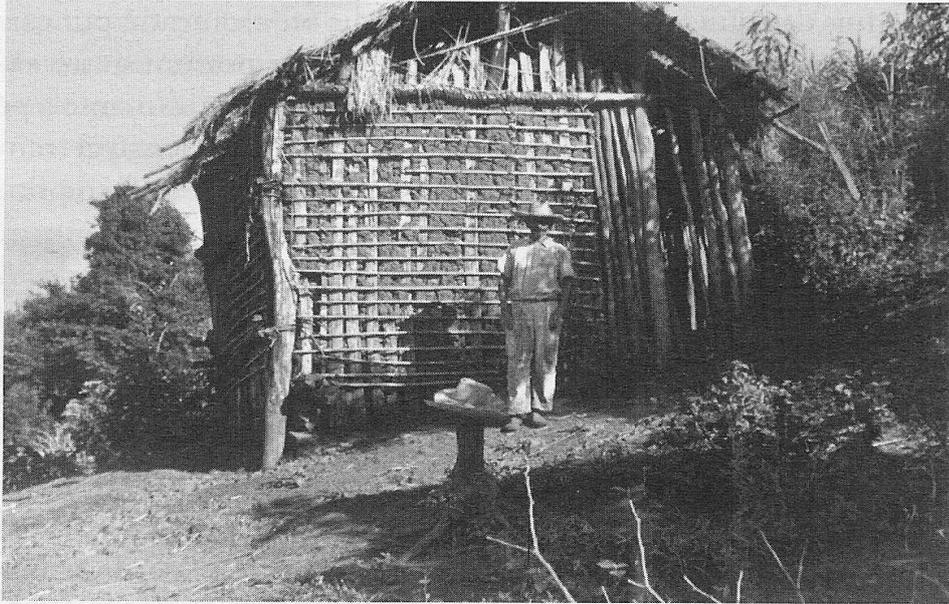
Num trecho admirável, Sant-Hilaire pinta o quadro desolado da agricultura extensiva do caboclo brasileiro, com base na queimada: aproveitamento do terreno de mata, degradação desta a capoeira, destruição de novas matas. E (o que é mais importante para o nosso intento) as conseqüências sociais: "A destruição das matas não é a única conseqüência lamentável desse sistema". Uma população fraca, disseminando-se por uma extensão imensa, torna-se mais difícil de governar: vivendo a grandes distâncias uns dos outros os lavradores perdem pouco a pouco as ideias que inspiram a civilização. (CANDIDO, 2001, p. 57-8)

O autor destaca a origem da cultura caipira como fruto da expansão territorial dos bandeirantes nos séculos XVI, XVII e XVIII, e da organização social indígena numa economia de subsistência e povoamentos com vizinhanças isoladas e autossuficientes (economia fechada e semi-fechada). Tendo como herança do ajuste ecológico, no que se refere à alimentação havia carne de porco, milho, mandioca, feijão, batata doce, cará, abóbora, arroz, leite, trigo, couve, chicória, serralha, e as moradias eram casas de pau-a-pique.

Os tipos de povoamento derivados dos bandeirantes se desenvolveram como centros comerciais e religiosos. Esses locais de unidade de relações sociais proporcionaram uma estrutura de sociabilidade entre os seus membros.

Definidos como bairros, essa base territorial despertou o sentimento de localidade e solidariedade, expressados principalmente nos trabalhos de ajuda mútua, descrito como mutirão. Era o tempo da caridade que a princípio era por

convocação, em troca de almoço e festas, e no tempo pesquisado pelo autor trabalhavam por amizade.



Dois exemplos de construções rústicas:
um paiol de pau-a-pique e uma casa de pedra.

Um bairro poderia, deste ângulo, definir-se como agrupamento territorial, mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalhos de ajuda mútua. É o membro do bairro quem convoca e é convocado para tais atividades. A obrigação bilateral é aí elemento integrante da sociabilidade do grupo, que desta forma adquire consciência de unidade e funcionamento. (CANDIDO, 2001, p. 87)

Como define também Antonio Candido (p. 106): “Nice Lecoq Müller lembra com justeza que o bairro é uma unidade de sítiantes, caracterizando vida econômica e social do proprietário estável, mas dependente dos vizinhos”.

O fator determinante do sentimento de unidade comunitária estava relacionado ao trabalho coletivo e às festas dos bairros. A definição de sociabilidade também estava presente na religiosidade, onde os moradores do bairro reuniam-se e comunicavam-se uns com os outros, principalmente nas festas dos padroeiros, nas atividades lúdicas, nas rezas caseiras, nas procissões e missas. O tempo recreativo e religioso justificava a força da religiosidade como fator de sociabilidade.

Quer os mais amplos e organizados, geralmente com o apoio na capela consagrada a determinado santo; quer os menos formais, promovidos em caráter doméstico. Vemos, assim, que o trabalho e a religião se associam para configurar o âmbito e o funcionamento do grupo de vizinhança, cujas moradias, não raro muito afastadas umas das outras, constituem unidade, na medida em que participam no sistema destas atividades. (p. 95)

O autor citou como exemplo os festejos de São Roque, na região em que desenvolvia a pesquisa, e essa tradição surgiu do compromisso de um morador, que prometeu construir uma capela para o santo.

Todo o ano acontecia na comunidade a festa do padroeiro com escolha do festeiro, do capitão do mastro e alferes da bandeira. As comunidades estudadas apresentaram uma estreita ligação de suas representações religiosas com a vida agrícola, com mecanismos de promessas, simpatias, misturando assim: reza, talismã e jaculatórias para obter êxito na colheita, na caça e afastar os males.

O caipira também tinha um calendário religioso especial, que nem sempre coincidia com o estabelecido com a igreja, mas sim com suas crenças e tradições. O autor observou que com o passar do tempo foram surgindo grandes propriedades e vilas que acabaram modificando a forma de vida do caipira, que apresentou resistência nesse processo de expansão do latifúndio. Na região de Bofete,

estudada, Antonio Candido descreveu o desenvolvimento da monocultura, da policultura, do sítio e do latifúndio e nesse contexto, destaca a manutenção da cultura caipira.

O trabalho rural na região a princípio era baseado na agricultura de subsistência, no sistema de parceria (o trabalhador através de um acordo com o dono da terra, utiliza a propriedade e divide o lucro) e camarada (trabalho diariamente remunerado). O tempo desse trabalho relacionava-se muito com o tempo da natureza, do nascer ao pôr-do-sol.

O descanso dos trabalhadores dava-se no final de semana e prosseguia na segunda-feira, pois devido à cultura rústica necessitavam do mínimo para sobreviver e não acumulavam grandes capitais. Durante esses dias, através das recreações locais, festas e rezas estabeleciam-se contatos sociais.

Dentre as mudanças destacadas nos dois períodos estudados (1948 e 1954), destacou-se a economia que no primeiro período era autossuficiente e passou para economia capitalista. Entre as observações do autor destacou-se: em 1948, no agrupamento rural que desenvolveu a pesquisa no município de Bofete, os habitantes não possuíam automóveis, banheira¹, geladeira ou máquinas agrícolas. Os rádios eram pouquíssimos e o transporte era feito no lombo de burros.

Algumas casas dos parceiros eram de pau-a-pique, onde a higiene era feita fora de casa, o banho era com bacia, existia paiol para guardar o milho, forno de barro para fazer o pão, chiqueiro, monjolo para fazer a farinha, pilão, horta e árvores frutíferas. Produziam de tudo um pouco para sobreviver.

Com a industrialização e a urbanização, que rumou para o interior, os habitantes daquela região foram estabelecendo vínculos com os comerciantes da cidade e com os produtos vindos da mesma, causando assim uma dependência de compra em relação aos centros comerciais.

Ocorreu nesse processo o aumento da migração da população rural para a cidade e chegada dos imigrantes devido às plantações de café. Ainda prevaleciam as pequenas propriedades e as formas de trabalho classificavam-se em fazendeiros, sitiantes, parceiros, colonato, assalariados, artesãos, comerciantes e funcionários públicos.

¹ A banheira era objeto comum nas casas da elite paulista, não fazia parte do cotidiano das famílias pobres da zona rural.

Analisando a alimentação, o autor observou que o caipira comia mal, numa dieta mal equilibrada e, comparando os dois períodos em que esteve na localidade, percebeu que alguns alimentos como o feijão, continuava sendo produzido no sítio; os demais eles compravam na cidade.

Com relação às permanências, à ajuda mútua e à solidariedade, foram os fatores de maior preservação entre os grupos, tanto no empréstimo de animais quanto no trabalho na roça. O termo mutirão podia ser compreendido também como troca de serviço.

As festas religiosas e recreativas, apesar de diminuírem de acordo com o bairro, ainda representavam a sociabilidade dos moradores. O autor destacou o bairro da Lagoa, que devido ao seu isolamento seus habitantes preservavam os traços da cultura tradicional. Já o bairro de São Roque, devido à localização próxima à estrada, apresentou mudanças na vida econômica.

Segundo o autor, as mudanças nessa localidade foram poucas. Algumas famílias tinham rádios e geladeiras, dos 287 prédios da vila, 147 possuíam abastecimento de água e 165 tinham serviços de luz elétrica. Surgiram alguns automóveis (2 automóveis, 10 caminhões, 4 jipes). Não existiam jornais, cinema e venda de livros, porém o número de escolas aumentou de 4 (em 1945) para 5 (em 1954).

Analisando essa observação do sociólogo, podemos concluir que o número de escolas demonstrado por ele refere-se à região estudada, porém, não se enfatiza a existência das escolas rurais. Sabe-se, que muitas delas mesmo não sendo institucionalizadas, existiam nas casas dos moradores.

Fazendo uma releitura da obra, penso que não foi prioridade do pesquisador esse tema, pois na região pela qual investigo, segundo relatos dos moradores mais antigos da comunidade dos Garcias, nas décadas de 1930 e 1950, já existia nesse local duas escolas, as quais eram sediadas nas casas dos moradores Genésio e Miguel Pires.

Estes moradores cederam suas casas com um objetivo comum: proporcionar às crianças e aos jovens da roça a oportunidade de adquirir o conhecimento e, no futuro, mudar a situação social. O homem e a mulher da roça, ou o caipira descrito por Candido, estavam aptos a mudar de vida através do estudo.

O livro de Antonio Candido narrou o cotidiano de uma comunidade rural com características de espaço e tempo distintas da zona rural apresentada nessa dissertação. Porém a religiosidade, a cultura e as relações inter-humanas, que fazem parte da realidade dos homens e das mulheres da comunidade em investigação, apresenta em relação à obra semelhanças, permanências e mudanças.

5.3 As narrativas dos moradores da comunidade dos Garcias

Os relatos que serão descritos a seguir são dos (as) moradores (as) da comunidade dos Garcias, que moram nesse local desde que nasceram. Alguns deles pertencem às famílias mais antigas, outros (as) são os habitantes mais velhos, portanto essas narrativas são cheias de significados, sentimentos e valores.

A narração dessas histórias de vida são fontes de conhecimento para a comunidade, pois reconhecer o passado é construir um presente valorizando as contribuições dos homens e das mulheres que dele fizeram parte. Nesse sentido, Rorty afirma:

Existem dois modos fundamentais de os seres humanos reflexivos darem sentido a suas vidas, colocando-as em um contexto mais amplo. O primeiro modo estabelece-se através da narração da estória de sua contribuição para a comunidade. Essa comunidade pode ser a comunidade histórica atual na qual eles vivem, ou outra comunidade atual, distante no tempo ou no espaço, ou ainda uma comunidade totalmente imaginária que consista talvez de uma dúzia de heróis e heroínas selecionados da história, da ficção ou de ambos. O segundo constrói-se a partir da descrição de si mesmos como estando em relação imediata com a realidade não-humana. Essa relação é imediata, à medida que ela não deriva de uma relação entre uma tal realidade e suas tribos, ou nações, ou a lista imaginada de seus membros [...] (RORTY, 1997, p, 37)

Dentro do contexto estudado, as histórias do passado contribuíram para a compreensão de como era a vida comunitária, as relações de trabalho, a religiosidade e o dia-a-dia, e possibilitaram entender que cada lugar tem suas particularidades e que, com o passar do tempo, esse modo de vida sofre transformações.

5.3.1 Narrativa de vida de Francisco Castanho

Ao visitar a casa da família Castanho, uma das famílias mais antigas e atuantes na comunidade, fui recebida pelas filhas Irene Castanho Granjero, Maria Aparecida Castanho, pela mãe Tereza de Oliveira Castanho e pela criançada que brincava no terreiro. A casa da família fica no ponto mais alto do bairro, é uma casa grande com um jardim muito bonito. As casas dos filhos que casaram foram construídas bem próximas e, assim que entrei e informei o que realmente estava fazendo ali, já chamaram o seu Francisco Castanho, 84 anos. Dona Tereza (esposa) serviu-me um cafezinho que é de costume em todas as casas, e logo todos que não estavam na roça foram chegando e sentando-se a mesa onde estava o anfitrião, e juntos ouvimos a seguinte história:

“Antigamente, nois trabalhava na roça, em mutirão de 30 pessoas que reunia para limpar a prantação ou quebrar o milho e quando os vizinhos precisava todos ia ajudar; muitas veiz nois trabalhava até em dia de chuva, pois precisava terminar o serviço logo. Tudo se fazia na casa: tinha galinha, engordava porco, que além da carne tirava a gordura. Prantava de tudo: fruta, verdura, legume, milho (dele fazia a farinha, pois tinha monjolos movidos por água corrente), arroz, feijão (que era muito consumido) e na cidade somente nois comprava o açúcar e sal. Quando matava porco repartia a carne com os vizinhos e a mesma coisa era feita com a pamonha: a “mulherada” se reunia para colher, ralar o milho e preparar, e depois de pronta todos levava um pouquinho para casa. As crianças comiam muito marmelo. As mães faziam o doce, colocava numa caixinha de madeira e ele durava até um ano, mesmo minha mãe escondendo, eu achava e o roubava para comer. As casas eram todas barreadas e para barrear fazia também mutirão. Dentro da casa era muito simples: fogão de lenha, colchão de palha e travesseiro de marcela, que é muito cheirosa. A nossa brincadeira era com um carrinho que mais parecia com uma bicicleta feita de madeira, bola de meia, nadar no rio. Se ouvia muitas histórias, não tinha força por isso muita coisa se via e se contava”.

“Estudei no bairro dos Ortizes durante um ano, pois quando era criança morava lá. Estudei até aprender a ler e a escrever já sabia muita coisa, pois meu tio me ensinava de noite algumas contas e letras (isso era normal, as pessoas aprendiam sozinhas nos livros). A primeira escola do bairro dos Ortizes foi na sala da casa de barro do seu Miguel, um homem muito bom, que gostava das crianças. A professora era de Sorocaba, o nome dela era Otília, seu Miguel construiu depois outra casa um pouco maior do outro lado do rio, onde existe hoje a escola Miguel Pires que recebeu esse nome em sua homenagem.

“Quando fiquei moço meus passeios eram de cavalo, ia à cidade muito pouco durante o ano, somente durante as festas do Divino Espírito Santo, da padroeira da cidade Nossa Senhora da Piedade e nas missas, pois eu era da Congregação de Mariano junto com Salvador, Davi e Dito”.

Seu Chico relatou a história dos lobisomens que assombravam o bairro. Eram um branco e um preto, e estes gostavam de comer a farinha que ficava de molho à noite no monjolo.

“Numa noite, após fazer a farinha, colocamo de molho e fomo para casa jantar e dormir. De madrugada os cachorros começaram a latir muito e curiosos eu e meus irmãos saímo para ver o que estava acontecendo, fomo até o monjolo, e o lobisomem passou por nois bem rápido. Era branco, grande, parecido com um cachorro, mas a parte traseira era sem pelo, como um homem pelado. Ficamo assustado, só escutam os latidos dos cachorros dos vizinhos, era o “bicho” fugindo. Assustado com o que enxergamo, tentamo descobrir quem era o Lobisomem, tinha gente que dizia que ele morava no poço, eu achava que era o camarada que dormia dentro da minha casa, pois ele era muito estranho e em noites de lua cheia ele saía e vortava cedo. Um dia meu pai encontrou ele assustado debaixo da mesa, meu pai perguntou o que ele tava fazendo ali, disse que saiu andando dormindo, mas ninguém acreditou na desculpa dele”.

Seu Chico também relatou que a religiosidade era muito presente no cotidiano das famílias. As rezas eram frequentes, porém, não existia uma igreja no bairro para o encontro de todos, que frequentavam as missas da cidade. Devido a esse fato, a família Castanho, juntamente com outras pessoas da comunidade, uniram-se para a construção de uma capela central.

Segundo consta a ata da 1º reunião realizada no dia 22 de Setembro de 1983, apresentada pela filha Inês Castanho Alberto, a capela seria construída entre os três bairros: Juruparazinho, Castanho e Garcias, o terreno foi doado por Maria Castanho, e a limpeza foi feita em mutirão. “*Em mutirão foi carpido e limpado o terreno, depois foi construída a capela com o dinheiro das quermesses*”. (Inês Castanho).

Antes da construção dessa igreja central as orações e missas eram realizadas em pequenas capelas localizadas nas estradas dos bairros, esse local seria também para a realização dos encontros da comunidade.

Ao encerrar meu diálogo, observei os documentos referentes a origem da igreja da comunidade, que hoje pertencem a família castanho, a ata apresenta a síntese da reunião, onde podemos perceber que não estão mencionados os nomes de todas as pessoas que participaram, os únicos nomes citados são os dos diretores e o do padre. Demonstrando a hierarquia e a influência política, econômica e social da instituição. Esses documentos estão reproduzidos nas páginas seguintes.

Ata da 1ª Reunião que foi realizada no dia 22 de Setembro de 1983 na capela de Nossa Senhora Aparecida no Bairro do Jupaparazinha foi como assunto principal a nova capela que será feita, entre os três Bairro. Juruposozinho, Castanho, Garcia Esteve presente Nesta Reunião a Nolla Padre Jorge e mais 10 pessoas de novo Bairro comunidade sendo que 8 pessoas eram do novo grupo.

ficou decidido uma outra reunião para o dia 28 de Setembro.

Nesta reunião do dia 28 esteve presente também o Padre Jorge e membros de nova comunidade, como maior parte as crianças e os jovens.

Dia 2 de Outubro de 1983
 fomos fazer o terreno que será realizada a nova ~~capela~~ capela com presença de vários membros de nova comunidade.

3ª Reunião que foi realizada no dia 12 de Outubro de 1983 no Bairro do Jupaparazinha foi realizada em terreno de Nossa Senhora Aparecida, como início de reunião.

foi discutido nesta reunião o assunto da construção de ~~uma~~ nova capela.

ficou decidido a quem iria para o dia 26 de Novembro de 1983

Nesta reunião esteve presente as comunidades

No dia 26 de Novembro, dia do quinquagesimo
o Padre Jorge fez uma multa campal como
abertura do ~~capela~~ da festa, esteve nesta
festa varias comunidades de outros Bairros
Esta festa foi 1º em Beneficio a construção
da nova capela.

Deu como renda. Busto da festa.
589. 837.00

Quitando todas as despesas deu lucro
330. 567.00

O Padre Jorge nomeou alguns ~~homens~~
homens como directores da construção.
ficou como directores principais

Francisco Castanho das Santas - presidente
Francisco Lizes Marais, vice presidente
Jmes Castanho - secretario.

José Maria Castanho de marais. 2º decano
Padre Jorge Teodoro.
José. Jares 2º " "

E mais alguns homens que se comprometeram
teram.

Dias 9 e 10 de Novembro de 1985

Inauguração da Nova Capela de São Francisco de Assis,
no Bairro dos Castanhos - Garcia e Juruparazinho.

PROGRAMA

(Sexta Feira)

Dia 8 - às 19:00 hs. Culto das tres comunidades, Castanho - Garcia e Juruparazinho, preparando o nosso Povo para a festa de S. Francisco de Assis.

Dia 9 (Sabado) - às 19:00 hs. Santa Missa e Bênção da Nova Capela, com a presença dos Padrinhos para inaugurar a Capela dos Bairros supra citados, do Santo Padroeiro do Povo de Deus.

Após a Santa Missa haverá leilão e quermesse em beneficio da Capela.

Dia 10 (Domingo) - às 5:30 hs. Alvorada chamando o Povo para o dia de S. Francisco de Assis.

10:00 hs. Culto Domenical, patrocinado pelas comunidades jovens dos Castanho Garcia e Juruparazinho, convidando e trazendo outras comunidades para a prece e a palavra de Deus.

16:00 hs. Santa Missa para o Nosso Povo que é devoto de S. Francisco de Assis.

Após a Santa Missa haverá proclamação de Novos Festeiros para 1986.

FESTEIROS:

Geraldo Castanhos e Ana de Moraes Castanhos

Salvador Pinto de Camargo e Maria Pinto de Camargo

Francisco de Moraes

Pedro Pedroso de Queiroz e Inês Moraes de Queiroz

VISTO DO PADRE: JORGE MUSSIZANO

PATROCÍNIO:



Distribuidora de Bebidas Vichi Ltda.

REVENDEDOR ANTARCTICA

"A VIDA É BEM MELHOR COM ELA"

Rua Marechal Floriano Peixoto, 79 - Fones (0152) 42-1788 e 42-1287 - Piedade - SP

Cartaz da inauguração da capela São Francisco de Assis, convidando a comunidade para a festa.
Fonte: Família Castanho.

5.3.2 As histórias de David Godinho de Oliveira

O relato a seguir foi feito por David Godinho de Oliveira, 78 anos, morador do bairro desde criança. Ao visitar a casa do seu David já era noite, então jantei com a família e, desta vez, somente os filhos ficaram ouvindo histórias, os netos preferiram a televisão.

“Sou o segundo filho de 12 irmãos, 5 morreram ainda criança: Arcinda morreu antes de eu nascer, Roquinho morreu com 3 anos e meio de sarampo, Ana morreu lombrigada, Terezinha morreu de febre com 10 meses e Toninho morreu de febre alta, fui buscar remédio na casa do vizinho Tonico Castanho, mas quando vortei ele já tinha morrido. Era normal buscar homeopatia (remédios feitos com ervas medicinais) na casa do curador, que era como se fosse médico que tinha na casa uma prateleira cheia de remédios caseiros e outros vindos da cidade (arnica e remédio para febre). O curador fazia uma garrafada de remédio, vinha gente de todos os bairros buscar os remédios dele, era muito famoso. Tinha também muitas benzedadeiras que faziam oração, para curar perna curta, lombriga, quebrante e criança assustada. Era difícil uma criança nascer no hospital da cidade, todas nascia nas mãos das parteiras”.

“Ainda moleque eu participava dos mutirão para barrear as casas: primeiro a casa era amarrada com taquara e cipó, o barro era amassado no pé da molecada, chegava até a grudar. Para barrear tinha que ter prática e o trabalho era dividido, uns carregavam o barro nas costas enquanto outros dois (um do lado de dentro e outro do lado de fora) batiam ao mesmo tempo esse barro para formar a parede. Nesses dias de trabalho o dono da casa dava o almoço com leiteo. Eu brincava com peteca de palha de milho, bola de meia, dadinho (este era comprado). Com 7 anos de idade ia comprar bala de leite na cidade para jogar à noite o dadinho e as balas eram o prêmio de quem ganhava o jogo; também matava passarinhos com estilingue”.

“Estudei na casa do seu Miguel Pires Godinho até a quarta série, dividi o tempo com a escola com o trabalho na carvoaria, acordava às 5 horas e ia com meu pai tratar (furar para sair a fumaça) a caieira², ela era feita com terra e samambaia, (demorava três dias para ficar pronta), depois ia pra escola, de tarde vortava para a caieira para retirar o carvão, nunca fiquei doente. As madeiras usadas para fazer carvão eram boas: Ipê, Guatambu, Jequitibá, Figueiras, e Gabiroba, não se falava naquele tempo em cuidar da natureza, tinha muita árvore. Quando essas árvores eram cortadas, caíam derrubavam as pequenas, elas eram muito grande”.

“Quando era moço ia passear na cidade na festas do Divino e de Nossa Senhora de Piedade que eram muito animadas, nois andava em grupo. Todo domingo nois fazia o mesmo caminho para assistir à missa. Também nois Jogava bola no fim de semana e na quinta-feira depois das 3 horas da tarde ia treinar. Nois fazia mutirão para limpar as roças, vinha gente de todos os bairros vizinhos. Durante o dia trabalhava em muitos lugares,

² Forno rústico, armado perto do local em que se corta madeira, no qual se queima essa madeira para fazer carvão.

parava só para comer; o serviço era dividido, nois e carpia descarço e cantando até com chuva. Depois do trabalho, os mais novo comemorava com baile e os mais velhos jogavam truco; quem perdia pagava a comida que era arroz com frango, paçoca de carne de boi e arroz doce. Nois reunia de noite também com luz de lampião para trançar cebola sem receber nada”.

“A religião era muito forte, todo mês era realizada reza nas casas e na capela onde tinha missa que era rezada pelo padre. Na festa de São João Batista, nois lavava o santo meia noite, fazia isso para homenagear João Batista que batizou Jesus no rio Jordão”.

“Tudo era feito na casa. Comprava na cidade só sal e açúcar (tinha gente que fazia rapadura). Certa vez na época da Segunda Guerra Mundial, mais ou menos em 1940, acabou sal e querosene (usado para acender as lamparinas) e formava fila enorme no armazém para conseguir açúcar. O açúcar era um quilo por pessoa, tinha gente que mentia a quantidade de filho para conseguir mais, existia até contrabando, comerciantes vendiam longe da cidade nos sítios, açúcar pelo dobro do preço, muita gente comprava. Nois prantava milho, fazia farinha no monjolo, desde os 8 anos de idade eu ia com minha mãe fazer farinha no monjolo. Nois prantava também feijão, batata, cebola, mandioca, batata doce, cenoura, alho, amendoim, arroz (o qual era descascado no pilão) banana, laranja, uva e pêra. O que era mais bonito daquele tempo era a doação, o povo era muito aliado, tudo era repartido, um ajudava o outro”.

Seu David contou algumas histórias daquele tempo, fatos acontecidos, vividos por ele, pelos amigos ou por algum parente.

“Certa noite, quando criança, eu estava vindo com meu pai do trabalho na casa da minha tia numa estrada de terra cercada pelos dois lados por uma cerca de arame, enxerguemo lá longe vindo em nosso encontro, uma mula branca brilhante, fazendo um barulho de sino. Meu pai comentou que devia ser a mula do vizinho que havia escapado, mas quando ela chegou perto não tinha cabeça e passou entre três paus da cerca sem derrubar, sumindo assim no mato”.

“Em 1955 já grande, trabalhava na DER (Departamento de Estrada e Rodovia), e em uma noite tive que dormir no posto da estrada que ficava perto de um pasto velho. Fiz minha oração e comecei a vigiar. Mais ou menos 1 hora da madrugada, ouvi o barulho de um cavalo que vinha rápido até a cerca arrancando o mato, chegava perto da cabine e até jogava o capim, corria e vortava de novo fazendo a mesma coisa. Fui perto da cerca, só ouvi o barulho, mas não vi o bicho que fez esse barulho durante a madrugada toda. De manhã fui ver o estrago que o animal tinha feito no pasto e por incrível que pareça não tinha nem um mato arrancado e muito menos amassado. Tive a certeza então que era assombração”.

“Minha tia e o meu tio estava vindo da cidade a pé de noite, de repente uma bola de fogo apareceu perto deles, logo esconderam as unha e os dente, os olhos ficaram abertos, e eram como um farol para o bicho, que chegava próximo dos dois, como que quisesse queimar eles e foram rezando o caminho todo, pois o boitatá perseguiu eles até chegarem na casa”.

“Meu amigo Ditão quando era criança, mais ou menos 7 anos, estava brincando perto do mato e viu dois meninos pretos de uma perna só, eles ofereceram banana para ele e chamaram para brincar no mato. Ele ficou tonto e começou a seguir os dois saci e se o pai do Ditão não tivesse chegado, não se sabe o que teria acontecido com ele”.

“O lobisomem era o que mais aparecia no bairro, entrava dentro das casas, comia criança, brigava com cachorros e comia a farinha que ficava de molho no monjolo. Certa vez meu avô acordou e viu na cozinha um enorme cachorro, e com medo ofereceu sal. No outro dia apareceu bem cedo o compadre dele pegar o sal que ele tinha oferecido. Um dia entrou na casa de uma mulher e queria comer a criança pequena, ela então pediu pelo amor de Deus para ele não comer a criança, pois ela daria para ele batizar. O bicho foi embora e no dia seguinte o marido pediu a criança para batizar, o lobisomem era o próprio marido”.

“Uma assombração apareceu para um homem do bairro, pediu para que ele fosse desenterrar um dinheiro, pois a pessoa quando enterra dinheiro, quando morre não descansa. Com certeza essa alma já tinha pedido ajuda para muitas pessoas, esse homem corajoso foi fazer o que ela pediu, era um lugar longe, em uma prantação de milho. Pediu pouso para o dono da propriedade, e a meia noite, foi ao lugar, enquanto cavava, muitos bichos horríveis apareceram derrubando o milharar, mas ele continuou sem desistir até encontrar o dinheiro e quando achou todos desapareceram. No dia seguinte foi até o lugar, pois como ia explicar para o dono do milharar toda aquela destruição? Quando chegou tudo estava como antes, nem o lugar que havia cavado apareceu, todos os pé de milho estava no lugar. Dizem que esse homem ficou muito rico.”

“Certa vez, meu tio Arthur saiu muito tarde de Piedade e foi andando até ficar noite. Quando estava perto da curva do lulu, apareceram duas coisas estranhas, uma bola de fogo que toda hora chegava bem perto dele, e um menino pequeno. Quando a bola chegava por trás dele o menino chegava também não deixava que a bola queimasse ele, quando a bola passava para frente o menino fazia à mesma coisa. Meu tio ficou com muito medo e apressou os passos, e os dois o seguiram até chegar na casa onde seus pais estavam desesperados, pois demorou 5 horas para chegar, sendo que o mesmo trajeto é feito em menos de 2 horas, ao chegar desmaiou e no dia seguinte contou para a família que disseram que era o boitatá, e o menino com certeza era seu anjo da guarda”.

Conversar com seu David e seu Francisco, foi fundamental para compreender a importância do passado da comunidade na construção do presente, num tempo histórico onde o modo de vida era praticamente de subsistência, a solidariedade se fazia mais evidente. Com o passar do tempo essa localidade sofreu transformações, influenciadas pelo consumismo e pelo individualismo.

As histórias foram narradas privilegiando o trabalho, tanto na roça quanto em outras atividades da propriedade, assim, percebemos o quanto esse modo de adquirir alimento e bens era significativo para esses homens.

5.3.3 A trajetória de Antonia Torres

Dona Antonia Torres ficou feliz ao receber minha visita porque quando eu era ministra³ da eucaristia, levava a hóstia para ela. Nesse dia a encontrei machucada, havia caído e estava com o braço enfaixado.

Ela mora em um lugar distante. Tem 83 anos de idade, reside no bairro dos Garcias desde que nasceu, tem 6 irmãos e 6 irmãs, seus irmãos mais velhos são Brasília, Benedito e Salvador, é a quarta filha e entre as mulheres é a mais velha, portanto, coube a ela ajudar a criar os demais.

“Meu pai era muito bravo, por isso não estudei, e não saía para passear até os 12 anos de idade; só ia até a casa da minha vó. Trabalhava na roça com meu pai, minha mãe e meus irmãos, à noite limpava a casa, dava banho nas crianças e ajudava a fazer a janta. Dormia cedo de tão cansada. Quando sobrava tempo eu brincava com boneca de pano, fazia roupinha e bercinho de paia de milho. A minha casa era de barro, tinha muita fartura, nós prantava muita verdura, milho, arroz e café (socava no pilão e torrava). Comprava na cidade só açúcar, sal e peixe, que não era caro; comia com farinha e batata, o óleo era feito com a gordura de porco (os vizinhos matavam porco e davam os pedaços)”.

“Com 12 anos comecei a sair, ia na missa no domingo junto com minha vó. Ia também na festa do Divino pagar promessa, feita para curar as crianças. Às vezes saía com meus irmãos mais velhos e minha tia para passear na cidade, não tinha sapato bom, era com sola de barbante e pano, eu levava numa sacola para não sujar e quando chegava na cidade colocava”.

“Comecei a namorar com 18 anos, conheci um rapaiz, namorei, mas casei com outro com 21 anos, Emígdio, ele era meu vizinho. No começo de casada morei com a minha sogra, depois construímos uma casa de barro. Tive 12 filhos como a minha mãe. Ajudei o marido na roça, primeiro fazia o armoço que levava num balaio na cabeça, carregava uma criança no colo e puxava às vezes uma cabra. Durante a noite, eu costurava as roupas”.

“Quando tinha mutirão para limpar as roças, as mulheres faziam a comida (que era carne de porco com mandioca, arroz e feijão), nós colocava um pano enrolado na cabeça e nele a panela grande, os pratos eram colocados num balaio. Na roça comia todo mundo junto. Naquele tempo, a fé era muito forte; existia a recomendação: à noite um grupo de gente visitava as casas, parava na porta e o capelão conduzia a reza, o dono da casa tinha que dar o café, tudo com muito respeito e silêncio. Hoje em dia, quando as pessoas vão rezar na casa tem muita conversa e brincadeira. Quando minhas filhas cresceram passaram a ajudar o pai e os irmãos na roça, eu fiquei mais livre para cuidar da casa, costurar e cozinhar para todos.”

³ Função exercida por homens e mulheres na igreja católica, auxiliam os sacerdotes na distribuição da hóstia consagrada na hora da missa ou nas celebrações da palavra. Também levam a eucaristia para os idosos e doentes.

Sobre as lendas e histórias do boitatá, da mula sem cabeça e do lobisomem, relata que ouvia, mas nunca viu nada disso porque não saía de casa e afirma que devido à falta de energia elétrica esses acontecimentos eram comuns. Ouvia muita história de assombração, principalmente no terreno de pessoas de mau coração, que não gostavam de ajudar o próximo.

Contou a seguinte história:

“Certa vez uma mulher estava preocupada, porque seu marido saía toda noite de lua cheia e voltava só de manhã. Numa dessas noites resolveu seguir ele, subiu na figueira e ficou olhando. Logo apareceu um cachorro enorme e percebendo que ela estava na árvore, começou a atacar e quase acabou com a vida dela: mordia, arranhava, tentava puxar. Cedo ele começou a rolar no chão, e virou no marido dela e depois foi embora. Muito machucada, ela foi para casa. Quando chegou em casa ele estava dormindo e em sua unha estava o pedaço do seu vestido. Depois disso, ela decidiu separar dele, naquele tempo não era comum isso acontecer, mas ela não aguentou e foi embora morar com a família”.

“Existia perto da minha casa uma plantação de bananeira e nesse lugar aparecia sempre de noite uma porca com seus filhotes, que ficava arranhando o chão desesperadamente. Quem viu conta que ninguém conseguia expulsar e no dia seguinte no lugar não tinha nenhuma terra retirada, com certeza era assombração.”

Ouvir a narrativa da dona Antonia foi importante para conhecer a história da vida na comunidade narrada por uma mulher, percebe-se que eram submissas aos pais e, depois, aos maridos.

Ela particularmente não estudou, teve doze filhos, o que era comum naquela época, pois segundo relatos, ter bastantes filhos significava mão-de-obra para ajudar em todas as tarefas. Em sua fala observa-se que sua função era cuidar da família da melhor maneira possível e ser boa esposa. Atualmente dona Antonia mora com a filha Deyse, são os netos que cuidam dela, quando não estão na escola ou na roça.

5.3.4 A vida de Josefina Castanho

Ao chegar à casa da dona Josefina, ainda no portão a avistei sentada na porta da sala, com um olhar distante, ela disse-me que naquela tarde melancólica de domingo estava esperando alguma visita para conversar. Logo as filhas e o neto se

aproximaram e partilharam daquela conversa. Dona Josefina tem 91 anos de idade, não estudou porque na sua época (aproximadamente 1928), ainda não tinha escola na comunidade e o pai a ensinou a ler e a escrever.

“Com 10 anos de idade, fui ajudar o meu pai, Tónico Castanho, na roça. Carpia, prantava e também ajudava a cuidar das crianças menores. Morava numa casa de barro de chão batido; o fogão era de lenha, era muito pobre, a vida era muito difícil, não tinha estrada nem força. Meu pai era o curador da comunidade. Ele medicava as pessoas com homeopatia, que era comprada na cidade com dinheiro dele e ninguém pagava, pois era doação, caridade. Às vezes, famílias ricas davam dinheiro e ele comprava mais remédios. Ficava o dia inteiro dando homeopatia, eram muitas pessoas que vinham em busca de cura, tinha criança que chegava quase morta. Não sobrava tempo nem para trabalhar na roça. De noite ele também saía de cavalo para levar remédio bem longe, às vezes voltava de madrugada”.

“Quando tinha mutirão, muitas pessoas vinham ajudar na limpeza da roça, às vezes tinha até 30 homens trabalhando, meu pai era muito conhecido. As mulheres ficavam o dia inteiro cozinhando, fazendo o almoço, faziam o café, o pão (gastava-se 30 quilos de farinha). Casei com 17 anos com José Vitorino Dias, tive 8 crianças. Ajudava o meu marido na roça, pois ele era doente e quando os filhos cresceram, começaram a trabalhar. Eu não passeava, trabalhava muito, costurava para a família, cortava cabelo de outras pessoas, fazia tudo em casa: farinha, sabão, café. A roupa eu lavava no rio”.

Atualmente, dona Josefina mora numa bela casa. A família é considerada uma das mais ricas do bairro, seus filhos não se casaram, são agricultores, possuem maquinários modernos, estão sempre plantando, colhendo e vendendo. Suas filhas não concluíram os estudos, ajudam os irmãos na lavoura e fazem os trabalhos domésticos. O neto que mora na mesma casa estudou até o Ensino Superior, formou-se professor de matemática, é coordenador de uma escola rural e pretende continuar os estudos. Estas e outras histórias nos fazem perceber quanta riqueza existe nos relatos dos homens e das mulheres que vivenciaram um contexto histórico repleto de valores culturais, sociais e religiosos.

Ouvir dona Antonia e dona Josefina foi importante para enfatizar que a história dessa comunidade também foi construída por mulheres, que além de desempenharem seus afazeres domésticos, trabalharam muito ao lado de seus maridos na roça. Devido o difícil acesso à escola na cidade, se privaram dos estudos, mas percebe-se que fizeram questão que seus filhos estudassem.

Mulheres que desejaram uma vida financeira melhor. Foram esposas, mães e lavradoras. Como afirma dona Josefina:

“Não me arrependo de nada, o trabalho na roça era difícil, não tinha chance de mudar de vida, eu queria ter estudado, mas não estudei, porque não tinha escola, meu pai me ensinava de noite ler e escrever, eu levei a vida que foi possível”.

Assim, olhando para o passado e vivendo o presente elas nos aconselham a estudar e aproveitar as oportunidades que temos atualmente e assim fazer uma história diferente.

5.4 O cotidiano na comunidade rural

Segundo informações da Associação dos moradores do bairro dos Garcias, são aproximadamente 152 famílias em situação sócio-econômica média - baixa 80% destes trabalham na lavoura, como proprietários, meeiros ou camaradas e estes últimos não tem trabalho fixo, cada dia ou cada semana trabalham em roças diferentes e, portanto, não possuem registro em carteira. 20% dos habitantes deslocam-se para a cidade onde trabalham em diversos setores tais como: comércio, fábricas e serviços públicos.

O seu José Hermínio da Silva que foi presidente da Associação até 2001, relata que em sua administração foi tentado implantar “As Comunidades Eclesiais de Base (CEB)” o que não foi possível oficialmente, mas na prática buscou-se viver essa união da comunidade.

As Comunidades Eclesiais de Base surgiram nos anos 60, a partir do desejo de resgatar e ampliar os papéis sociais da Igreja Católica, tornando cada participante responsável pela própria libertação e pela libertação humana. Libertação no sentido, de incluir os excluídos e prover a sua própria história, centrada nos ensinamentos bíblicos. Trata-se de uma nova ótica de viver e o ser Igreja. A igreja sendo vista enquanto a própria comunidade (CNBB, 1982)

Através das reuniões os (as) sócios (as) procuravam discutir e solucionar os problemas de todos (as), como doações de alimentos, colchões e remédios, encaminhamento para médicos especialistas em várias áreas, ônibus, luz, água, o

asfalto na estrada que liga o bairro à cidade e a construção da sede do CRAS (Centro de Referência e Assistência Social). Refletindo sobre as ações da comunidade em exercícios de cidadania, cabe ressaltar a afirmação de Sílvio Gallo:

Por um lado, a cidadania nada é, se não a exercitamos. Inerente à condição de humano, ela depende de nossas ações. Um exemplo: é intrínseco a condição humana o prazer musical, isto é, todos somos capazes de desfrutar da música, mas o prazer musical só acontece, realmente, se exercitamos nossas capacidades musicais, seja de fazer música, de tocar, seja simplesmente de ouvir música. Da mesma maneira, a cidadania está em nós, mas só existe de fato quando pertencemos ativamente a uma comunidade. É a participação ativa e consciente no grupo social do qual tomamos parte que nos faz efetivamente cidadãos. (GALLO, 2007, p. 31).

Seu José afirma que: *“viver em comunidade é viver em união, se reunir pelo menos uma vez por mês para tratar dos problemas comuns a todos”*.

Segundo a secretária Silvia Regina De Faveri Oliveira, o CRAS é uma ramificação da assistência social da cidade de Piedade, e oferece à comunidade cursos de formação profissional, artesanato e capacitação para as famílias que vivem em vulnerabilidade, ensinam, instruem, encaminham para médicos especialistas, conseguem remédios, porém não dão assistencialismo; orientam e conduzem ao trabalho. Ela acrescentou que:

“Ao realizar as visitas nas casas dos moradores e ao atendê-los na sede, percebi que a comunidade é muito conservadora e resistente aos projetos oferecidos. Alguns são ‘preconceituosos’, e orgulhosos, e não querem receber capacitação e orientação, outros querem doações, não querem aprender uma profissão”. (Silvia Regina)

A afirmação acima confirma a falta de ações que reconheçam a realidade do local, e desenvolvam atividades voltadas para as necessidades da comunidade, pois, constatou-se que nenhum dos cursos oferecidos são direcionados ao trabalho na roça, tais como: técnicas de plantios, armazenamento de alimentos, manejo da terra, conservação do solo, produção de adubo orgânico, comercialização, cooperativa, conservas, artesanato rural e outros. Essas iniciativas seriam mais significativa.

Nesse contexto, observou-se que as famílias antigas são mais unidas e conservadoras da cultura e da tradição, portanto os projetos oferecidos pelo CRAS

deveriam contemplar os valores e os saberes adquiridos no cotidiano da comunidade.

“Os novos habitantes (pessoas que vieram de outros bairros e cidades), não interagem com a comunidade, pois possuem valores diferentes”. (Inês Castanho).



Casa de barro do seu Miro
Fonte: Foto da autora

A casa de barro acima pertenceu ao seu Miro, que após a morte de sua esposa, dona Rita, foi morar com os filhos e a casa foi demolida. Acredita-se que era a última casa dessa forma de construção existente no bairro dos Garcias.

São raras as moradias de madeira. Geralmente as casas mais simples são de tijolos, mas todas as casas rurais cultivam certa beleza, jardins floridos, pomares com frutas, os animais em algumas casas ficam livres pelo terreiro e, em outras, ficam em seus devidos lugares (nos chiqueiros, galinheiros e currais).

Do que se planta, pouca coisa é para comer, a maior parte da produção é levada para os grandes mercados. As plantações não são de subsistência, existe um grande consumo das mercadorias compradas na cidade.

Hoje, não há necessidade dos mutirões nos desmatamentos e plantios. Os (as) trabalhadores (as) são remunerados (as) pelos seus serviços e a tecnologia chegou ao campo, muitos têm maquinários modernos. Mesmo assim, a solidariedade prevalece nas construções de moradias, nos empréstimos de animais para aragem da terra e nas ajudas alimentícias, geralmente arrecadadas nas igrejas (Católica e evangélica).

Ao analisar as mudanças na comunidade atual cabe ressaltar a frase de Antonio Candido: “A cultura do caipira não foi feita para o progresso, a sua mudança é o seu fim” (CANDIDO, 2001, p. 107). O autor observou uma mudança no comportamento dos moradores, nos dois períodos de sua pesquisa (1948-1954). Devido urbanização, as pessoas que moravam próximas às estradas foram influenciadas pela vida urbana, já os moradores dos bairros distantes apresentaram características mais conservadoras.

Nesse sentido, analisa-se o que restou das características descritas pelo autor e pelos relatos dos (as) antigos (as) moradores (as) da comunidade dos Garcias, pois o “progresso” e as oportunidades de estudo e trabalho, fizeram com que a vida tradicional do caipira ficasse na história. Atualmente observa-se uma nova cultura rural e uma mudança de comportamento em relação à vida comunitária.

“Hoje em dia não é como na época de papai, há novos hábitos e comportamentos. Ser comunidade hoje é trabalhar junto, mostrando também o conhecimento, buscar o crescimento tanto espiritual quanto material, respeitando a tradição e cada um do jeito que é”. (Irene Granjeiro, filha de seu Francisco).

Assim, questiona-se a importância da escola nesse contexto. Como esse local de representações, manifestações de pensamentos e sentimentos, constrói juntamente com os (as) alunos (as) as noções de comunidade, como: compartilhamento e diálogo.

Analisa-se o quanto a cultura e os saberes da comunidade são reconhecidos e vivenciados dentro desse espaço que deve ser de construção e reconstrução, e não de destruição de valores e conhecimentos.

Como afirma Vattimo (1992, p. 17), “não se pode ensinar tudo na escola”, porém pode-se oferecer liberdade para a educação, e dar voz ativa aos grupos e as ideias que circulam pelo ambiente escolar.

6 A PRESENÇA DA ESCOLA NA COMUNIDADE RURAL

Será apresentado neste capítulo a educação no pensamento dos autores contemporâneos; Gianni Vattimo, Newton Aquiles von Zuben, Jean-Marie De Ketele, e Ana Maria Araújo Freire que foram relevantes para o desenvolvimento dessa dissertação. Serão destacados também os relatos dos (as) professores (as) e alunos (as) da Escola Estadual Miguel Pires Godinho, localizada no Bairro dos Ortizes, vizinho ao bairro dos Garcias, onde estudam alunos (as) do Ensino Fundamental ciclo II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Sabendo que a escola rural é importante para a comunidade, serão enfatizados os fatores que determinam a integração escola - comunidade. Foi, portanto, a partir da releitura desse cotidiano que surgiu a pergunta:

Que valores e conhecimentos da vivência rural podem ser efetivamente trabalhados na escola e quais as formas de melhor trabalhá-los nas práticas pedagógicas?

6.1 A educação contemporânea entre a epistemologia e a hermenêutica

Vattimo introduz seu artigo fazendo uma análise do texto de Wilhelm Dilthey, o qual se refere à sociedade “contemporânea como uma grande máquina movida por indivíduos que lhe prestam serviços dotados de técnicas isoladas”. (VATTIMO, 1992, p. 9)

Dilthey recomenda para a educação das classes dirigentes o desenvolvimento das ciências sociais, pois estes passariam a ser especialistas com visão global. Já Vattimo salienta que a visão global da sociedade não deve ser restrita somente à classe dirigente, mas, deve ser proporcionado um saber global a todos os cidadãos e cidadãs e acrescenta que diante do avanço da educação tecno-científica, deve-se enfatizar a educação humanística.

A nós parece evidente que a necessidade de uma visão global do processo social não diz respeito unicamente as classes dirigentes, mas a cada cidadão de uma sociedade democrática. No entanto, as razões que explicam esta necessidade são basicamente as mesmas de que falava Dilthey: a especialização dos papéis sociais, na sociedade tecno-científica, não faz desaparecer, antes pelo contrário, intensifica e cria a necessidade

de um saber global a respeito da sociedade, tal é a necessidade das ciências humanas. (VATTIMO, 1992, p. 90)

Podemos perceber que, dentre ambas as afirmações, a de Gianni Vattimo relaciona-se mais com a educação proposta para a formação de homens e mulheres mais conscientes e preparados (as) não somente para o trabalho, mas para a vida em sociedade.

Visto que, a educação tecno-científica fez parte da formação intelectual das sociedades ocidentais e faz parte do ideal de formação de algumas indústrias, que buscam além de especialistas, profissionais conhecedores da cultura geral, embora o mundo da produção ainda priorize a formação de técnicos e cientistas.

Vattimo afirma que as novas técnicas produtivas determinam as características do profissional, que deve ser flexível, com perspectivas globais, que saiba trabalhar em equipe, com habilidades, competências, imaginação e colaboração. Enfatiza que a modernidade é a época do progresso. Acredito ser esse o objetivo do sistema educacional atual, porém não podemos deixar de utilizar os conhecimentos adquiridos pelos (as) alunos (as) no seu processo histórico e na sua realidade de vida.

Através dessas observações foi possível compreender o título do texto: “A Educação Contemporânea entre a Epistemologia e a Hermenêutica”, ou seja, que a educação atual transcende do ideal epistemológico voltado à formação de peritos, especialistas e técnicos, para um ideal hermenêutico, numa perspectiva que se abre ao encontro de novos paradigmas, novas visões e objetivos.

Fazendo uma análise das afirmações do autor sobre a sociedade atual, podemos perceber que a educação exerce um papel fundamental tanto na formação profissional quanto cidadã, e o que podemos observar é que diante dessa realidade, os (as) professores (as) devem estimular as manifestações culturais e sociais dentro do espaço escolar. Para a concretização efetiva desse ideal, Vattimo propõe uma nova situação social e cultural, com a presença do humanismo na educação, com maior flexibilidade e acessível a todos:

Em nosso contexto, pós-moderno significa, antes de mais nada, uma condição da sociedade, onde o ideal de um progresso ilimitado do conhecimento científico e de exploração técnica da natureza não é mais

dominante, e onde se anunciam critérios e sistemas de valores diferentes (VATTIMO, 1992, p. 12)

Não se pode negar a importância da ciência e da técnica, mas faz-se necessário atender às expectativas da nova sociedade e dos (as) novos (as) homens e mulheres, que segundo o autor, perderam a crença no progresso, fato esse que se iniciou com o fim da mentalidade eurocêntrica, colonialista e imperialista que determinava a visão de progresso na perspectiva dos europeus.

Vattimo afirma que a educação tem que oferecer aos (as) alunos (as) um conhecimento global, independente do local, e deve existir um diálogo⁴ entre as ciências e a educação humanística, pois segundo o autor, nas últimas décadas os problemas que se apresentam na sociedade estão mais relacionados às questões étnicas, ecológicas e culturais do que questões científicas, e acrescenta que enquanto a educação técnica formará especialistas, a educação humanística formará cidadãos e cidadãs para uma democracia:

A tecnologia dominante hoje em dia, como se diz por toda parte, até em excesso, é a eletrônica; maior que o poder de dominar as forças mecânicas e o poder da informação, seja no sentido cibernético da palavra, seja no sentido banal da informação escrita ou televisiva etc. A formação do cidadão útil, numa sociedade semelhante, exige, sobretudo do ponto de vista da própria utilidade social, uma educação do tipo hermenêutico, mais do que do tipo técnico-científico. (p. 16)

Nesse processo, conclui-se que a nova exigência para a transição da hermenêutica segundo o texto, se faz com a formação de trabalhadores (as) flexíveis de visão global paralelamente com a formação de cidadãos e cidadãs do mundo, que saibam respeitar as diferenças culturais, étnicas e sociais. Eis a questão que coloca em evidência os problemas da sociedade pós-moderna.

O autor faz uma reflexão que contradiz essa afirmação, onde os meios de comunicação de massa, as instituições educacionais, políticas e religiosas padronizam os grupos sociais, as culturas e as subculturas e não retratam, enfim as minorias que atuam na sociedade.

⁴ Segundo Martin Buber (1974) a relação de maior valor existencial é o encontro dialógico, que é o suporte da experiência, do conhecimento e da utilização.

Nesse sentido, Vattimo afirma que a escola deve interagir-se com a sociedade, e os (as) professores (as) devem divulgar e partilhar o trabalho educacional com a comunidade. Os (as) alunos (as) devem preparar-se para a vida, com capacidade de dialogar e conviver.

6.2 Sala de aula: da angústia do labirinto à fundação da liberdade

Partindo do princípio filosófico do diálogo, von Zuben em seu texto “Sala de Aula”, faz uma análise sobre a educação contemporânea e as relações dentro da escola, anunciando que o processo de aprendizagem não pode ser impositivo, autoritário, somente de transmissão de conhecimento sem o diálogo e a troca.

É nesse "espaço de ação" que é a sala de aula, que se desenrolam mais intensamente as articulações e contradições entre o eu e o outro, entre o passado e o futuro, entre a tradição e a revolução, entre a criatividade e o conformismo, entre a fala dialógica e a fala impositora, entre a difusão de ideias entre pessoas e a infusão de ideias sobre as pessoas. (ZUBEN, 2006, p. 1)

Na sala de aula a possibilidade do diálogo se faz em todos os instantes. Os (as) alunos (as) compartilham suas aspirações, seus sonhos e objetivos paralelos ao conteúdo e à aula imposta, como se manifestassem suas insatisfações e, nesse espaço não somente social, mas cultural, a relação com o outro é presencial e viva.

Se na interação existente na "sala de aula" não houver confirmação do outro em sua alteridade, o que ocorrerá será a aculturação patológica da doutrinação sectária e castradora. Infelizmente o incrível já ocorre: o indivíduo nunca esteve como atualmente, tão inteiramente entregue à coletividade cega e tão castrado em sua capacidade de pensar, de agir, de começar algo novo. A máquina social subjuga de tal modo cada indivíduo que este se vê privado até do anseio do diálogo, da iniciativa, do desejo. (p.1)

A sala de aula é um espaço do diálogo e da relação, este deveria ser o local da libertação das amarras da aculturação, que impedem o pensar e o agir de forma autêntica e verdadeira, ou seja, ainda não se reconhece no espaço escolar as multiplicidades de saberes e representações. Como afirma o autor:

A máquina social subjuga de tal modo cada indivíduo que este se vê privado até do anseio do diálogo, da iniciativa, do desejo. O desejo é "anticientífico" e, portanto deve ser erradicado. A aculturação ideológica que se impõe pelo constrangimento desde a sedução até à violência - mostra bem o estado de desolação a que foi atirado o homem moderno. Tal aculturação, conduzida em nome dos grandes mitos como a História, a Natureza, a Ordem, o Progresso, a Ciência, a Razão, leva os indivíduos à angústia de labirinto quando pretensamente deveriam apresentar - ou, melhor dizendo, impor - a cada um uma baliza! (ZUBEN, 2006, p. 3)

Zuben em seu texto: "Filosofia e Educação: Atitude filosófica e a questão da apropriação do filosofar" sugere que é preciso pensar a escola, enquanto local de manifestação social, política e cultural, ou seja, enquanto local de vivências e experiências, onde a sociedade se faz, representada pelos (as) alunos (as), que devem ser conduzidos a pensar a mesma de forma crítica.

Utilizar toda a vivência e atender as expectativas é função de toda a equipe escolar, pois valorizar e reconhecer os saberes é repensar essa educação, a qual deve partir do local.

Como afirma von Zuben pensar filosoficamente a educação é refletir sobre a importância da mesma sobre a formação da comunidade e da sociedade em geral, e pensar as transformações e as experiências humanas no decorrer da história, bem como fazer a própria história de forma melhor.

6.3 Todo processo de avaliação da educação deve contar com a participação dos professores

Em entrevista a Ana Lúcia Guimarães, que foi traduzida pelo professor Marcos Reigota, Jean-Marie De Ketele, Professor da Universidade de Louvain (Bélgica) e coordenador da Cátedra de Ciências da Educação da UNESCO, em Dakar (Senegal), abordou o tema referente ao sistema de avaliação denominada "Pilotagem", o qual tem como objetivo transformar o sistema educativo através da avaliação e estabelecer um padrão esperado para qualquer área da educação.

De Ketele faz referência ao sistema educativo do Brasil que apresenta muita desigualdade e afirma que o objetivo do processo ensino-aprendizagem deve estar bem claro para todos, não podendo partir do alto, de pessoas que não conhecem a realidade, e essa mudança na avaliação deve ser compartilhada.

A proposta e o currículo devem estar coerentes com a realidade de cada local, assim sendo, deve ser contemplada a realidade e a vivência. Como por exemplo, na escola rural, a realidade é diferente dos centros urbanos; a cultura, o trabalho, o lazer e a religiosidade são fatores determinantes de um modo específico de viver, nesse caso o currículo deve dar oportunidade para que os (as) professores (as) trabalhem com a cultura que se manifesta nesse ambiente.

No cotidiano escolar existe uma diversidade de vivências que oferece aos (as) educadores (as) condições de ensino muito mais prazeroso, quando se trata de um conteúdo pronto e um sistema avaliatório que vem da Secretaria da Educação, com o objetivo de padronizar a aprendizagem, a realidade de cada escola e a multiplicidade de saberes, não contribuem para o resultado esperado.

Sabemos que em cada escola existem manifestações sociais e representações que diferenciam uma das outras e as tornam especiais e ativas no local em que estão inseridas. No caso desta dissertação, a educação rural deve priorizar os saberes da comunidade.

De Ketele sugere, assim, que o processo avaliatório seja de baixo para cima, deve partir da realidade e os (as) professores (as), nesse processo, são os responsáveis pela elaboração das avaliações.

O importante é que o processo de avaliação modifique as práticas daqueles que se sentem motivados, mas que não tem condições de modificá-las. Por isso é preciso ouvi-los, e considerar que o processo de avaliação visando à melhoria da qualidade de ensino deve ser de baixo para cima. Ou seja, das salas de aula, para os responsáveis pela política do sistema de ensino. É fazer com que os professores se sintam implicados em todo o processo de melhoria da qualidade de ensino. (GUIMARÃES, 2008, p. 137)

Assim, os (as) professores (as) partem da realidade de seus alunos e de suas alunas para a elaboração das atividades avaliatórias, e são os (as) mesmos (as) que corrigem, pois conhecem cada um (a) em suas especificidades. A participação dos (as) professores (as) faz toda a diferença nessa rede de avaliação.

Segundo o autor, quando são realizadas avaliações, o que se está verificando não é o trabalho dos (as) professores (as), mas a qualidade do processo ensino - aprendizagem. Após a amostragem de resultados, o que se espera é detectar onde ocorreu o erro e a partir dessa verificação deve ocorrer a ação. Cabe ressaltar a

contribuição desse texto de Jean Marie De Ketele para o presente trabalho, pois se sabe que independente do conteúdo que deve ser ensinado, a escola tem que valorizar a cultura que está a sua volta.

Analisando do ponto de vista da valorização da realidade e do cotidiano escolar, a avaliação poderá dar resultados, mas deve-se priorizar a opinião e a participação ativa dos principais envolvidos nesse processo: os (as) professores (as). Caso contrário, não haverá autonomia no currículo e na avaliação e muito menos uma aprendizagem significativa para os (as) alunos (as).

6.4 Reflexões de Ana Maria Araújo Freire sobre a educação pós-moderna

Como sucessora legal das obras de Paulo Freire e por ele mesmo nomeada e assim, organizadora dos seus textos publicados, Ana Maria Araújo Freire, no livro: “Pedagogia dos sonhos possíveis”, transcreve trabalhos inéditos, depoimentos, ensaios, diálogos, conferências, entrevistas e cartas.

Ana Maria Araújo Freire escreveu o livro: “Analfabetismo no Brasil”, sendo esse o tema de sua dissertação de mestrado e de sua tese de doutorado seguindo os princípios de Paulo Freire, seu orientador e afirma que a alfabetização deve começar utilizando a linguagem dos (as) alunos (as), e que a leitura das palavras deve ser paralela à leitura do mundo.

Diante desse contexto, a autora enfatiza que o analfabetismo no mundo, é uma questão histórica e cultural relacionada ao colonialismo e a exploração dos países detentores do poder, os quais não compreendem ou não querem compreender que a erradicação desse problema que afeta qualquer esfera independente das etnias, culturas ou religiões, é de responsabilidade ética e política.

Segundo a autora, como educadores (as) devemos preocupar-nos com uma educação libertadora, expressar nossos anseios e pensamentos em benefício da formação desses (as) alunos (as) como seres humanos preocupados com a cidadania e a educação. A partir das contradições conflitos - consenso, diálogo - negação, denúncia – anúncio, nascem os sonhos coletivamente sonhados, e esse é o verdadeiro sentido do existir e da luta pela superação das dificuldades e desigualdades. Devemos agir, optar, aderir e atuar no local que estamos inseridos.

Ana Maria Araújo Freire nos convida a incorporar à indignação e ao amor, os sonhos éticos e políticos:

O que digo é que, não deixando de nos indignar e amar, mas a partir desse sentimento de indignação mesmo - porque pouco ou quase nada está sendo ouvido da voz de nossa indignação pelos dominantes acerca de nossos clamores -, devemos nutrir os sonhos que quase sempre podemos fazer possíveis continuarmos sendo de fato e nos sentindo como homens e mulheres sujeitos da história. (FREIRE, A., 2001, p. 19)

O livro “Pedagogia dos sonhos possíveis” tem como finalidade também a pedagogia da conscientização, onde Ana Maria Araújo Freire caracteriza esse novo pensamento como forma de superar as práticas pedagógicas tradicionais através de propostas transformadoras, tais como a valorização da cultura popular e o princípio da aprendizagem através da vivência e da contextualização.

É impossível viver sem sonhos e, portando, devemos tornar os sonhos possíveis através da intervenção na realidade como participantes ativos da história, revelando assim as situações de opressão.

Para Ana Maria Araújo Freire, a educação é um dos meios de transformação da realidade e expressão de cultura. Mas temos que pensar o sistema educacional, onde os (as) educandos (as) são meros expectadores das aulas, os (as) quais assimilam conteúdos pré-definidos pelos (as) educadores (as) e não expressam sua criatividade, não refletem e não participam do processo ensino - aprendizagem. Nessa perspectiva espera-se que a educação como instrumento de poder transforme-se em uma educação libertadora, que possibilite a crítica, a expressão de opiniões e expectativas.

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como realidade ausente dos homens. (FREIRE. P, 1983, p. 81)

Dentro desse processo ensino - aprendizagem, o conteúdo proposto deve ser inserido no contexto, onde o (a) educador (a) com postura ética, não se prende a conteúdos mecanicistas, mas se abre para novas ideias, trazidas da vivência dos (as) educandos (as) e assume-se como político e competente.

A escola muitas vezes não respeita essa bagagem trazida pelos (as) educandos (as), e através de uma educação conteudista faz com que os (as) mesmos (as) percam as expectativas e o prazer de aprender, pois não se reconhecem como sujeitos ativos no processo, não criam e não produzem o próprio conhecimento. E acrescenta:

A tarefa fundamental do educador e da educadora é uma tarefa libertadora. Não é para encorajar os objetivos do educador e as aspirações e os sonhos a serem reproduzidos nos educandos, mas para originar a possibilidade de que os estudantes se tornem donos de sua própria história. (FREIRE, A. 2001, p. 78)

O que deve ser evitado é o paternalismo. O (a) educador (a) deve recusar-se a assumir o controle da vida dos (as) educandos (as), fazendo com que busquem expor seus sonhos e suas aspirações e construam os próprios conhecimentos, os quais não estão prontos e acabados. A educação, apesar dos limites que são impostos a ela, exerce um papel indispensável de transformação social.

Essa educação para a liberdade, essa educação ligada aos direitos humanos nesta perspectiva, tem que ser abrangente, totalizante, ela tem que ver com o conhecimento crítico do real e com a alegria de viver. E não apenas com a rigurosidade de análise de como a sociedade se move, se mexe, caminha, mas ela tem a ver também com a festa que é a vida mesma. Mas é preciso fazer isso de forma crítica e não de forma ingênua. Nem aceitar o todo - poderosismo ingênuo de uma educação que faz tudo, nem aceitar a negação da educação como algo que nada faz, mas assumir a educação nas suas limitações e, portanto, fazer o que é possível, historicamente, ser feito com e através, também, da educação. (p. 102)

O que se espera da escola é que a mesma reconheça dentro do seu espaço os conhecimentos trazidos do contexto de vivência dos (as) educandos (as), sabedorias das classes populares, das minorias étnicas e sexuais, das diversidades.

Partindo dessa concepção, a aprendizagem deve partir da cultura local através de palavras geradoras carregadas de significados. Não podemos ser expectadores, mas devemos intervir no mundo, o resultado dessa nova atitude é a produção de cultura. O ensino tem que transcender as disciplinas, utilizar outros saberes, outras ciências e outras especialidades para que os (as) educandos (as) tenham várias visões de um mesmo assunto. Enquanto educadores (as) com consciência política, as atitudes possíveis são:

- Deixar de transferir conteúdos mecânicos (saber empacotado) para fazer com que o (a) educando (a) se aproprie do conteúdo, participando assim do processo educativo; respeitar a identidade cultural e a experiência de vida do (a) educando (a); Vivenciar, experimentar com a classe situações reais, nas quais possam optar, criticar, opinar e escolher; discutir assuntos locais e globais, pertinentes à faixa etária, que despertem o interesse dos (as) mesmos (as) pela política, economia, meio ambiente, educação e cultura; orientar a consciência cidadã.

O (a) educador (a) competente deve ensinar e aprender, repensar a prática e a teoria, ter uma formação contínua, conhecer a história, a política e a cultura de seu país.

A radicalidade da educadora ou do educador se manifesta na sua prática, na sala de aula, entre outros pontos, através de sua coerência entre o que diz e o que faz; no testemunho que dá de respeito às diferenças, de não estar absolutamente certo de suas certezas, com o que se abre a outras verdades e à possibilidade de melhorar. E, quando este educador ou educadora se percebe não radical, pára e pede desculpa aos alunos. Ele ensina radicalidade pela crítica de si mesmo. (FREIRE, A., 2001, p. 205)

As experiências e representações existentes no espaço escolar são reflexos de uma sociedade em constante transformação, portanto, cabe aos (as) educadores (as) partindo do cotidiano, formar alunos (as) mais participativos (as), capazes de agirem e de modificarem situações, conscientes de que o respeito e a conservação do local onde vivem dependem de ações individuais e coletivas.

6.5 A escola em interação com a comunidade

Segundo seu Salvador Pinto de Camargo, 63 anos, a primeira escola da comunidade dos Garcias era na casa de um morador, o seu Genésio, depois mudaram para a casa do seu Candido Torres e na sala eram realizadas as aulas. Em 1950 foi construída uma escola de barro no terreno doado pela família do seu Salvador.

A construção foi feita através de um mutirão. A chegada da escola na comunidade foi muito importante, pois muitos (as) moradores (as) tiveram a oportunidade de aprender a ler, a escrever e a contar, e estudar era o maior desejo

de todos. A professora era muito respeitada, pois trazia outros conhecimentos para aqueles que trabalhavam na roça.



Escola municipal Prof. Paschoal Visconti.
Fonte: Foto da autora

O seu Salvador buscava a professora Nadir Figueiredo, natural de Sorocaba, a cavalo, depois passou a buscá-la de charrete e ele relata algumas dificuldades enfrentadas pela professora, que ao descer do ônibus na cidade de Piedade tinha que caminhar mais seis quilômetros até a escola e em dias de chuva ficava toda suja de barro.

Certa vez, quando o seu Salvador foi buscá-la a cavalo, numa subida este saiu em disparada com a professora, quase a derrubando. Apesar de ser um fato engraçado, foi um grande susto. Em 1970, no mesmo terreno foi construída a escola de tijolo que permanece até os dias de hoje, sendo que foi nessa escola que iniciei meus estudos.

Na década de 1980, quando eu estudava nessa escola rural que recebeu o nome de Prof. Paschoal Visconti, era uma sala pequena multisseriada (1ª a 4ª série) e a professora fazia a merenda com os produtos enviados pelos pais e dava conta

de ensinar ao mesmo tempo grupos de alunos de fases de aprendizagem e idades diferentes. Atualmente a escola possui uma sala para cada série escolar e nela estudam crianças da pré-escola até a quarta-série, ou 5º ano.

A escola do bairro dos Ortizes onde estudam as crianças que continuam seus estudos da quinta série, ou 6º ano, até o 3º ano do Ensino Médio, recebeu o nome do morador Miguel Pires Godinho. Ele doou o terreno para a construção da escola. Segundo a ata de inauguração da escola e relatos dos moradores mais antigos do bairro, o seu Miguel era um lavrador residente no bairro dos Ortizes, filho de Salvador Pires Godinho, também lavrador e comerciante e Luzia Rodrigues do Espírito Santo.

O seu Miguel que não teve instrução primária (o que era comum naquele período histórico, pois somente existiam escolas urbanas, e o acesso a elas era difícil devido à distância e a falta de condução), sempre se preocupou com a vida dos (as) jovens (as), dando-lhes oportunidade para estudar e até cedeu a sua própria casa com a finalidade de iniciar a alfabetização.

O número de alunos (as) foi aumentando e o seu Miguel Pires Godinho, tratou de viabilizar um espaço maior para atendê-los. Esse fato aconteceu entre 1926 e 1950. Graças a sua iniciativa, foi construída uma nova escola pela Prefeitura Municipal, funcionando apenas uma sala de aula a partir de 1960. Seu Miguel faleceu no dia 13 de setembro de 1973.

A escola anterior a 1991 era mista e isolada denominada 1ª Escola Isolada do Bairro dos Ortizes, oferecendo ensino primário de 1ª a 4ª série, uma das mais antigas escolas de bairro existentes no município de Piedade. A partir de 1991, a escola passou a se chamar EEP Miguel Pires Godinho.

Entre 1993 e 1995 ofereceu de 1ª a 8ª série do 1º grau. Em 1996 com a reorganização do ensino, proposta pela Secretaria da Educação retornando ao Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série. Em agosto de 2001 foi municipalizada. Sendo novamente incorporada a Secretaria de Estado da Educação em 2002, funcionando apenas com o Ensino Fundamental ciclo II.

Atualmente, em 2009, a escola tem aproximadamente 358 alunos e alunas matriculados (as) no Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), esses (as) são provenientes dos bairros Ortizes, Garcias, Castanho, Limal, Juruparazinho e Sítio São Benedito. Está localizada no centro do bairro e na

estrada que liga aos demais, sendo de fácil acesso aos (as) estudantes (as) dos bairros vizinhos. A faixa etária dos (as) estudantes (as) é de 10 a 67 anos.



Escola Estadual Miguel Pires Godinho.
Fonte: Foto da autora.

Os (as) estudantes (as) tanto dos Garcias quanto dos Ortizes são transportados para as escolas com o ônibus cedido pela Prefeitura Municipal e esta se torna uma das dificuldades da escola em dias de chuva.

O bairro em que a escola se insere está localizado a 8 km da cidade de Piedade. É formado por antigos (as) moradores (as) e seus familiares, que trabalham na agricultura ou no comércio da cidade, enquanto a população dos bairros vizinhos é em sua maioria de novos moradores (as) vindos (as) de outras regiões. Segundo a diretora, é uma unidade escolar que participa ativamente de todos os projetos propostos pela Secretaria da Educação, assim como os demais projetos propostos pela equipe escolar. Essa participação inclui também a comunidade que se faz presente e atuante.

“A escola tem, por finalidade, independente do local que está inserida propiciar meios para o desenvolvimento da formação cidadã, deixando claro que o acesso ao conhecimento é um benefício social a que os alunos e as alunas tem direito e é a razão de ser da própria escola”. (Diretora)

Para Silvio Gallo:

No âmbito da escola, as relações cotidianas são um espaço privilegiado para a construção coletiva de uma cidadania que não fique restrita a abstração do direito, mas que adquira a concretização dos atos cotidianos. Uma cidadania que não seja exclusiva de uns, fundada na exclusão de muitos outros, deixados de fora por não atender aos padrões da norma. (GALLO, 2007, p. 32)

De acordo com a pesquisa etnográfica realizada pela escola em março de 2007, que teve como finalidade conhecer a realidade da comunidade e formular o plano gestão da escola.

- Cerca de 60% dos pais e mães dos (as) alunos (as) da escola, estudaram até a 4ª série do Ensino Fundamental, 20% estudaram entre a 5ª e a 8ª série do Ensino Fundamental, 19% possuem Ensino Médio completo e 1% são analfabetos.

- Aproximadamente 60% dos (as) moradores (as) da comunidade possui o hábito de ler livros religiosos (não foi mencionado a leitura de outros livros por parte das famílias), pois grande parte dos (as) moradores (as) são engajados em trabalhos das igrejas (Assembléia, Cristã do Brasil e Católica).

- O lazer é o futebol, muitas vezes praticado nos campos próximos a bares. É comum ter um time de futebol que representa o bairro, que joga em torneios com outros bairros. Outro lazer é assistir televisão. 40% da comunidade possui automóvel e 10% possui moto.

- A maioria dos (as) moradores (as) tem casa própria, porém, entre eles (as) poucos possuem terras para plantar.

- Parte dos familiares estão empregados como diaristas, meeiros e caseiros (são pessoas que moram em chácaras, cuidam dos jardins, das plantações e da

limpeza da casa dos patrões), nesse caso, alguns alunos e algumas alunas são transferidos (as) para outras localidades ou são recebidos (as) durante o ano. A faixa salarial da maioria das famílias está entre 1 e 2 salários mínimos. Foi constatado também que a escolaridade dos pais e das mães têm aumentado nos últimos anos em relação aos anos anteriores devido à oferta do Ensino de Jovens e Adultos da escola.

- A religião influencia no comportamento e esse fator torna as famílias mais unidas, pois os grupos que se reúnem para realizar as festas na igreja colaboram com a escola tanto na parte administrativa como na parte social, contribuindo efetivamente nas atividades realizadas.

As famílias sempre são convidadas para participar das atividades desenvolvidas pela escola como reuniões, festas, palestras e apresentações dos trabalhos. Na eleição da APM (Associação de Pais e Mestres), ocorre a mescla entre familiares dos bairros dos Ortizes, Garcias, Castanho, Limal, Juruparazinho e Sítio São Benedito e não há problemas de entrosamento, pois os costumes e trabalhos são semelhantes.

A escola comunica-se com a comunidade através de encontros, projetos como o da Escola da Família da Secretaria da Educação (permanece aberta durante os finais de semana), também nas festas. Nesta última se faz presente a Associação de Amigos do Bairro, um grupo de pessoas que trabalham e representam o mesmo.

“Outro fator importante foi à implantação do Ensino de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental e Médio, pois muitos dos alunos desses cursos são pais dos estudantes que cursam as demais séries em todos os períodos. Essa iniciativa aumentou ainda mais as relações comunidade - escola, pois trouxe os pais e as mães para mais perto. Com o contato diário com a escola, foi possível dialogar e trocar ideias e experiências”. (Professor de matemática)

Na pesquisa etnográfica a equipe escolar também detectou que os problemas de aprendizagem dos (as) alunos (as) estão vinculados ao nível de desenvolvimento econômico, social e cultural da localidade e a difícil situação em que se encontra o setor agrícola de Piedade, pois este é a base econômica da região. Como afirma a coordenadora pedagógica da escola: “A maioria dos alunos não tem uma boa

situação econômica, sendo que alguns não têm condições de comprar o material escolar (além do fornecido pela Secretaria da Educação)”.

Nessa perspectiva, as atividades escolares passaram a ser voltadas para essa integração e foram oferecidas aulas de informática, culinária (entre elas a padaria artesanal), palestras sobre higiene, saúde bucal, atividades físicas, jogos como futsal, vôlei, basquete, tênis de mesa, xadrez, dama; resgate da cultura rural através de músicas, cantigas e histórias; organização da brinquedoteca, teatro, dança, viveiro de mudas de árvores da região e horta comunitária.

Sendo a escola localizada numa área rural, analisam-se as atividades desenvolvidas por ela que são relacionadas ao aprimoramento das práticas agrícolas, pois é desse setor que a maioria das famílias retiram o sustento. Percebe-se que as atividades oferecidas são as mesmas das escolas urbanas e seguem as orientações da Secretaria da Educação, questiona-se nesse sentido o que é urbano e o que é rural nesse processo de educação.

Conforme analisa Vendramini:

As características do espaço rural e suas principais mudanças concluímos que cada vez se torna mais difícil separar o mundo rural do urbano. Nesse sentido, a alternativa para as escolas rurais não seria a da curvatura da vara, em que se passa de uma escola que foi criada dentro de uma lógica urbana para uma escola rural. É preciso pensar a formação humana, incluindo a escolar, num contexto que passa por grandes transformações, considerando quem são as crianças, os jovens e os adultos que hoje vivem no espaço rural e, especialmente, quais são as suas formas de produção da vida. Importa saber as reais necessidades de formação que se apresentam hoje, não no sentido de preparação para o chamado “mercado de trabalho”, ou de acordo com a falsa noção de “empregabilidade”. (VENDRAMINI, 2004, 158)

Ana Maria Araújo Freire sugere para tornar a aprendizagem mais significativa, deve-se utilizar a linguagem dos (as) alunos (as) que são específicas do local e valorizar a identidade histórica, e acrescenta:

O que venho propondo é um profundo respeito pela identidade cultural dos alunos e das alunas - uma identidade cultural que implica respeito pela linguagem do outro, pela cor do outro, o gênero do outro, a classe do outro, a orientação sexual do outro, a capacidade intelectual do outro, que implica a habilidade para estimular a criatividade do outro. (FREIRE, A., 2001, p. 60)

Assim ao dialogar com os (as) professores (as), foi questionado quais as iniciativas para incentivar o desenvolvimento dessa localidade, fazendo se uso dos saberes, sem desrespeitar os hábitos e os costumes.

6.6 Experiências do cotidiano escolar

Observando o cotidiano da escola Miguel Pires e conversando com alunos (as), professores (as), funcionários (as) e a própria direção, percebe-se que o ambiente escolar é agradável. Todas as definições sobre o significado da escola são positivas e não há controvérsias, todos tem um carinho pelo espaço escolar.

O que é o cotidiano? Será que a expressão se refere a algo simplesmente mundano, uma parte corriqueira e irrelevante da vida, separada e distinta dos acontecimentos importantes ou, ao contrário, o cotidiano é tudo que temos? Argumentamos que todos vivem no seu cotidiano sejam eles presidentes, prefeitos, reis e rainhas, chefes, escriturários, moradores de rua ou qualquer um de nós. Podemos, no jogo dos sentidos, valorizar o cotidiano de alguém como sendo importante no sentido institucional; mas esta é uma questão diferente. Ao contrário, propomos que todos nós, independentemente de onde estamos e quem somos, acordamos pela manhã e entramos no dia que temos pela frente; dia este que nada mais é que um fluxo de fragmentos corriqueiros e de acontecimentos em micro-lugares. (SPINK, p., 2008, p. 70)

E sobre a experiência de dar aula na escola rural, principalmente para o período noturno, onde estudam os pais e as mães dos (as) alunos (as) de várias séries da escola, a professora de matemática relata:

“Trabalhar na E.E. Miguel Pires Godinho é uma experiência muito interessante, devido, principalmente ao contraste com a cidade que se reflete no comportamento dos alunos. A imensa maioria deles é interessada, participativa, educada e responsável, bem como, a comunidade do bairro que interage com a escola, colaborando e opinando em tudo o que é necessário. Esse envolvimento da comunidade reflete diretamente de forma positiva no nosso trabalho em sala de aula. A única observação negativa (se é que podemos chamar de negativa) é o fato de que eles falam num tom de voz muito alto para o ambiente, mas com a convivência, percebi que essa é uma característica de quem trabalha no campo, e, portanto, um detalhe irrelevante”.

Em relação ao espaço escolar não há sujeira e paredes rabiscadas em nenhum local da escola, as carteiras e os móveis da sala são todos muito limpos, existe uma biblioteca bem organizada e uma sala de informática com internet para o uso de todos (as) os (as) alunos (as). A escola foi recentemente ampliada com os recursos enviados pela FDE (Fundação para o desenvolvimento da educação) e com o dinheiro das festas, segundo a diretora: *“contamos com a participação da comunidade e dos pais dos alunos, que ajudam com a mão-de-obra e participam das festas trabalhando e festejando”*.

Percebe-se que o espaço escolar é um local de socialização entre os (as) moradores (as) do bairro, as festas promovidas são compartilhadas por todos (as), principalmente as festas juninas.

Os pais e as mães dos (as) alunos (as) realizam também grandes mutirões para arrumar, conservar a escola e arrecadar donativos. Como afirma a professora de Educação Física: *“São os pais e as mães que se reúnem para pintar, carpir e fazer a limpeza quando a escola necessita”*.

Em contrapartida, não foi verificada ações da escola para amenizar as dificuldades da comunidade, como a falta de: calçamento, rede de esgoto, posto de saúde e coleta de lixo. Atitudes cidadãos que poderiam ser desenvolvidas buscando as soluções desses problemas, juntamente com a comunidade, começando pela conscientização.

Dialogando com a equipe da escola Miguel Pires Godinho, observou-se que os (as) professores (as), desenvolveram alguns projetos pedagógicos com a finalidade de envolver a comunidade no processo de aprendizagem.

Como exemplo dessa afirmação foi desenvolvido na escola, um projeto, o qual foi relatado pela professora de língua portuguesa, que fez um apanhado das estratégias utilizadas para estímulo à leitura e escrita praticadas na Unidade Escolar no ano de 2008, esse projeto veio ao encontro da nova Proposta Curricular implantada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Como afirma a professora:

“O desenvolvimento dos projetos ‘Poetas da Escola e Leitura e Arte’ foi um momento dedicado à poesia, música, teatro, danças, entrevistas, produção de textos narrativos e textos jornalísticos tendo como foco a valorização do lugar onde vivem e teve como público-alvo os alunos das 5ª e 6ª séries do

Ensino Fundamental. Os projetos aconteceram num clima de muita euforia, interesse e participação de toda a comunidade escolar. O objetivo foi promover a interdisciplinaridade escolar e, ao mesmo tempo, disseminar a leitura como meio de lazer e cultura não somente na escola, mas estendendo também à família. Foram desenvolvidos em parceria com os professores de todas as disciplinas as seguintes atividades: oficinas literárias, gincana literária, apresentação teatral pelos alunos, declamação de poesia e contação de histórias, teatro de marionetes, entrevistas, painéis de resenhas de livros recomendados por professores e pelos leitores do bimestre. E por fim, minutos de leitura utilizando a produção literária dos alunos. Ao incentivar a melhoria do ensino-aprendizagem com momentos de leituras de boa qualidade, os projetos vêm proporcionando uma maior integração entre professores, alunos e comunidade, e principalmente, despertando nos jovens o prazer pela leitura e pela escrita. Diante do sucesso obtido com os projetos, a direção da escola inseriu o evento na Semana Cultural para que toda comunidade pudesse prestigiar. A integração entre alunos, professores e família foi uma das alavancas que tornou o ensino da E.E. Miguel Pires Godinho uma experiência bem sucedida. A escola vivenciou durante a execução dos projetos minutos de encantamento e magia em que a imaginação criou asas e voou para os mundos da cultura e da leitura. Os jovens do campo tem a escola como grande perspectiva de vida, acabam lutando mais para ter acesso à educação e o ensino funciona como uma engrenagem, uma cadeia na qual toda comunidade esta em sintonia”.

Essa percepção da professora atende às expectativas atuais. A educação deve contemplar os saberes locais, o conhecimento e a realidade da comunidade, retratando o que é significativo para a aprendizagem, os valores e o próprio sentido de pertencimento e compartilhamento. Partindo desse princípio, deve ser oferecida uma visão global da sociedade enfatizando o local. Como afirma Vattimo:

O novo historicismo da educação pós-moderna deveria ser livre dos cânones do historicismo humanista do passado: não existe uma civilização central; existe uma pluralidade de culturas que deveria ser objeto de um currículo mais diversificado e aberto, vinculado também às situações locais, às tradições específicas das diferentes realidades nacionais. (VATTIMO, 1992, p. 17)

Nessa perspectiva, a professora de Artes juntamente com seus alunos e com suas alunas desenvolveu o projeto de fotografia, com o tema: “As imagens falam mais do que palavras”, e a orientação foi fotografar a vida no campo. Os (as) alunos (as) dividiram-se em grupos e tiraram várias fotos do cotidiano rural: casas, pessoas trabalhando na roça, animais e a vegetação. Como afirma o aluno H:

“Foi um trabalho gostoso, visitamos vários lugares, conversamos com muitas pessoas que estavam trabalhando na roça, alguns alunos usaram

suas próprias máquinas e celulares, outros usaram a máquina fotográfica da professora”.

A professora de ciências desenvolveu na escola uma atividade denominada “Aprendendo na prática”, onde os (as) alunos (as) visitaram as lavouras e os locais onde são lavadas as hortaliças e legumes:

“O objetivo foi orientar sobre o reaproveitamento dos restos, produtos que não se adequam às características de venda nos mercados, pois são descartados devido a região ser agrícola e existirem muitos locais onde isso ocorre. Esses restos de produtos agrícolas muitas vezes são jogados nos rios, causando a poluição. Nesse caso os restos foram utilizados para fazer conservas, que serviram de fonte de renda para as famílias envolvidas.”

Nesta iniciativa encontrada pela professora para evitar o desperdício desses alimentos e despertar a consciência de que com eles podem alimentar muitas famílias da comunidade, foi observado como o sentido de comunidade influencia as relações e proporciona a aprendizagem pedagogicamente melhor, visto que esse projeto foi desenvolvido a partir do cotidiano dos (as) alunos (as) que são filhos (as) de lavradores (as) em sua maioria.

Outro projeto desenvolvido pela equipe escolar foi à conscientização da comunidade da importância da preservação da mata ciliar do rio que atravessa o bairro. Como descreve o professor de geografia:

“O local onde a E.E. Miguel Pires Godinho está situada é um antigo bairro pertencente ao município de Piedade. Por ele corre um rio com um pequeno volume de água, que vem diminuindo com o passar dos anos, por ser um bairro antigo, existem diversas construções até algumas as margens do rio, que despejam seus esgotos domésticos diretamente neste rio. Enquanto que outros moradores também usam de sua água para irrigar plantações e lavar legumes, nesse processo, a água sem nenhum tratamento volta ao leito do rio. Além das construções, esgoto a céu aberto, mau uso da água, ainda tem outro agravante, uma coleta de lixo ineficiente. Para conscientizar a população da importância da conservação e recuperação da Mata Ciliar, começamos com nossos alunos, pois a manutenção dos recursos naturais através de um uso racional da água e a conservação do meio ambiente serão decisivas para a sobrevivência das futuras gerações.”



Rio próximo à escola Miguel Pires.
Fonte: Foto da autora

As iniciativas citadas foram às únicas que se diferenciaram, contemplaram a realidade do bairro e utilizaram o conhecimento dos (as) alunos (as) sobre o meio em que estão inseridos, em benefício da comunidade. Segundo a coordenadora da escola Miguel Pires: *“Uma educação voltada para a zona rural se faz difícil devido à necessidade de seguir o novo currículo oferecido pela Secretaria da Educação.”*

Vale ressaltar nesse momento a importância de valorizar a experiência e a vivência de cada um dentro do espaço escolar, local de multiplicidades de valores, etnias, opiniões e opções e cabe aos (as) educadores (as) reconhecerem essa diversidade no cotidiano.

Como pensar o cotidiano da escola? Pensar tal temática nos lança na ordem do acontecimento. Podemos tomar o cotidiano da escola como o conjunto das coisas e situações que acontecem na sala de aula e para além da sala, na instituição escolar como um todo, e quero experimentar aqui a ideia de que os acontecimentos cotidianos em tal espaço pedagógico. Em outras palavras, na escola não se aprende apenas na formalidade da sala de aula, mas também na informalidade das múltiplas relações que se dão no dia-a-dia da vida da instituição. (GALLO, 2007, p. 21)

Como afirma Mary Jane Spink, são situações particulares que priorizam os conhecimentos locais:

Se pesquisarmos o cotidiano, estabelecemos a clássica separação entre pesquisador e seu objeto. Mas, se pesquisamos no cotidiano, seremos partícipes dessas ações que se desenrolam em espaços de convivência mais ou menos públicos. Fazemos parte do fluxo de ações, somos parte dessa comunidade e compartilhamos de normas e expectativas que nos permitem pressupor uma compreensão compartilhada dessas interações. (SPINK, M., 2007, p. 7)

Nessa perspectiva apresento a dissertação de mestrado da pesquisadora Bárbara Heliadora “Educação Ambiental no cotidiano de escolas rurais de Itapetininga: Recuperação de Matas Ciliares”, que promoveu um projeto de interação cultural, social e ambiental, que envolveu alunos (as), professores (as), coordenadores (as) e diretores (as), das diferentes disciplinas de escolas rurais.

O principal objetivo da pesquisadora foi a formação de conhecimentos científicos através da recuperação das matas ciliares do rio Capivari, envolvendo assim os (as) professores (as) que atuavam nas escolas rurais próximas ao rio, levando em consideração não somente a preservação ambiental, mas as representações, as manifestações culturais e sociais dos envolvidos.

O projeto envolveu a escola e todas as comunidades do local, principalmente relacionados aos problemas locais, tais como deposição inadequada do lixo.

A autora destacou a importância da valorização da cultura e dos saberes rurais para o desenvolvimento da educação, afirmando que é necessária uma formação de professores (as), currículos e metodologias que atendam às necessidades da escola rural:

Porém os problemas da escola da zona rural permanecem como desvalorização cultural, forte infiltração da cultura urbana no meio rural, formação essencialmente urbana dos professores, currículos inadequados, calendário escolar dissociado da sazonalidade da produção, instalações precárias e outras. (PRADO, 2004, p. 29)

Essa afirmação é coerente com relação à ausência da crítica dos limites reais colocados para o desenvolvimento do campo na relação com a sociedade atual, é pertinente também com a ausência de enfoque curricular no que diz respeito às especificidades da zona rural. É importante considerar a necessidade de promover a inclusão de atividades curriculares e pedagógicas direcionadas para um projeto de

desenvolvimento cultural e solidário no campo, pois normalmente as questões abordadas nesse meio estão estritamente vinculadas ao espaço urbano, sistematicamente pensado para o mercado nos diferentes setores de produção.

Nesse sentido foi necessário ouvir os (as) alunos (as) e observar quais são as suas expectativas em relação à escola e a vida na zona rural. “Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, também educa”. (FREIRE. P, p. 78)

6.7 Roda de conversa com os alunos e as alunas

Para Buber, a escola deve relacionar-se com a sociedade e os professores devem levar o trabalho educacional para a comunidade, num processo de interação: “Preparando assim, os alunos para conhecerem a sociedade e inserir-se nela com conteúdo de comunidade” (BUBER, 1987, p. 97). E acrescenta:

As várias maneiras de os alunos estarem juntos: jogos, música, religião. São diversas maneiras de convivência que tem outro objetivo senão a tensão que é a própria essência de conviver. O ensino não pode jamais ser despojado de finalidade, uma vez que as pessoas se congregam todas aí justamente para essa finalidade. (p. 99)

Numa roda de conversa, com alunos (as) da 7ª e 8ª do Ensino Fundamental e do 1º e 2º ano do Ensino Médio, fiz algumas perguntas, as quais foram respondidas e discutidas.

Sobre a profissão de seus pais e suas mães, informaram: J.G - o pai é jardineiro e a mãe dona de casa, H - é filho de jardineiro também, A.M - o pai é segurança noturno e a mãe faz serviços gerais em uma chácara, I. - o pai é caminhoneiro e a mãe é lavradora, N.B - o pai trabalha num condomínio na parte de manutenção, B.C é filha de feirantes, D.R e I.G são filhas de lavradores.

● Qual a importância da escola para vocês?

Os (as) alunos (as) disseram que a escola é muito boa, nem pensam em estudar numa escola da cidade, as salas de aula são pequenas, com poucos (as) alunos (as).

“Os professores e as professoras são excelentes, pois os alunos permitem que eles expliquem e desenvolvam a aula.” (H).

“Muitos alunos são interessados, não tem bagunça na sala, não tem muita conversa durante as explicações, porque o objetivo de cada um é estudar para ser alguém na vida; ninguém mata aula, porque não tem para onde ir e muitos moram longe, acredito que na cidade os alunos e as alunas matam aula porque tem muitos atrativos como lojas, lan house, sorveteria etc.” (J.G)

• Quais as expectativas para o futuro?

Os (as) alunos (as) do Ensino Médio desejam estudar, prestar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), concorrer ao PRÓ-UNI (Programa universidade para todos) e entrar em uma faculdade, já que se dependessem das condições dos pais, dificilmente teriam condições de pagar a faculdade e até mesmo manter-se na mesma. Os cursos que pretendem fazer são: Engenharia Elétrica (A.M), Engenharia Aeronáutica (B.C), Mecatrônica (H), Direito (N.B), Pedagogia (I.G), e Medicina (I. e J.G). Percebe-se que nenhum dos cursos pretendidos refere-se ao meio em que vivem.

Comentei que quando terminei a 4ª série do Ensino Fundamental, apenas eu e mais dois alunos prosseguimos os estudos na 5ª série, e os demais se tornaram agricultores (as) ou continuaram seus estudos quando adultos (as). A aluna A.M afirmou:

“Isso não ocorre mais, a maioria continua os estudos e alguns chegam até a faculdade”.

“Estudar é o alicerce da vida, as pessoas estudam para ter um futuro melhor. Até mesmo quem mora no sítio estuda pra ser alguém na vida, não prá passar a vida toda trabalhando na roça. Mesmo porque, o trabalho na roça é pesado, não é qualquer um que aguenta, é um trabalho muito forte, embaixo de chuva e sol. Por isso muitas pessoas estudam.” (H)

“Até para ficar trabalhando na roça precisa estudar, as pessoas precisam ter conhecimento. Também existem muitas máquinas que estão substituindo o trabalho das pessoas, e está faltando trabalho, tem gente passando necessidade, por isso é preciso estudar”. (D.R)

“Estudar é a única saída para os jovens que buscam a cidade para trabalhar, pois ficar na roça e viver da agricultura está se tornando cada vez mais difícil, pela falta de apoio do governo ao pequeno agricultor”. (B.C)

A fala dos (as) alunos (as) demonstra que a escola não contempla em seu espaço a cultura local, pois incentiva o estudo como forma de mudança de vida, ou seja, a saída da zona rural e a busca de trabalhos na cidade, para ser alguém melhor do que o trabalhador da roça, como se essa atividade não fosse importante e necessária.

Segundo Célia Regina Vendramini:

A agricultura familiar há muito tempo está permeada ou completamente imbuída do chamado trabalho externo, como estratégia de sobrevivência. Ainda que o capital tenha se imposto mantendo a pequena e a grande propriedade rural, estas se transformaram completamente: as primeiras, sem condições de criar um patamar tecnológico competitivo, sem crédito, na ausência de políticas públicas para a produção e comercialização, com crescente endividamento, obrigam-se à integração às agroindústrias, a complementarem sua renda com trabalho externo ou a migrarem para outras regiões ou para a cidade. (VENDRAMINI, 2004, p.152)

Comentaram que nem todos (as) os (as) alunos (as) da escola tem esses objetivos, alguns abandonam os estudos, outros (as) terminam o ensino obrigatório e vão trabalhar na roça, acham que é o melhor caminho:

“Muitos alunos largam a escola para trabalhar na roça, outros casam cedo e tem meninas que ficam grávidas”. (I.G)

“Muitas das vezes em que o jovem abandona a escola ele não tem consciência do bem que o estudo trás, acham que trabalhar na roça é o melhor caminho.” (D.R)

“Alguns alunos abandonam a escola também porque se envolvem com drogas e esses motivos acabam gerando conflitos entre as famílias, prejudicando os alunos no desempenho escolar, e muitos perdem a vontade de estudar, e quando vão procurar emprego não conseguem por falta de preparo e estudo.” (J.G)

- **Em quais atividades desenvolvidas na comunidade gostam de participar?**

As únicas atividades desenvolvidas na comunidade são as festas promovidas pela escola e pela igreja e, esta última, gostam de frequentar por causa das comidas, da roleta e dos leilões. As alunas N.B e D.R afirmaram que moram muito longe, por isso participam muito pouco dessas festas que são em homenagem ao padroeiro São João Batista. O aluno J.G disse que não gosta dessas festas, prefere festas eletrônicas que ocorrem na cidade.

“Para muitos que moram no sítio os atrativos da cidade são mais interessantes, porque eles não conhecem muitas coisas, e ficar muito no sítio enjoa, de tanto você ver sempre as mesmas coisas, desperta uma curiosidade de saber o que tem lá na cidade, como é a vida lá na cidade e então, despertam novos interesses e novas vontades”. (J.G)

Todos (as) concordaram que ser um (a) jovem da zona rural é muito difícil, porque as danceterias, sorveterias e lanchonetes estão na cidade, e o obstáculo é à distância, pois não há ônibus durante a noite ou a madrugada. No bairro do Piratuba, onde mora a aluna I, quando não há aula, o ônibus passa somente quarta e sábado. O aluno H relatou que quando vai à cidade depende de carona. Outro local onde se encontram é na escola, aos sábados e no campo de futebol, onde ocorrem os jogos dos adultos.

Comentei que na minha época, os (as) jovens nadavam nos rios, jogavam bola, passeavam na casas dos (as) amigos (as) e as alunas N.B e B.C concluíram que andam de bicicleta, visitam a escola aos finais de semana, mas gostam de passear também na cidade. “Na cidade tem lojas, mercados, shows. E aqui no bairro não tem”. (D.R)

- **A escola possui projetos voltados para a Zona Rural?**

O aluno H comentou que a escola oferece projetos relacionados ao meio ambiente tais como: o reflorestamento da mata ciliar do rio próximo à escola com mudas nativas produzidas em um viveiro e o reaproveitamento dos restolhos nos

lavadores de hortaliças. *“Não há nenhum projeto voltado para o trabalho na roça, acho que os alunos não querem aprender isso.” (I.G).*

“A escola promove pesquisas com os moradores mais velhos do bairro, sobre a cultura de antigamente para fazermos uma comparação: o que mudou e como mudou. Percebemos que não há mais construção de casas de barro, não fazem mais farinha no monjolo, pois hoje em dia quase tudo se compra na cidade, há mais facilidade na vida das pessoas. Ainda existe fogão de lenha em algumas casas.” (I.G)

● **Vocês trabalham na roça? Quando e por quê?**

Relatei que eu trabalhava na roça na época da colheita e da plantação de cebola, para comprar material escolar, roupas e sapato, e disseram-me que ainda é assim, muitos (as) alunos (as) trabalham para comprar aquilo que estão precisando.

“Eu às vezes vou na roça para plantar cebola e também cortar, mas é muito raro, quando preciso de um dinheirinho a mais”. (D.R).

“Eu não trabalho na roça porque não preciso, mas se precisasse eu trabalharia”. (J.G)

“Eu trabalho na roça quando preciso comprar alguma coisa para mim, não para ajudar meus pais, eles não precisam.” (I.G)

“É muito raro eu trabalhar na roça, fico ajudando a minha mãe nos serviços da casa.” (I.)

“Não trabalho na roça, meu pai é jardineiro eu ajudo quando ele precisa”. (H)

Dialogando com os (as) alunos (as) nos intervalos das aulas, conclui que realmente muitos trabalham no corte da salsa e da cebola temporariamente, só para comprar objetos de uso próprio. São poucos (as) que ajudam diariamente os pais depois da escola.

● **A religiosidade é um fator presente na comunidade?**

Em relação à religião somente alunas I.G e I são participantes ativas das atividades desenvolvidas na igreja católica e afirmaram que nas missas e nas celebrações da palavra as pessoas participam bastante, já nos grupos de oração da Renovação Carismática Católica a participação é menor.

Os demais disseram que possuem religião, mas não são frequentadores assíduos das igrejas. N.B é evangélica, não vai a igreja, seus pais vão a igreja de vez em quando; o J.G é evangélico, mas somente os avós vão à igreja; H é católico e raramente vai à igreja; B.C é evangélica não praticante, D.R é evangélica praticante e a A.M é católica, porém tem dificuldades de ir a igreja devida a distância de sua casa.

Afirmam que as igrejas: católica, Assembléia de Deus e Cristã do Brasil exercem forte influência nas relações comunitárias, devido aos encontros e as obras realizadas. Porém, a igreja católica é a que mais faz festas e atrai todos, independente da religião.

Finalizamos o diálogo falando sobre como era a vida no passado no bairro e contei-lhes que ouvi relatos emocionantes das pessoas mais velhas, inclusive histórias de lobisomem, boitatá, mula sem cabeça e saci. O aluno H comentou que essas coisas apareciam antigamente porque não existia luz elétrica e as pessoas fantasiavam muito; a aluna D.R contou que realmente já ouviu dos avós que existia no bairro dos Garcias um Lobisomem branco e nos relatou uma história que ouviu do tio:

“Certa vez meu tio e o meu avô estavam vindo da cidade e foram perseguidos pelo boitatá, subiram em uma árvore e o bicho ficou embaixo. Quando chegaram em casa o tio desmaiou devido ao susto que passou”.

Os alunos H e J.G disseram que nunca viram essas coisas, porém, se um dia aparecerem na frente deles, não irão correr de medo, vão ficar e ver o que realmente são. Brincaram dizendo: “Nós é que vamos correr atrás deles”.

Fazendo uma análise do que foi dito, percebe-se que a escola é importante para os (as) alunos (as). É um local de construção do conhecimento, em relação ao comportamento desses (as) adolescentes, percebe-se que adquiriram hábitos e gostos da vida urbana, querem mudanças e buscam na escola as oportunidades para alcançá-las.

“O conhecimento do passado nunca será esquecido, sempre vai estar presente, não é porque estamos na escola para aprender coisas novas que vamos esquecer tudo o que já foi vivido. Afinal de contas, o mundo anda para frente e não para trás, o que meu pai viveu serve de lição e eu tenho que respeitar.” (H)

Concluo transcrevendo o depoimento da aluna L.M que não participou da roda de conversa, mas fez questão de escrever seu depoimento sobre a escola:

“Meu nome é L, tenho 15 anos e estou na 2º série A do Ensino Médio da Escola Miguel Pires Godinho. Estudo nessa escola desde a 5º série, antes estudava na escola do bairro dos Garcias, sou acostumada ao ritmo calmo daqui, todo mundo se conhece, desde o pessoal da secretaria, da limpeza, merenda, professores, até os alunos, são raras as pessoas que ninguém sabe o nome. A nossa escola, por ser pequena tem grandes vantagens, que uma escola grande não tem. Não há quase nada de depredação, brigas entre alunos são raras, as classes possuem número considerado baixo de alunos e alunas (até a 8ª série a média é de 25 alunos por sala). A escola, além das instalações normais como biblioteca, laboratório de informática e refeitório possui locais ajustados para pessoas deficientes. Também possui duas mesas de pingue-pongue, uma de pimbolim, uma rádio, que é cuidada pelo grêmio durante a entrada, intervalo e saída dos alunos. Além de tudo isso, a escola sempre promove palestras sobre vários assuntos. Fora as festas que são promovidas e graças a estas, a escola pode ser reformada, e são comprados equipamentos como rádio para o nosso benefício. Bom, essa é a minha escola: pequena, sossegada, mas muito legal”.

Após o encontro dialógico com os (as) alunos (as), encerro esse capítulo que se iniciou com a escola comunitária na casa de Miguel Pires Godinho, que ofereceu aos (as) jovens a oportunidade de aprender a ler e escrever, esse objetivo se concretizou na escola narrada acima, a qual atualmente é importante para a comunidade, um local de relações e manifestações de pensamentos e expectativas.

Ao iniciar a pesquisa esperava encontrar uma educação que reconhecesse as características da zona rural e que estimulasse os (as) alunos (as) a preservarem a cultura e os costumes, porém, percebi que os (as) professores (as) não possuem nenhum vínculo com a zona rural, são moradores (as) da zona urbana, desconhecem o trabalho rural, cumprem o currículo, mas são poucos os trabalhos desenvolvidos que envolvem os saberes locais. Como afirma Ana Maria Araújo Freire: “Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e anunciar.” (FREIRE, A. 2001, p. 30)

Cabe salientar também o texto de Sílvio Gallo: “Acontecimento e Resistência: educação menor no cotidiano escolar”, que reflete sobre a educação maior imposta, através de currículos, projetos e conteúdos e a educação menor que são acontecimentos cotidianos, inesperados como uma forma de resistência e fuga.

Por Educação menor sugiro tomarmos aquela desenvolvida pelos professores na solidão de sua sala de aula, para além de planos, políticas e determinações legais. É também aquela que acontece fora da sala de aula, nas relações e nos acontecimentos do cotidiano da instituição escolar. (GALLO, 2007, p. 28)

Um obstáculo apresentado foi a falta de tempo para o desenvolvimento de atividades voltadas para o local, e a falta de interesse dos (as) alunos (as) em estudar aquilo que veem diariamente, querem aprender coisas novas, a roça, que é a realidade de muitas famílias, não é a perspectiva dos (as) estudantes, querem mudar de vida, ou seja, sair da zona rural e trabalhar na cidade. Percebe-se claramente que esses fatores são negativos para a noção de comunidade, pois se perdem os costumes e cria-se uma falsa ideia de que a cidade é a solução para o futuro.

Na dissertação de mestrado Sonia Ap. Ijano Batista (2003) buscou responder a pergunta do aluno da Escola Carlos Augusto de Camargo, em Piedade, denominado por ela como inquisidor: “Pra que ensinar literatura pra quem carrega sacos nas costas”? O questionamento do aluno fez a então professora - pesquisadora refletir sobre sua prática pedagógica, e ao mesmo tempo analisar a realidade de seus alunos e de suas alunas, como tornar agradável as aulas de literatura, para aqueles que não possuíam expectativas de ampliar os estudos e não enxergavam a sua importância no dia-a-dia.

A maior parte dos jovens que se dirige ao centro urbano, para cursar o Ensino Médio noturno, normalmente retorna à zona rural, ou às periferias de Piedade, sem grandes perspectivas de futuro. Continuam integrados a suas comunidades, trabalhando em pequenas lavouras, ou como diaristas, e dificilmente cursam uma faculdade. As estudantes, normalmente constituem famílias e passam a cuidar do marido e dos filhos, dedicando-se às tarefas domésticas, quando não se tornam mães solteiras, durante o período em que frequentam a escola. Algumas trabalham como diaristas, vendedoras ambulantes, empregadas domésticas faxineiras ou babás. (BATISTA, 2003, P. 63)

Era uma sala do Ensino Médio, e muitos (as) alunos (as) eram provenientes da periferia e da zona rural do município de Piedade. A realidade analisada não se distancia da apresentada pelos (as) alunos (as) que participaram da conversa na escola Miguel Pires.

Quando lhes questionei sobre a importância da escola, responderam que estudar é um meio para mudar de vida, discurso esse adquirido no próprio ambiente escolar, proferido pelos (as) professores (as), também acrescentaram que pretendem fazer uma faculdade, e afirmaram que quem continua trabalhando na roça como bóia-fria, submete-se a baixos salários e a situações de subempregos. Batista em sua pesquisa observou: “A maioria deles aspira a um emprego público, para poder ir ao dentista; comprar a roupa e o tênis da moda; o aparelho de CD; a moto; o carro; e até mesmo estudar e constituir uma família”. (p. 63). E acrescenta:

Responder “pra que ensinar literatura pra quem carrega saco nas costas?”, levou-me a buscar na escrituras dos alunos, as análises que os mesmos faziam de suas realidades, através dos textos que elaboraram, no caminho de Bakhtin, para quem os elementos históricos, sociais e linguísticos, que atuam de forma decisiva no cerne da personalidade do indivíduo e se manifestam de forma dialógica em seus discursos. (BATISTA, 2003, p. 57)

Dialogar foi o caminho encontrado pela pesquisadora Sonia Ap. Ijano Batista para mudar a sua prática pedagógica. Em meus encontros com os (as) alunos (as) da escola Miguel Pires, percebi o quanto é importante estabelecer uma conversa para iniciar um processo de aprendizagem e compreender o contexto.

Esse encontro me fez refletir sobre a maneira pelo qual eu estava olhando para tudo isso como pesquisadora e professora. Até que ponto a minha vivência influenciou o meu olhar sobre a realidade, de uma educação que depende de olhares críticos para ser construída e reconstruída, quantas vezes for necessário.

Uma escola que não estabelece a dialogicidade, porque se vê acorrentada pelas obrigações de fazer uma educação voltada para trabalho, que também se esquece de ouvir, de formar cidadãos e cidadãs, de criar, de recriar a história; que não escuta o passado; um lugar onde os saberes veem prontos.

Sabe-se que a escola e a igreja são instituições hierarquizadas, mas também são constituídas por pessoas com sentimentos e opiniões, e este acredito que seja o

fator determinante nas relações, pois enquanto houver os encontros face a face e as atitudes voluntárias e espontâneas a relação dialógica acontecerá.

Enfim, a noção de comunidade na escola é construída em meio à cultura rural e à religiosidade, e essa integração quando ocorrer de fato só trará benefícios.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre a comunidade utilizando a representação construída ao longo da minha história foi fator determinante para a descrição de significados e a contribuição dos (as) autores (as), foi fundamental, para a interlocução e a descoberta do sentido de conviver.

As definições de vida comunitária que fizeram parte dessa investigação foram encontradas nas obras de Gianni Vattimo, quando ele afirma que a experiência comunitária se faz na relação com o outro, mesmo que não tenhamos a mesma opinião ou a mesma interpretação, mas o que verdadeiramente importa é o respeito.

Assim, encontrei na comunidade investigada do bairro dos Garcias o que os autores anunciam em suas obras, tais como o processo dialógico de Martin Buber, onde o encontro acontece no face a face, na presença do Tu e não do Isso, ou seja, nessa comunidade rural, os seus habitantes, em meio à tecnologia e a ciência não fazem do outro um objeto ou um meio para alcançar uma meta, mas preservam a cultura e estabelecem relações verdadeiras.

Nesse estar junto com o próximo, ocorre o processo descrito por Roberto Esposito, o esvaziamento do ser, e inicia-se o compartilhamento, não no sentido coletivista, mas a partilha de sentimentos, opiniões e aspirações.

Ao buscar esse sentido comunitário percebeu-se que a religiosidade é um dos fatores desse vínculo e na capela ocorrem os encontros e se estabelecem diálogos e trocas.

As festas religiosas expressão a tradição, e estimulam as relações comunitárias, pois é o momento do encontro, do mutirão e da partilha, já que parte do dinheiro arrecadado é utilizada para suprir as necessidades da própria comunidade (compra de alimentos, agasalhos, gastos com energia, água e demais manutenções).

Como Vattimo anuncia, vivemos hoje o retorno religioso, e a afirmação de identidades locais e nesse contexto a comunidade dos Garcias no município de Piedade - SP, mesmo envolvida nas transformações sociais, preserva a identidade, vive a religiosidade em suas particularidades. Como afirma Gianni Vattimo:

[...] Essa capacidade de viver a pluralidade, sem neurose, sem nostalgia das culturas fechadas, tradicionais, autoritárias, é decisiva para a sobrevivência das sociedades democráticas e para o desenvolvimento de qualquer sociedade nos dias de hoje. Os perigos dos integristas de qualquer espécie: raciais, religiosos etc. estão diante de nós em várias partes do mundo, e é cada vez mais evidente que a solução desses problemas não pode ser apenas econômica, e, portanto, ainda uma vez, técnica, quantitativa, mecânica. (VATTIMO, 1992, p. 17)

Vattimo é cristão, escreve questionando a igreja católica sobre sua posição perante as transformações da sociedade, o sacerdócio feminino, o aborto, a fecundação in vitro e a eutanásia. Não defende a morte, mas enfatiza o respeito pelo ser humano. Sua posição causa várias opiniões a seu respeito, tais como um “herege” frente ao vaticano.

Algumas pessoas questionam diante das suas afirmações, a identidade da igreja católica. Mas o que realmente o autor deseja anunciar é a liberdade de cada um viver a sua religiosidade. E a igreja independente do local onde está inserida deve ser acolhedora.

Ao estabelecer um diálogo entre os textos de Gianni Vattimo e de Newton Aquiles von Zuben, buscou-se analisar o pensamento religioso de Vattimo, com as pesquisas de Zuben e a relação estabelecida entre ambos foi, tanto religiosamente quanto cientificamente que a bioética faz parte do cotidiano, provoca a curiosidade e desperta discussões. Zuben acredita que a religião quando se limita aos dogmas, de nada contribui para as pesquisas da bioética.

Na comunidade rural, o objetivo não foi observar o conservadorismo das tradições, mas as permanências culturais em meio a esses debates que transitam nos meios de comunicação e adentram nessa realidade.

Observou também que a experiência religiosa, descrita por Vattimo se faz principalmente nas orações, na leitura e na interpretação da Bíblia e é justamente esse um dos fatores de reunião, os encontros acontecem nas rezas nas casas ou na capela, nos terços e nas celebrações.

Poderíamos ser justos com a experiência do retorno ao concebê-lo como um movimento que diz respeito a nós, que estaríamos reencontrando um objeto esquecido, a Sagrada Escritura que permaneceu intacta em algum lugar esperado-que por algum motivo misterioso- nós (a nossa cultura, o

mundo contemporâneo, etc.) a redescobríssimos? (VATTIMO, 2000, p. 101)

A religiosidade permanece em meio às transformações da modernidade, na busca pelo sagrado, na espiritualidade, não sendo meramente uma fuga, mas uma busca pelo sentido da existência. São situações particulares de expressar sentimentos, comportamentos e costumes.

Recordar o modo de vida da comunidade através das narrativas dos (as) antigos (as) moradores (as) e fazer a releitura do livro de Antonio Candido faz perceber quantas semelhanças pode existir no modo de viver, porém, cada local tem as suas particularidades, pois é composto por pessoas distintas uma das outras.

Uma história também é construída por sentimentos. Ao dialogar com Francisco, Davi, Antonia e Josefina, suas memórias do passado eram carregadas de emoções, (que não conseguimos descrever) ao falar dos mutirões, das festas, da amizade que existia e da parceria.

Reflico sobre o sentido do termo os “parceiros”, utilizado no livro de Antonio Candido, “Os Parceiros do Rio Bonito” e nele, “parceiro” relacionava-se à forma de trabalho na lavoura, denominação hoje também utilizada como meeiro. Faço a minha definição, ao ler o livro e ao ouvir as narrativas dos idosos da comunidade: parceiros eram amigos que sabiam partilhar, não somente o que possuíam, mas cada momento, num tempo histórico onde segundo relatos a vida era mais simples.

Ouvir as histórias e escrevê-las permitiu reconstruir fatos e acontecimentos dando voz a esses homens e essas mulheres (minorias), que diante de uma sociedade movida pelo consumismo e pelo individualismo, não são vistos nem reconhecidos. O caipira é sujeito de uma história repleta de representações e imaginários.

Foi constatado que outro local que é determinante para o sentido de comunidade é a escola, a qual desde sua origem, nas casas dos antigos moradores, demonstra que o homem e a mulher da roça aspiram pela educação e buscam a mudança social.

Desde as décadas de 1930 e 1950, as escolas passaram a fazer parte da comunidade, construídas nas casas dos moradores. Tornavam-se espaços de aprendizagem, diferentemente da obra de Antonio Candido, o qual não narrou a

presença de escolas no agrupamento investigado (acredito que deveriam existir). A comunidade dos Garcias deixa clara a importância da mesma.

Atualmente, a escola segue o programa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, cumprindo todas as determinações. As especificidades do local pelo qual está inserida, torna a mesma um local de relações e interações particulares que fazem, portanto, a aprendizagem mais significativa para os (as) alunos (as).

O currículo é o mesmo para todo o Estado de São Paulo, sendo esse um dos fatores negativos nesse processo, o que torna particular a aprendizagem nessa escola rural em relação às escolas urbanas é o contexto e os projetos voltados para o local. Os mais significativos, segundo relatos dos (as) alunos (as), foram a conscientização sobre a importância do reaproveitamento dos restos e sobre a manutenção da mata ciliar do rio que passa próximo à escola, pois se diferenciaram dos conteúdos ministrados em sala de aula.

Além da igreja, a escola também é um local de relações, as festas realizadas reúnem toda a comunidade desde a arrecadação de alimentos, prendas e animais até a organização e a festa. A participação é ativa. Nesses encontros professores (as) e alunos (as) apresentam seus trabalhos para a comunidade, compartilham seus conhecimentos e festejam.

Ao presenciar uma dessas festas, foi observado que são os pais e as mães que trabalham na cozinha fazendo os alimentos que são vendidos, nas barracas e na roleta. Os (as) professores (as) somente auxiliam os (as) alunos (as) nas danças e nas vendas dos doces e salgados em prol do grêmio estudantil e da formatura. Para os membros da comunidade, ajudar a escola é estar em interação com ela.

Devido à grande participação das pessoas do bairro o lucro é relativamente significativo, mas não foi constatado o uso desses recursos em benefício da comunidade, pois o dinheiro é em prol da escola e o seu gasto deve ser justificado não somente para a APM (Associação de pais e mestres), mas para a Secretaria da Educação.

A noção de comunidade na escola Miguel Pires Godinho, comparando com as escolas urbanas do município de Piedade, principalmente a E.E Prof^a. Theodora de Camargo Ayres, na qual sou professora efetiva desde 2002, apresenta-se como

fator positivo, no que se refere a participação das famílias do bairro nas atividades desenvolvidas. Os pais e as mães visitam a escola com mais frequência e doam o trabalho quando necessário.

Em contrapartida a escola rural, devido as normas e regras que tem que seguir da Secretaria da Educação, não oferece a atenção necessária a cultura e aos princípios de solidariedade e partilha que os membros da comunidade oferecem e praticam em suas relações cotidianas.

A tranquilidade do meio rural é um dos fatores descritos pelos (as) alunos (as) como responsáveis pela facilidade que os (as) professores (as) encontram em ensinar e desenvolver projetos, e claro, se os (as) mesmos (as) conseguem cumprir seus objetivos, os (as) estudantes aprendem mais.

Assim, descrevem seus professores e suas professoras como excelentes, pois no dia-a-dia dessa escola pequena, as classes são pouco numerosas e unindo esse fator à importância que os mesmos dão à educação, a aprendizagem torna-se uma consequência.

Porém, vale ressaltar que a educação deve partir da realidade dos (as) alunos (as), os (as) quais devem participar do processo ensino - aprendizagem. Como afirma Ana Maria Araújo Freire:

É assim que eu entendo a necessidade que os professores têm de transcender sua tarefa meramente instrutiva e assumir a postura ética de um educador que acredita verdadeiramente na autonomia total, liberdade e desenvolvimento daqueles que educa. (FREIRE, A., 2001, p. 78)

Dialogar com os (as) alunos (as) da escola rural contribuiu para perceber a importância de respeitar as diversidades e as particularidades de cada lugar. Eles deixaram claro que gostam de estudar, reconhecem-se como sujeitos da própria história, pretendem ampliar os estudos, trabalhar, mas não mencionaram deixar de morar no local em que vivem hoje.

A falta de vontade de permanecer trabalhando na roça acontece devido às dificuldades encontradas pelos familiares que são “pequenos agricultores” e, muitas vezes trabalham e não obtém lucros nas vendas das mercadorias. Os (as) filhos (as) esperam na escola encontrar o caminho para um futuro diferente dos pais. Essa foi a minha perspectiva, quando estudei nas décadas de 1970 e 1980 na escola rural do

bairro dos Garcias. A realidade não era muito diferente. Estudávamos com a cartilha, saíamos às vezes para fazer piquenique no meio das lavouras, não estudávamos nada relacionado à agricultura, aos costumes e a cultura rural. Desejei como esses (as) alunos (as) mudar de vida, através do estudo.

Essa conversa também me fez parar para pensar no que torna um povo diferente do outro: Sua cultura, seus costumes? Surgiu então uma nova pergunta: O que acontece quando os (as) jovens se esquecem de ouvir os mais velhos e recontar suas histórias?

Lembrei-me assim de uma de nossas aulas com o professor Reigota, onde foi sugerido que assistíssemos ao filme “Tapete Vermelho”, como complementação de nossos estudos. Eu nem imaginava o quanto assistir esse filme iria me fazer lembrar da minha infância e as histórias narradas pelo meu avô, comentei esse fato com o professor e com os (as) colegas da sala em uma das minhas apresentações sobre a minha trajetória e sobre o livro de Antonio Candido: “Os parceiros do Rio Bonito”. O professor então sugeriu: “vai atrás do seu avô e traga essas histórias”.

Como não os tenho mais para contar esses fatos, pois o único que está vivo, não ouve e fala com dificuldade, matei a saudade e a curiosidade ouvindo seu Francisco, seu Davi, dona Josefina e dona Antonia.

Narro o filme que tanto me instigou a buscar as histórias vividas pelos (as) antigos (as) moradores (as) dessa comunidade e deixar registrado, nessa dissertação, fatos “acontecidos de verdade”.

- Filme Tapete Vermelho

Quinzinho, um caipira, vivia longe da cidade e da tecnologia, guardava na memória as lembranças do tempo de criança, onde com seu pai ia ao cinema assistir os filmes do Mazzaropi.

Certo dia decidiu fazer a mesma coisa com seu filho Neco e sua esposa Zumira. Partiu rumo à cidade mais próxima, em busca de um cinema que ainda passasse o filme do Mazzaropi. A trajetória foi repleta de aventuras, crenças, decepções e surpresas. Ao pedir pouso na casa de um vizinho chamado Marcolino,

a sua esposa, reclamou que durante a noite seu filho chorava de fome, mas seu peito estava cheio de leite. Dona Zumira, que era benzedeira, ficou acordada durante a noite e descobriu que era uma cobra que vinha roubar o leite da criança. Após a oração a São Tantão a cobra voltou para a casa de quem fez a maldição.

No caminho, Quinzinho se deparou com um violeiro que encantava a todos com sua canção, e prometeu torná-lo o melhor violeiro, combinaram que à meia-noite iriam até uma encruzilhada. Na hora combinada seguiram ao local e eis que o diabo apareceu para fazer o pacto e realizar seu sonho. Quinzinho vendo o bicho fugiu em disparada.

Também na estrada são surpreendidos pelo Mané Charreteiro; pelo possível anjo que fez uma simpatia para Quinzinho aprender tocar a viola; pelo ladrão que roubou o burro da família e ainda os colocou numa emboscada, no assentamento de sem-terra, durante a madrugada após a invasão da polícia, Quinzinho é preso e separado da família.

Ao sair da prisão foi a Aparecida do Norte e fez promessa para achar seu filho que se perdeu no tiroteio. A mulher já estava com a família em São Paulo. O mais surpreendente é que em toda cidade que chegavam encontravam os antigos cinemas transformados em lojas e igrejas. Em uma delas Quinzinho conseguiu as latas velhas com os filmes do Mazzaropi.

Feliz da vida foi a um cinema e pediu para passar o filme. Sendo o seu pedido negado, se acorrentou na pilastra e disse que só sairia dali quando assistisse ao filme do Mazzaropi. Após grande repercussão na mídia do fato, ele enfim assistiu ao filme com seu filho e sua esposa, mas antes exigiu um tapete vermelho para a sua entrada no cinema.

O filme nos apresenta as histórias que hoje para nós são lendas, nos mostra o cotidiano do caipira, que não fazem parte somente da ficção, mas fatos acontecidos e vividos num passado não tão distante.

Assim encerro essa dissertação com a seguinte poesia:

Ao trilhar esse caminho da pesquisa
deparei-me com as histórias reais

dos moradores da antiga comunidade,
e me vi como uma expectadora nessa trajetória,
procurei então encontrar
no cotidiano que me confrontei,
o jeito caipira de ser
e como no filme Tapete Vermelho,
andei pelas estradas procurando vestígios:
do Lobisomem, do boitatá, do saci,
da mula sem cabeça, dos mutirões,
da reza e da caridade.
Encontrei a tecnologia, a escola e a igreja
desfazendo a nostalgia,
abrindo os olhos para a realidade.
O lobisomem, o boitatá, a mula sem cabeça e o saci,
não aparecem mais, tem muita luz,
barulho e automóvel,
Tem também a molecada
que já prometeu desvendar o mistério,
correndo atrás dessa fantasia,
pois é isso que fizeram com as criaturas
que para Francisco, Davi, Antonia e Josefina
faziam tremer as pernas e desmaiar de susto
Quando um deles de verdade aparecia.
O mutirão não existe mais não,
existe a ajuda de vez quando,
a um amigo ou um parente,
que não tem dinheiro para pagar o pedreiro
e o servente para fazer a construção.
Na roça o trabalho é remunerado,
mas falta camarada,
pois ninguém quer a vida toda
ficar no cabo da enxada.
E assim as crianças vão estudar,
na esperança de um dia ser alguém na vida,

na confiança que com os livros e a “nova cartilha”,
a história consigam mudar.
Querem trabalhar na cidade,
ganhar um bom salário,
mudar e deixar no passado um conhecimento,
que com grande lamento
não adentrou pelo portão da escola.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). **O sentido da escola**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BATISTA, Sonia Ap. Ijano. “**Pra que ensinar literatura pra quem carrega sacos nas costas**”? 2003. 89 p. Dissertação Mestrado em Educação. Universidade de Sorocaba, 2003.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo. Centauro, 1974.

_____, **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Reunião Ordinária do Conselho Permanente, 7., 1982, Brasília, DF. **As Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil**. Brasília: [CNBB], nov. 1982.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida: 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (orgs): **A religião: O seminário de Capri. São Paulo**: Estação Liberdade, 2000.

ESPOSITO, Roberto: **Comunidade e Nihilismo**, in. PAIVA, Raquel. (org.) O retorno da Comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007^a: p. 15-30.

_____, **Comunidade, imunidade e vida. Caderno escolar**: pensar a escola, Lisboa, n. 5, p.4-13, 2007b.

FAILLACE, Sandra. T. **Comunidade, etnia e religião**: um estudo de caso na Barragem de Ita (RS/ SC). 1990. 264 p. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1990.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis, RJ: DP et AI, 2008.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo, Ed. UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Sílvio. **Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola**. In: GALLO, Sílvio. (org.) **Cotidiano escolar: Emergência e invenção**, Piracicaba: Jacintha Editoras, 2007.

GUIMARAES, Ana Lúcia. **Todo processo de avaliação da educação deve contar com a participação dos professores**. Entrevista com Jean-Marie De Ketele. Revista de Estudos Universitários. Sorocaba: SP, v.34, n.1, p. 135-141, jun. 2008.

HATOUM, Milton. **Laços de parentesco: ficção e antropologia**. PEIXOTO, Fernanda Áreas; PONTES, Heloisa; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (orgs). Antropologia, histórias, experiências. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1992.

O CÉU DE SUELY. Dir. Karim Aïnouz. Videofilmes, Celluloid Dreams e Shotgun Pictures. Brasil, 2006. 1 DVD.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **A democracia no cotidiano da escola**. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001a.

_____, ALVES, Nilda (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes e saberes**. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001b.

PRADO, Bárbara Heliodora. S. Prado. **Educação ambiental no cotidiano de escolas rurais de Itapetininga: a recuperação de matas ciliares**. 2004. 207 p. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Sorocaba, 2004.

REIGOTA, Marcos. **Ecologia, elites e intelligentsia na América Latina: um estudo de suas representações sociais**. São Paulo: Annablume, 1999a.

_____, **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul, SC: Edunisc, 1999b.

_____; POSSA, Raquel; RIBEIRO, Adalberto (orgs). **Trajetórias e Narrativas da Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____, **Meio Ambiente e representação social**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni; ZABALA, Santiago. Org. **O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

SPINK, Peter Kevin. **O pesquisador conversador no cotidiano**. *Revista Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 20, p. 70-77, 2008.

SPINK, Mary Jane. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____, Mary Jane. **Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em psicologia social**. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, ano 1, n.19, p. 7-14, jan./abr. 2007.

TAPETE VERMELHO. Dir.: **Luiz Alberto Pereira**. Estúdio/Distrib: Europa Filmes. Brasil. 2006. 1 DVD.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1997, p. 9-47.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais**. In: FERNANDES, Florestan. (org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Nietzsche**. Lisboa: Editorial Presença. 1990.

_____, **A educação contemporânea entre a epistemologia e a hermenêutica**. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n.108, p. 9-18 jan./mar., 1992.

_____, **O Vestígio do vestígio**. In. DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (orgs): **A religião: o seminário de Capri**. São Paulo: Estação Liberdade. 2000. p. 91-107.

_____, **A Idade da Interpretação**. In. ZABALA, Santiago (org.). **O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006. p. 63-77.

_____, **O Belo como experiência comunitária.** In. PAIVA, Raquel. (org.) **O Retorno da Comunidade: Os novos caminhos do social.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007^a. p.63-68.

_____, Gianni; **O capitalismo é em grande parte, responsável pela infelicidade.** (entrevista), CULT, São Paulo, n. 126, ano 11, p. 12-15, tradução de Daniel da Costa, 2008.

_____, Gianni. **Liberdade, uma herança do cristianismo.** Disponível <http://www.cebsuai.org/content/view/1801/80/> Acesso em: 15 de jul. 2009.

VENDRAMINI, Célia Regina. A escola diante do multifacetado espaço rural. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 145-165, jan./jun. 2004.

ZANCANARO, Lourenço. **O conceito de responsabilidade em Hans Jones.** 1998. (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 1998.

_____. **A Ética do discurso e a educação em crise.** **Revista de Estudos Universitários:** Sorocaba: v. 33, p. 123-141, dez. 2007.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. **Filosofia e educação. Atitude filosófica e a questão da apropriação do filosofar** Em Aberto, Brasília, v. IX n. 45, p. 11-18. 1990.

_____, **Bioética: morte e direito de morrer.** Disponível <http://www.fae.unicamp.br/vonzuben/morte.html/> Acesso em 15 de Set. 2008.

_____, **Martin Buber: cumplicidade e diálogo.** Bauru: EDUSC, 2003.

_____, **Sala de aula: da angustia do labirinto a fundação da liberdade.** In: MORAES, João Francisco Régis de (Org.). **A sala de aula: que espaço é esse?** 19. ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 29-37.

_____, **As investigações científicas e a experimentação humana: aspectos bioéticos.** Bioethikos, São Paulo: v. 1, p. 12-23, Jan./jun. 2007.